

ORGANIZADORES

Chie Hirose

Roberto C. G. Castro

JEAN LAUAND:

50 ANOS NA USP

Memórias e depoimentos



KAPENKE

Jean Lauand:
50 anos na USP
(memórias e depoimentos)

SUMÁRIO

Nota dos organizadores – Em homenagem a Jean Lauand: pensador, professor e amigo <i>Chie Hirose e Roberto C. G. Castro</i>	05
Meus 50 anos de USP – revisitando escritos e ensino <i>Jean Lauand</i>	07
Depoimentos sobre Jean Lauand	
Jean Lauand e a universidade do nosso tempo <i>Paulo Ferreira da Cunha</i>	81
Um pensador aberto à comunicação <i>Alfonso López Quintás</i>	89
Entre o perene e o temporal <i>Alexander Fidora</i>	90
Em diálogo com Jean Lauand <i>Miguel Ángel García Olmo</i>	91
A modo de epigrama <i>Pere Villalba Varneda</i>	94
Obrigado, Jean Lauand <i>João Relvão Caetano</i>	97
Jean Lauand: o mestre, o amigo e a intelectualidade contagiante <i>Silvia M. Gasparian Colello</i>	99
Trinta anos aprendendo com o <i>sensei</i> Jean Lauand <i>Chie Hirose</i>	103

Copyright © Roberto C.G. Castro, Chie Hirose
Todos os direitos reservados.

1a. edição 2020

Editoração e capa Vitor Chaves de Souza

O conselho editorial de obras acadêmicas é constituído pelos professores doutores:

Presidente Rui de Souza Josgrilberg (UMESP) Teologia e Filosofia
Presidente de honra Jean Lauand (USP) Filosofia e Educação
Editor Responsável Vitor Chaves de Souza (Kapenke) Teologia e Arte
Franklin Leopoldo e Silva (USP e São Bento) Filosofia
Etienne Alfred Higuete (UEPA) Filosofia e Teologia
Milton Schwantes [in memoriam] (UMESP) Arqueologia e Bíblia
José Carlos Bruni (UNESP e São Bento) História da Filosofia
Alan Faber do Nascimento (UFVJM) Sociologia e Educação
Luis Heleno Montoril del Castillo (UFPA) Literatura e Arte
Maria Carolina Alves dos Santos (UNESP e São Bento) Filosofia Antiga
Pere Villalba Varneda (Universidad Autònoma de Barcelona) Estudos Clássicos
Eduardo Chaves (UNICAMP) Filosofia e Teologia
Edson de Faria Francisco (UMESP) Línguas Antigas e Bíblia
Tommy Akira Goto (UFU) Psicologia e Fenomenologia
Paulo Ferreira da Cunha (Universidade do Porto) Direito e Filosofia
Eduardo Gross (UFJF) Ciência da Religião
Cleber Baleeiro (UMESP) Filosofia da Religião
Sylvio R. G. Horta (USP) Estudos Orientais e China
Blanches de Paula (UMESP) Psicologia e Teologia
Aida R. Hanania (USP) Estudos Orientais e Mundo Árabe
Marcos Aurélio da Silva (UMESP) Religião e Humanidades

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil)

Hirose, Chie & Castro, Roberto C. G. (Org.): 50 anos na
USP (memórias e depoimentos) ; Santo André:
Kapenke, 2020.

ISBN 978-85-93894-21-3

1. Educação – Crítica e interpretação 2. História do
pensamento

3. Biografia I. Título

Todos os direitos desta edição reservados aos autores

Editora Kapenke
Rua Ibirapitanga, 454
Santo André SP 09195-450 Brasil

Nota dos organizadores – Em homenagem a Jean Lauand: pensador, professor e amigo

Chie Hirose & Roberto C. G. Castro¹

O presente volume é parte das homenagens que os diretores e membros do Cemoroc (Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente do EDF-FEUSP – Departamento de Filosofia e Educação da Faculdade de Educação da USP) querem prestar a seu Fundador e Presidente neste 2020, no qual se completam 50 anos da atividade de Jean Lauand na Universidade de São Paulo.

Os organizadores foram orientandos do homenageado e são diretores do Cemoroc. Neste volume, junto com saborosas memórias do mestre – notas de conferência no XXI Seminário Internacional Cemoroc, celebrado em sua homenagem – recolhem-se depoimentos de Professores estrangeiros sobre Jean Lauand: Alexander Fidora, Alfonso López Quintás, João Relvão Caetano, Miguel Ángel García Olmo, Paulo Ferreira da Cunha e Pere Villalba. Além dos depoimentos de Silvia M. Gasparian Colello, como colega, e o de Chie Hirose, ex-aluna.

Recordam a trajetória de 50 anos do autor como docente, como escritor (e tradutor) de mais de 100 livros e 400 artigos sobre os temas de suas especialidades: filosofia da educação, cultura árabe, história da educação medieval, a filosofia de Josef Pieper e S. Tomás de Aquino, a psicologia de David Keirse, suas requintadas análises de linguagem etc. E como editor, que criou importantes revistas internacionais.

Alguns dos textos deste livro foram recolhidos de prefácios a JL e do livro, que teve como organizador Roberto C. G. Castro: “O intérprete do Logos” (São Paulo: ESDC, 2009), também publicado em homenagem a Jean Lauand, por ocasião de sua aposentadoria na Feusp.

Agradecemos a todos os que colaboraram e que venham a colaborar no próximo volume, que estamos a organizar, em homenagem (e entranhável reconhecimento) a nosso querido mestre.

¹. Ambos os organizadores tiveram o homenageado como orientador (na Feusp) de doutorado e supervisor de Pós doutorado e se encarregaram de recolher depoimentos sobre o mestre.

Meus 50 anos de USP – revisitando escritos e ensino

Notas de duas conferências no “XXI Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação” (2020), em homenagem aos 50 anos de Universidade de São Paulo do autor.

Jean Lauand²

Parte I – Liberdades que se tomam

Introdução e notas prévias

Em primeiro lugar, quero agradecer à organização deste XXI Seminário, por esta tão tocante lembrança de que 2020 é meu 50º ano na USP, desde que ingressei como aluno, em 1970³, até os dias de hoje, em que como Professor Titular Sênior, continuo dando aulas no Programa de Pós Graduação da FEUSP, dirigindo revistas acadêmicas e orientando. Minha estreia como professor deu-se em 1972, meu primeiro artigo foi publicado em 1978 e o primeiro livro em 1986. Nesta conferência, revisitarei meus primeiros anos na USP (como aluno e professor) e algumas das áreas de meus escritos, deixando o que faltar para a parte II deste artigo.

Uma nota prévia, que facilitará a documentação desta minha fala. Em todas as vezes que me referir a artigos ou livros meus **no exterior**, o correspondente link encontra-se, facilmente localizável, em uma página de meu site contendo, ordenadamente por 40 países e 140 links para minhas publicações (e suas repercussões, resenhas, prêmios etc.), em 15 línguas: <http://www.jeanlauand.com/pagen3.html>.

Outra nota prévia: a base de toda essa repercussão de meus artigos no exterior, devo-a (muitos de nós devemos...) a nosso editor de Internet do Cemoroc, o Prof. Dr. Sylvio Horta, do curso de chinês da FFLCHUSP. Tive a honra de ser seu orientador de mestrado e de doutorado e, colaborando com ele, fundar as revistas do Cemoroc, que graças a seu extraordinário talento (também para a tecnologia), já nasceram eletrônicas, em 1997. Esse pioneirismo (até mundial) de Horta na Internet possibilitou que tivéssemos, na época, “moeda de troca” para fundarmos as primeiras parcerias

². Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br. Fundador e presidente do Centro de Estudos Medievais – Oriente & Ocidente (Cemoroc) do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação (EDF) da FEUSP, e editor de suas revistas internacionais. Membro correspondente da Real Academia de Letras de Barcelona.

³. Inicialmente na Escola Politécnica (ótima escola, mas não para mim...) e, no ano seguinte (1971) no Instituto de Matemática e Estatística da USP. Em 1975, ingressei no Mestrado da FEUSP e, desde 1981, como professor da mesma FEUSP.

com prestigiosas universidades europeias: Freiburg, Autônoma de Madri, Autônoma de Barcelona, Porto etc. Algumas duram até hoje, sendo que nossas revistas *Notandum* e *Revista Internacional d'Humanitats*, já passaram do No 50! Outra consequência importante dessa inovação editorial foi o fato de nossas revistas terem sido incluídas (e indexadas) nos, também nascentes, bancos de dados e indexadores internacionais. Para a trajetória do Cemoroc e sobre o papel de Sylvio Horta em sua fundação, ver: <http://www.hottopos.com/isle25/05-22Jean.pdf>

Permitam-me começar esta nossa conversa com uma curiosidade intrigante, que só pude esclarecer pesquisando para esta conferência. Comecei a lecionar (Física, em 1972) na Escola Estadual Dr. Carlos Augusto de Freitas **Villalva Jr.**, no bairro do Jabaquara. E em 2018 voltei ao ensino Médio, como professor colaborador do Colégio Luterano São Paulo, no Ipiranga (Moinho Velho), mais precisamente na Rua Professor **Vilalva Jr.** Não sou supersticioso, mas resolvi esclarecer quem é este meu (duplo) “patrono”. Pesquisando em jornais antigos, parece que, na verdade, o Villalva Jr. (é de supor que seja o mesmo) não foi doutor e talvez, nem propriamente professor. Foi um jovem que se formou na escola normal e morreu em 1909, quando cursava o último ano da Faculdade de Direito, na qual teve algum destaque nas atividades no Grêmio da São Francisco e, sobretudo, na imprensa estudantil. É o “júnior” de um pai famoso, político importante dos primeiros tempos da República, até seu falecimento em 1935. Em 1949, a prefeitura batizou com o nome do filho a rua em que trabalho, embora – como acontece com tantos que dão nome a ruas e escolas – ninguém tenha hoje a menor ideia de quem terá sido o ilustre...

Voltando à Introdução, nesta 1ª. conferência vou revisitar meus primeiros escritos (como nos compactos de futebol: só os lances mais significativos – 50 anos em 70 páginas), o que é uma ocasião de memória afetiva, mas também de procurar as ideias mestras que os fundamentam e suas origens, de selecionar algumas passagens que considero mais importantes e tecer alguns comentários sobre sua repercussão. E, sobretudo, agradecer a tantos mestres, colegas e alunos que contribuíram na minha formação de escritor e professor.

Desde já, peço ao leitor a benevolência para um ou outro lapso de memória e para a “desordem” destas lembranças, nas quais, por vezes, algum tema será interrompido – porque um assunto puxa o outro – e só depois retomado etc. Nesse sentido, fica estabelecida a seguinte convenção de abreviatura:

*** - significa: em outro tópico voltarei tematicamente a este assunto.

Constam hoje no meu Lattes perto de 400 “artigos completos publicados em periódicos”, 100 livros (incluindo os que organizei), além de dezenas de traduções, entrevistas, capítulos, prefácios, editoriais e outros escritos. E muito mais conferências do que as 300 e tantas que estão no Lattes...

Finalmente, tenha-se em conta desde o princípio, que, em meu caso, escrever e traduzir é inseparável da vocação de professor. E, do mesmo modo, o estudo, o pensamento e as pesquisas e tudo sempre têm um (ou dois...) olho(s) voltado(s) para a sala de aula.

A liberdade que se toma: as ousadias da juventude (e depois...).

“*La libertad es la libertad que se toma*”. Esta sentença, do saudoso pensador, um dos maiores da Espanha, Julián Marías***, foi por ele mesmo continuamente vivida (em uma longa época franquista em que tudo era proibido...). Hoje, revendo os

começos de minha trajetória acadêmica, vejo com espanto que, com a bendita “inconsciência” dos vinte e poucos anos, tomei muitas liberdades e encarei desafios, que me pareciam, na minha ingenuidade de então, a coisa mais natural do mundo, mas eram altamente atrevidas: fundar uma revista; cursar o mestrado em Filosofia da Educação (tendo vindo da Matemática); “assediar” professores notáveis para ter com eles “aulas particulares”, entrevistar inúmeras importantes personalidades do mundo acadêmico; publicar artigos no Suplemento Cultural do Estadão, estabelecer correspondência com o grande filósofo alemão Josef Pieper etc.

Devo deter-me um pouco mais nos começos. Em 1972, comecei a cursar disciplinas na FEUSP por conta de fazer a licenciatura em Matemática. Tive a sorte de ter como professor de “Prática de Ensino de Matemática” o saudoso Dr. Scipione Di Pierro Netto, consagrado autor de livros didáticos, grande mestre e conferencista. Nos dois semestres da disciplina, Scipione interessou-se pelo aluno que apresentava seminários sobre Filosofia da Matemática. É porque eu havia feito uma espécie de “iniciação científica” não formal, com grandes professores do IME, que eu importunava como se fosse um “orientando”: Trajano Couto Machado, Galdino César da Rocha Filho, Alexandre Augusto Martins Rodrigues e Newton Carneiro Afonso da Costa. E tinha sido também monitor do saudoso Prof. Dr. Benedito Castrucci, nas disciplinas de História da Matemática (com uma bolsa do CNPq – de uns U\$ 150 por mês – para a qual tive que, com orgulho, abrir conta no Banespa...).

Poucos anos depois, troquei meu mestrado em Álgebra Linear (1974) pelo mestrado na FEUSP (1975). A dissertação foi sobre Filosofia da Matemática e Ensino de Matemática, a partir de um caso concreto muito interessante: a mesma disciplina “Geometria Analítica” (parte da matemática do antigo colegial) era ensinada em São Paulo do modo clássico (que, em última análise, remetia a seu criador: René Descartes) e no Rio de Janeiro era ensinada, de modo totalmente diferente: por vetores! Tal divergência não era puramente “pedagógica”, mas de “filosofia da educação” e “filosofia da matemática”.

Grosso modo, no IMEUSP eu tinha sido formado em um formalismo – o famoso grupo Bourbaki tinha por lema: “Quem diz matemática, diz demonstração” –, considerando a matemática como simplesmente estruturas abstratas, alheias a qualquer significado real, concreto. Desde os anos 60, um formalismo excessivo – a febre do movimento “Matemática Moderna” – tinha impregnado a educação: currículos, livros didáticos etc. Mas em 1976 havia sido traduzido no Brasil – com o título “O fracasso da Matemática Moderna” – o contundente livro de Morris Kline (“*Why Johnny can't add: The failure of the new math*”), mas, para mim, tinha sido sobretudo a leitura do filósofo alemão Josef Pieper (desde então, principal referência de pensamento ao longo de toda a minha vida), que havia me dado um choque de realidade, da realidade concreta, que me ajudou até a superar o exagerado formalismo na Matemática e mesmo a criticar a “Matemática Moderna”.

Uma lembrança daqueles tempos pré-computadores: a produção material da dissertação foi na base de tesoura e durex – recortar inúmeros trechos de livros didáticos e colar um a um, intercalando-os com os comentários do mestrando. E meu primeiro livro, “Educação, teatro e matemática medievais”, foi publicado pela ed. Perspectiva, quase que com o mesmo modo tipográfico de Gutemberg...

Início da trajetória de escritor/editor. A revista “Educação & Matemática” (E&M)

Nessas alturas eu já lecionava matemática nas FMU (desde 1976, a convite do Prof. Dr. Hamilton Luiz Guidorizzi) e Scipione convidou-me para assessorá-lo na

editora que ele tinha fundado, a Modulus (depois viria a mudar de dono e se chamar Editora Scipione), basicamente revisando os textos de sua autoria e dando palpites.

Os livros didáticos da Modulus e de Scipione eram voltados para professores de matemática e, em 1978, ele convidou-me para criar uma revista da Modulus para esse público, dando-me grande autonomia como Diretor Editorial (naturalmente, eu consultava com o chefe sobre todas as pautas, que ele, em geral, aprovava). Educador de visão, já naquela época, ele pensava na formação de professores (hoje, felizmente, muito mais em pauta...). A revista, “Educação & Matemática”, chegou a ter 8 números e, relativamente, um grande número de assinantes. Nela publiquei meus primeiros artigos, traduções, entrevistas, enfim, as primícias de todo meu trabalho futuro. Scipione, grandioso, não poupava gastos com esse projeto (assinatura de revistas americanas, viagens de trabalho etc.). Hoje, vejo com satisfação que essa revista é objeto de estudos e trabalhos acadêmicos, dos quais citarei, brevemente, dois:

Revista Educação & Matemática: explosão criativa no final dos anos 70 – projeto de Iniciação Científica apresentado no Seminário Paulista de História e Educação Matemática IMEUSP (2006). Autor: Clauser Oliboni Voltaine.

A Revista Educação & Matemática (...) editada pelo Professor Luiz Jean Lauand (...) foi escolhida como objeto de pesquisa por ser um ponto de reflexão sobre o momento da História da Educação Matemática, por suas propostas inovadoras e por sua linguagem revolucionária em relação a outras publicações acadêmicas.

(<https://www.ime.usp.br/~sphem/documentos/sphem-posteres.pdf>)

Histórias de periódicos e da Educação Matemática no Brasil...

Arlete de Jesus Brito (Unesp) & Maria Angela Miorim (Unicamp) em “Educação Matemática Pesquisa”, rev. da PUCSP v. 14, N.3, 2012.

Educação & Matemática (...) Com Direção Editorial de Luiz Jean Lauand (...) Os artigos apresentados no espaço da revista abordam questões atuais do ensino de matemática (...). A seleção dos temas e dos autores das matérias publicadas na revista nos apontam para o grande envolvimento do seu corpo editorial com as questões sobre o ensino de matemática que estavam em pauta naquele período. A participação do periódico nas atividades da 5ª Conferência Interamericana de Educação Matemática [V CIAEM], realizada de 13 a 16 de fevereiro de 1979, na Unicamp, e a publicação de entrevistas com investigadores de diferentes países e textos de algumas apresentações, confirmam o comprometimento do periódico com a educação matemática brasileira.

(<https://revistas.pucsp.br/emp/article/view/12761>)

E&M trazia a discussão sobre o formalismo, a “Matemática Moderna” etc. e suas matérias foram muito úteis para meu mestrado. Meu orientador de mestrado, o medievalista Dr. Ruy Nunes, já me havia advertido que não entendia nada de matemática e que eu teria que ser meu próprio orientador de fato. Meu orientador de doutorado, Dr. Nicolas Boer, iria me dizer o mesmo em minha tese sobre Pieper, que ele conhecia, mas achava melhor deixar-me totalmente por minha conta, já que eu estava sob “orientação” epistolar do próprio Pieper. Que diferença para com os orientadores de hoje, que por vezes, têm que agir quase como babás...!

Pesquisas fundamentadas na matemática: a Álgebra árabe (e seu contexto religioso e cultural)

Sou muito grato aos anos que passei no IMEUSP, que me ajudaram na formação de estilo de pensamento, oferecendo um rigor lógico (“... *qui dit mathématique, dit démonstration*”) que equilibrasse minha forte tendência à intuição do concreto... além do preparo técnico, que me permitiria enfrentar alguns temas que a mera formação em humanas consideraria impenetráveis, como os conceitos da matemática medieval***, ensinada nas escolas monásticas da época.

A formação matemática possibilitou-me também uma das pesquisas que mais me entusiasmou: a da Álgebra surgida nos primeiros tempos do Islã, a Álgebra como ciência árabe (em port.: <http://www.jeanlauand.com/FilosofiaArte.pdf>, pp. 85-100), que em 1994 (já tendo feito estudos de árabe na FFLCHUSP***), foi tema central de uma disciplina de mestrado que ministrei no, então, recém criado “Pós-Graduação em Língua Literatura e Cultura Árabe” do DLO (Departamento de Letras Orientais da FFLCHUSP).

De passagem, lembro com tristeza que nossas primeiras orientandas nesse curso da FFLCH sofreram uma injustiça por parte da burocracia acadêmica: seus diplomas só seriam reconhecidos quando o Programa fosse oficializado pelo MEC; e o MEC só reconheceria o Programa depois que os primeiros orientandos defendessem... Outro absurdo da burocracia acadêmica foi proibirem minha mestrandia Ho Yeh Chia, hoje destacada professora da FFLCH, a prestar proficiência de língua em chinês (e a dissertação era sobre Confúcio!), porque ela era de nacionalidade taiwanesa!

Por falar em proficiência em línguas, devo ter sido o único pós graduando da história da FEUSP a fazer o exame de latim.

Em meu artigo, procurava mostrar que a Álgebra estava para o sistema língua/pensamento (J. Lohmann: Cf. <http://www.hottopos.com/notand31/47-56Lohmann.pdf>) árabe (sistema *ma'na*), como a Geometria para o grego (sistema *logos*). Para um maior detalhamento desse sistema árabe, ver o estudo, pp. 27-44 em meu livro: <http://www2.fe.usp.br/~cemoroc/EstudosIJeanRui2015.pdf>.

O tema era fascinante: estudar a fundação da Álgebra, na Casa da Sabedoria de Bagdá, como uma ciência com o DNA árabe, da língua árabe, não como forma de expressão, mas como integrante da “forma de pensamento” (não por acaso o grego não dispunha de zero, números negativos etc. e os “números irracionais”, escândalo para os gregos, eram a coisa mais normal do mundo para o sistema *ma'na*). Com a preciosa revisão da querida amiga María de la Concepción Piñero, titular do curso de Espanhol da FFLCHUSP, em 1998 proferi essa conferência (e a publiquei em espanhol) para o corpo docente do Depto. de Estudios Árabes e Islámicos da Universidad Autónoma de Madrid. Além do bom acolhimento dos colegas espanhóis, uma grata (e rara) surpresa: ao final, a diretora, Dra. Aurora Cano, acompanhou-me ao caixa da UAM para receber os *correspondientes* US\$ 300!

Outro impressionante detalhe de consideração da hospitalidade espanhola, da grande dama Aurora Cano, foi levar-nos ao famoso mosteiro *El Escorial*, uma das maiores bibliotecas de manuscritos do mundo (ela, como notável pesquisadora, tinha acesso privilegiado) e, ao lá chegar, ver empilhados um monte de manuscritos que ela tinha previamente selecionado: “– Jean, querido (com uma pitadinha de carinhosa esnobação...) você traduziu D. Alfonso [séc. XIII], este aqui é o único original que resta no mundo; você é matemático: este outro aqui é a primeira vez que os algarismos arábicos aparecem no Ocidente, pode pegar na mão... E tem mais este... etc.”

O religioso e o temporal no Islã e no cristianismo. O estudo da invenção da Álgebra pelo mundo árabe traz também um inigualável (e inesperado) marco de comparação entre o Cristianismo e o Islã: o problema da partilha! Enquanto Cristo se recusa a determinar como devem ser concretamente os termos da herança (Lc 12, 14); a sura 4 do Alcorão indica com precisão como deve ser a herança: filho homem herda o dobro, primogênito herda tanto etc. E Al-Khwarizmi inventou a Álgebra para poder, literalmente, equacionar a sura 4. É na Álgebra (também chamada em árabe “ciência da partilha”) que melhor se mostram os (explosivos) problemas da autonomia das realidades temporais no cristianismo e a não autonomia para o Islã. Até hoje, surpreendo-me que esse caso tão emblemático seja ignorado – talvez porque seja fatal para os fundamentalistas cristãos! – nos debates sobre o alcance da religião. Nosso chefe do Curso de Árabe da USP, o saudoso Prof. Dr. Helmi Nasr***, um dos mais importantes sábios muçulmanos do mundo, respondeu-me, no curso sobre Alcorão que deu na FFLCH: “Para nós [muçulmanos], não há César!” [“A César, o que é de César; a Deus, o que é de Deus”]. Allah deve abarcar também o poder temporal – e o chefe político do Irã é *aiatolá*, literalmente “sinal de Deus”. Não é de estranhar que meu artigo esteja reproduzido, desde 2002, em um dos mais importantes sites de cultura muçulmana da Espanha: Webislam (www.webislam.com/author/l_jean_lauand/).

O que, sim, é espantoso é que o clericalismo, essa indevida mistura entre o político e o religioso, claramente refutada por Cristo naquela passagem de Lucas, continue vigorosa entre os cristãos (sobretudo entre neo pentecostais no Brasil, mas também entre os católicos e outros...). Para esses cristãos desencaminhados, vale dizer (jogando com Mt 19, 6): “Não misture o homem o que Deus separou”!

Há um vídeo de conferência que dei, anos atrás, em evento promovido pela brilhante Dra. Dora Incontri (fui seu supervisor no Pós doutorado!), mostrando como S. Tomás fundamenta teologicamente (cap. I de João) a autonomia das realidades temporais! (<https://www.youtube.com/watch?v=YMGMHuqASLY&feature=youtu.be>)

Promovendo jovens autores – as publicações *Coepta*

Voltando à E&M, para concluir, essa revista foi, para mim, um imenso aprendizado, por exemplo, de emitir pareceres e de cobrir a Conferência Internacional na Unicamp (a V CIAEM), entrevistando muitos professores estrangeiros e nacionais (realizei até, para o No. 2 da revista, uma entrevista com o Chacrinha – representando a intuição anti-formalista –, que me parecia ter muito a dizer para meu público sobre visão de mundo e comunicação!).

Sempre fui imensamente grato ao Prof. Scipione pela confiança em mim depositada e pela liberdade que me concedeu.

Acho que aprendi a lição e as diversas revistas que fundei e de que sou editor – as do Cemoroc: *Convenit Internacional*, *Revista Internacional d’Humanitats*, *International Studies on Law & Education*, *Notandum* etc. – como os livros que organizo, sempre estão abertos a jovens pesquisadores e, ao longo dessas décadas, há muitos professores, cuja primeira publicação ocorreu nesses canais! Nestes vinte e poucos anos de publicação das diversas revistas do Cemoroc, (quase) sempre em coedição com prestigiosas universidades europeias, somam-se já cerca de 300 volumes, com centenas e centenas de autores publicados do mundo todo! (Cf. <http://www.hottopos.com/isle25/>)

Nesse sentido, desde 2018, nas revistas do Cemoroc, embarcamos em um ousado projeto editorial, que se revelou extremamente gratificante: o das publicações *Coepta*: são já 4 alentados volumes de revistas tradicionais do Centro (Cf. http://www.hottopos.com/isle34_35/, www.hottopos.com/convenit30/index.htm, e

<http://www.hottopos.com/convenit31/index.htm>), nas quais, ao lado de consagrados doutores, publicamos artigos de mais de 50 jovens alunos do Ensino Médio.

O Jornal da USP dedicou uma longa matéria a esse Projeto Coepta:



<https://jornal.usp.br/cultura/projeto-usp-incentiva-iniciacao-cientifica-no-ensino-medio/>

Para o No. 3-4, recém publicado, os diretores do Cemoroc – particularmente, a Dra. Chie Hirose, a Dra. Silvia Colello, a Dra. Aida Hanania, o Dr. Roger Quadros e o Dr. João Sérgio Lauand – não pouparam esforços para que pudéssemos ter a gratificante oportunidade de incluir um bom número de seletos artigos de alunos da escola pública (ao lado dos de estudantes de escolas de mais recursos como: Pueri Domus, Ítaca, Porto Seguro etc.).

No final de 2019, esse fato recebeu três importantes reconhecimentos por parte do poder público: a Secretaria de Educação do Guarujá promoveu um “Evento Científico” (exageradamente intitulado com meu nome!), reunindo alunos que encaminharam artigos para as *Coepta*, seus orientadores, professores e diretores para discutir iniciação científica (<https://www.guaruja.sp.gov.br/escola-de-guaruja-fomenta-iniciacao-cientifica-no-ensino-fundamental/>).



Outra matéria de Diário Oficial: alunos da *Escola Municipal Napoleão R. Laureano (Guarujá)* e os Profs. Drs. José Cláudio Couto e Roger Quadros. (<https://www.guaruja.sp.gov.br/alunos-do-ensino-fundamental-de-guaruja-tem-artigos-publicados-em-revista-cientifica/>)

Já o Portal da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo, publicou bela matéria: “Estudantes do Ensino Médio publicam artigos científicos em Revista da USP pela primeira vez” (cf. <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/estudantes-do-ensino-medio-publicam-artigos-cientificos-em-revista-da-usp-pela-primeira-vez/>)

Não resisto a recolher uma foto dessa reportagem, verdadeira síntese da São Paulo multiétnica e multicultural, e da inclusão que promovemos:



Da esquerda para a direita: Dra. Chie Hirose (orientadora), Larissa A. C. Britto e Bianca A. L. Jarro (autoras), Ms. Lis Pontedeiro Oliveira (orientadora), Stefani L. Primo (autora), Profa. Adriana Vasconcellos (orientadora) - EMEFM Vereador Antonio Sampaio - Zona Norte de São Paulo. A revista é mais uma das primorosas realizações gráficas do Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza.

Publicando no Estadão e Jornal da Tarde (a partir de 1980)

Em 1975, já como mestrando na Faculdade de Educação, deparei-me com a forte ligação entre o jornal “O Estado de S. Paulo” e a FEUSP, sobretudo mediada pelo notável filósofo, o saudoso prof. Dr. Roque Spencer Maciel de Barros, que era chefe do nosso Departamento (o EDF), editorialista do Estadão e um dos editores do prestigioso “Suplemento Cultural” (mais tarde chamado de caderno “Cultura”). O saudoso Dr. Nicolas Boer também era importante editorialista do “jornal” (como Boer e Maciel de Barros chamavam, com intimidade, o Estadão). E outros professores da FEUSP também eram colaboradores assíduos. Pelas boas mãos do Prof. Roque, já em 1980, publiquei 3 artigos no “Suplemento Cultural” (um deles: “A história vista pelos cursinhos” teve muita repercussão na época) e vários outros no “Jornal da Tarde” – importante diário do grupo Estado na época – e no “Cultura” (o novo nome do “Suplemento”).

O que mais me impressionava, na época, era a consideração e o modo como a Faculdade de Educação nos “levava a sério”: um jovem mestrando, de vinte e tantos anos, era convidado a criar e dirigir uma revista (pelo Prof. Scipione) e se atrevia a enviar artigos para o “Cultura”. Esse respeito pelo aluno incluía muitos outros detalhes, por exemplo, frequentemente as comunicações da Faculdade eram formalmente feitas por carta, no devido papel timbrado: “Ilmo. Sr. Professor Fulano. Temos a grata satisfação de informar que, tendo sido aprovado na seleção, deverá comparecer dia tal no salão nobre para se entrevistar com o orientador que indicou”. Já nos dias de hoje, com os cortes no orçamento, um professor, na prática, nem pode mais enviar uma simples carta pela Faculdade (precisa obter autorizações etc.). Sentíamos-nos valorizados: até a lista de aprovados para cursar o mestrado na FEUSP foi noticiada pelo Estadão (28-2-75)!

A FEUSP e seu ambiente

Entre os colegas ingressantes no mestrado estava Roseli Fischmann, que viria a atuar incansavelmente, no Brasil e no Exterior, de modo marcante em tantas áreas de Direitos Humanos⁴. Desde nosso ingresso (já se lá vão décadas...!), tive o privilégio de, continuamente, privar de sua amizade e de colaborar com ela em inúmeros projetos, como o de integrar, de 2011 a 2017, o Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Metodista, sob sua brilhante coordenação, de extremo profissionalismo e dedicação e com excelentes resultados. Nesses anos, para mim muito felizes, pude testemunhar quotidianamente, essa qualidade diferencial da Roseli: a de contagiar o entusiasmo e fazer com que cada um sob sua direção cresça e passe espontaneamente a dar o melhor de si, feliz de colaborar com um trabalho sério, profundo e transparente. Junto com a amizade sincera, a compreensão e – virtude tão necessária em nossos meios acadêmicos – a confiança: a certeza de que a chefe só quer o bem do grupo e o de cada um. Também os orientandos e os alunos em geral percebiam claramente a pujança do programa, sob a coordenação de Roseli Fischmann. Infelizmente, uma nova direção da Umesp, no fim de 2017, promoveu uma incompreensível demissão em massa em seus Programas de Pós Graduação e interrompeu brutalmente o trabalho da Roseli e de muitos professores que com ela colaborávamos, como foi amplamente noticiado (e denunciado) na imprensa da época (cf. por exemplo: “Após Metodista demitir professores, alunos protestam”, Estadão, 15 de dezembro de 2017: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,apos-metodista-demitir-professores-alunos-protestam,70002120706>). A Profa. Roseli continua seu trabalho de sempre como Profa. Sênior na FEUSP e é um orgulho para nosso Cemoroc tê-la como diretora editorial. Desses anos de Metodista, restaram muitas preciosas amizades de colegas, orientandos e alunos.

Não se trata de saudosismos, claro que a USP não deixou de ser a USP, mas houve um tempo em que a USP era a USP! E São Paulo era São Paulo! Há nesse sentido um episódio emblemático, que me foi contado por Ruy Nunes, ocorrido acho que nos anos 50 e que diz muito do respeito que havia pela USP. Ruy informou ao diretor que havia uma livraria na Europa que estava vendendo a preciosa coleção completa da *Patrologia* do Migne (cerca de 400 volumes *in folio* de textos dos Padres da Igreja Gregos e Latinos, nesses idiomas). O diretor (pelo teor de grandeza no episódio, provavelmente o saudoso Dr. Eurípides Simões de Paula) consultou o governo do Estado e prontamente foi disponibilizada verba adicional (calculo alguma coisa em torno de cem mil dólares!) para a aquisição da *Patrologia*! Bons tempos aqueles em que a USP era assim considerada e com um par de telefonemas trazia-se o Migne completo da Europa... Essa mesma coleção, hoje, consumiria sozinha as verbas (efetivas) da biblioteca por uns bons 50 anos!! (sem falar na imensa burocracia, mil entraves de papelada etc.).

Falando de excelência, a FEUSP (e eu pessoalmente) deve muito a seus funcionários, em geral, de altíssimo nível profissional e humano. Não devo aqui citar nomes (a lista seria enorme e poderia cometer algum imperdoável esquecimento), mas abro um par de exceções, de especial gratidão: para o saudoso casal Judite e Milton Sacco, meus amigos por décadas: a tia Ju, de imensa bondade, sempre foi a pessoa mais querida da Faculdade, mais do que inspetora de alunos, era a amiga e discreta confidente de todos. E o seu Milton, com décadas de sacrificado trabalho como zelador... (eles moravam no 3º andar do prédio administrativo da FEUSP). Como eu,

⁴. Como Pluralidade Cultural; Laicidade do Estado e Educação; Discriminação, preconceito, estigma; e Defesa da liberdade de consciência e defesa/promoção dos direitos de minorias; ensino religioso nas escolas públicas e Estado laico; educação em direitos humanos; educação para a paz; ensino religioso em escolas públicas e defesa da liberdade de crença.

durante muitos anos, trabalhava “direto” em fins de semana (e esticava também muitas madrugadas...), tinha muito contato com seu Milton e família (conheci crianças a filha Maria Luiza – hoje funcionária do IPUSP – e o filho Ricardo, que (quase) a vida toda foi funcionário da FEUSP, meu aluno de graduação e hoje brilhante doutor em Psicologia e Educação e Chefe Administrativo da Pós Graduação. Pelos meus horários extravagantes, com infinita paciência seu Milton permitia-me a entrada, fora de horas, na FEUSP. E, algumas vezes, para dar um intervalo em meu trabalho dos fins de semana, ele vinha, à minha sala 218, para bater papo, oferecer um café e até me convidava para um pedaço de bolo, quando dos aniversários da família.



A Faculdade de Educação da Univ. de São Paulo

Outra lembrança é a da queridíssima Sandra Cecília Francisco, hoje aposentada, e que registro aqui porque me prestou inúmeros serviços de digitação e transcrição de fitas, fora de seu expediente de secretária do EDF. Sandra, excelente profissional, era também um fator de humanidade, solicitude por todos, de bom senso e de delicioso bom humor (virtudes muito necessárias naquele nosso ambiente...). Qualidades que sempre manteve, na medida do possível, diante das perdas e provações que sofreu... É uma pena que, às vezes, a magnitude do trabalho dos funcionários nem sempre seja reconhecida na prática, por chefes que, em suas teorias acadêmicas, têm belos discursos sobre democracia e trabalhadores...

Pesquisas utilizando CD-ROM de hipertexto – 2 artigos famosos na Espanha

O Migne foi a base da pesquisa do Ruy Nunes e da minha, mas essa coleção, do século XIX, depois tornou-se obsoleta: foi substituída pela moderna e acurada Brepols, da qual a FEUSP só pôde adquirir uns poucos volumes... Eu, tive a fortuna de ganhar de presente de um diretor de uma importante universidade alemã (quando eles receberam dos editores o *upgrade*: um novo CD), a versão anterior desse CD da coleção completa de Brepols, pelo preço só ao alcance de instituições e não de particulares, muito menos de professores brasileiros. Lembro-me que, um dia, apareceram dois gaiatos – professores de uma universidade particular – na minha aula inaugural de um curso de Pós, sentaram-se, fizeram alguns afetados comentários (para mostrar que estavam participando) e, lá pelas tantas, disseram que viram que eu citei o CD da Brepols em um artigo e queriam uma cópia! Nunca mais voltaram a aparecer...

Fui também o primeiro a obter no Brasil – logo que surgiu na Itália –, outra preciosidade: o CD de Roberto Busa S. J., com a obra completa de S. Tomás de Aquino, que permitia pesquisas em hipertexto. Esse CD, de 1992, foi o pioneiro dos inúmeros que viriam a seguir, com as obras completas de autores ou épocas.

O CD de Busa tem me ajudado em inúmeras pesquisas e falarei agora de uma delas: um artigo que teve enorme sucesso na Espanha. Sempre atento ao lúdico, pude, usando o Busa, identificar os 23 (!) tipos de tolos de que fala Santo Tomás de Aquino. E escrevi em espanhol um artigo analisando essa tipologia (tradução ao português em: <http://www.hottopos.com/mp2/tontospt.htm>). Sabendo da obsessão hispânica pelo tema “tonterías”, publiquei, em 1999: “*Tontos y tonterías en Tomás de Aquino*” (o mesmo artigo, em outras edições tem o título: “*La estulticia en el análisis de Tomás de Aquino*”) e a repercussão foi imensa! A revista da Universidad Popular Autónoma del Estado de Puebla (México), reproduziu o artigo em 2000 (lembro que para todos os artigos no exterior o link encontra-se na página citada na Introdução: <http://www.jeanlauand.com/pagen3.html>); em 2002, sem que eu soubesse, uma revista da Universidad Complutense de Madrid, publicou-o também. Além das revistas Arbil, de Zaragoza; Mercabá, de Murcia; da Sociedad Internacional Tomás de Aquino, de Córdoba (Argentina) etc. Foi objeto de importantes resenhas e comentários na Espanha e em outros países. Além disso, esse texto virou, em mal disfarçado plágio, todo um capítulo de um livro sobre “los tontos” de um tal Leonardo Ferrari...

O artigo teve também alguma repercussão em inglês, na tradução de meu saudoso amigo e mestre Alfredo H. Alves: “Fools in Aquinas’s Analysis”, foi publicado no “Quodlibet Journal” (Chicago) e no prestigioso site especializado canadense “Medievalists.Net”. E foi reproduzido em polonês, em um Congresso de Filosofia Medieval na Uniwersytet Kardynała Stefana Wyszyńskiego pelo Dr. Michał Zembrzusi em sua exposição “Głupota i 23 głupców u Tomasza z Akwinu” (“Estupidez e 23 tolos com Tomás de Aquino”). Para entender isto, usei o tradutor do Google e se houver alguma imprecisão, fica uma pela outra, pois o Zembrzusi me cita como: “*J. Luanda*”!

Um parêntese para homenagear meu saudoso professor Alfredo Alves, nosso tradutor para o inglês. Figura ímpar, ele era o protótipo do *gentleman*, do imperturbável *British* e do humor inglês. Lutou na guerra, caiu prisioneiro dos japoneses e contava aquelas (terríveis) vicissitudes com absoluta serenidade, com a voz suave, sem mágoas, como se estivesse lembrando de fatos corriqueiros de sua vida em Hong Kong ou Macau: “eles eram muito cruéis, urinavam na nossa comida [a dos prisioneiros], o que não era necessário porque a comida já era ruim...”. Entre outras, deu-me uma lição de vida inesquecível. Encomendei-lhe traduções (eram exímias) de diversos artigos para nossas revistas: “- Mas, olhe lá, Alfredo, faço questão de pagar: amigos, amigos; negócios à parte!”. Quando ficaram prontas, ele começou a calcular (para fazer contas, ele pensava e murmurava em inglês...): tantas horas de trabalho, a tanto por hora, com um desconto especial para você, redondamente 800 dólares (acho que era essa a quantia...). Fiz a melhor cara que pude (aqueles tempos eram especialmente difíceis financeiramente) e passei-lhe a quantia. Ele conferiu pausadamente, guardou as notas na carteira e falou: “*Meu* dignidade profissional está OK... agora, posso contribuir com sua editora?” e tirou da carteira os US\$ 800 e insistiu (na verdade, eu não resisti muito...) em me dar de volta os verdes...

Sem ter que ver com pesquisas em hipertexto, outro artigo que causou impacto na Espanha, foi minha interpretação do “Let it be” de Paul McCartney (em port.: <http://www.hottopos.com/mp2/mothermary.htm>), como um possível hino a Maria, mãe de Jesus. Já o título não significa “deixa estar”, mas o próprio *fiat*, “faça-se” de Maria (no evangelho em inglês: “let it be”). Um dos mais importantes jornais da Espanha, “La Razón”, publicou em 1991 um artigo sobre meu estudo (http://www.hottopos.com/midia/let_it_be.htm), que acabou sendo traduzido até para a língua basca.

LA RAZÓN
digit@l

miércoles 14 de noviembre de 2001

RELIGIÓN

LA RAZÓN
digit@l

miércoles 14 de noviembre de 2001

INICIO

PORTADA

CANELA FINA

OPINION

NACIONAL

INTERNACIONAL

CULTURA

MADRID

SOCIEDAD

RELIGION

ECONOMIA

ESPECTACULOS

ENTE

TOROS

Busca en nuestro Web

TIEMPO

CLASIFICADOS

OCIO

CARTAS AL DIRECTOR

Versión para imprimir

Imprimir

Polémica con «Let it be» que podría ser un canto a la Virgen

José Ángel Agejas - Madrid.-
Jean Lauand, catedrático de filosofía de la educación de la Universidad de Sao Paulo, ha publicado un **artículo** en el que defiende que la canción «Let it be» de Paul McCartney, que da título al último álbum de los Beatles, es una oración a la Virgen María.

Canción religiosa

El ex componente del grupo ha explicado que el origen de esa canción está en una visión que una noche tuvo de su madre, María, muerta cuando él tenía 10 años. Pero la canción sigue en el disco a otra, titulada «Lady Madonna», dedicada a las mujeres trabajadoras de Liverpool, pero que, como el mismo Paul contó en una entrevista, la mayoría de las mujeres trabajadoras que él conocía en Liverpool eran católicas y había una gran vinculación entre ellas, sus hijos y la Virgen María, «por lo tanto, el concepto original era la Virgen María como símbolo de toda mujer, la imagen de la Madonna aplicada a la mujer trabajadora. Es realmente un tributo a la figura de la madre». Según este profesor brasileño, es desde esta clave como hay que leer la letra de «Let it be», que no significa sólo «déjalo estar», como muchos traducen, sino también «que así se haga», puesto que es en inglés la expresión del «hágase» de María ante el anuncio del ángel. La madre le repite a lo largo de la canción constantemente ese lema: «Let it be». La canción se iba a titular en un inicio «Mother Mary», y según él mismo confiesa, «la hice como algo casi religioso».

Una letra espiritual

Lauand hace una lectura del contenido de la canción. La primera estrofa empieza describiendo que «cuando me encuentro en momentos de tribulación, Mother Mary viene a mí, diciendo palabras de sabiduría (...) Y en la hora de la oscuridad ella se alza ante mí, diciendo palabras de sabiduría, susurrando palabras de sabiduría». Esas palabras, «Let it be», «hágase» según este profesor, expresan la sabiduría por excelencia de María, la imagen de toda mujer.

Paul McCartney atravesaba en aquellos momentos por unas dificultades muy especiales, como él mismo confiesa en una entrevista: «Era un período muy difícil. John estaba con Yoko todo el tiempo, y nuestra relación estaba empezando a derrumbarse: John y yo atravesábamos un período muy tenso. La ruptura de los Beatles se asomaba en el horizonte y yo estaba muy nervioso. Personalmente era una época muy difícil para mí: las drogas, el stress, el cansancio y casi todo empezaba a pasarme su peaje.»

Música para la esperanza

La canción «Let it be» concluye con una invocación a la esperanza para todos los que sufren: «Aunque se separen/ sigue habiendo una posibilidad de que comprendan/ de que habrá una respuesta, hágase».



Paul McCartney en concierto

O artigo foi rememorado, mais de vinte anos depois, em 2012, quando um jornalista espanhol, famoso por suas “ousadas” (ou disparatadas) polêmicas, César Vidal Manzanares, declara no rádio⁵ a “ortodoxia católica do dogma” dos Beatles (além de outras pérolas como a de que, tirando uma dúzia de canções, são medíocres, plagiadores etc.). E toma, sem me citar, os argumentos de meu artigo, absolutizando-os. A reação veio dos próprios críticos espanhóis. Um deles escreveu no site do próprio César Vidal:

En esto, como en casi todo, Vidal extrapola, para variar... La hipótesis del “Let it be” de los Beatles como himno mariano es una hipótesis con firma de autor [mais um dos tantos plágios de meus escritos]. Y su

⁵. O programa pode ser ouvido em: <http://esradio.libertaddigital.com/fonoteca/2012-05-08/el-primer-piso-de-herrero-la-crisis-hace-perder-al-pp-cuatro-puntos-43766.html>. E os comentários de César Vidal, aparecem a partir do minuto 19.

autor no es precisamente César Vidal, sino un académico católico de Brasil (al que Vidal no cita, claro), que la plasmó en cierto oportuno artículo que alguna fortuna tuvo en su día en España. Concretamente se trata del prof. Jean Lauand, catedrático de Filosofía de la Universidad de Sao Paulo. (<http://www.libertaddigital.com/opinion/cesar-vidal/hay-salida-xvi-filadelfia-64406/3.html>)

“O texto para nossa próxima aula sairá no jornal de sábado”

Eram outros tempos: hoje só doutores podem ingressar na carreira docente da USP; quando fui contratado para dar aulas de Filosofia da Educação na FEUSP, em 1981, eu era apenas um licenciado em matemática, com 28 anos e sem ter ainda sequer o título de mestre em Educação, que só viria no ano seguinte.

Mas, sem nenhuma arrogância, nem me passou pela cabeça consultar com meu orientador (Ruy Nunes) ou meu “editor” (Roque Spencer), o conteúdo e o modo de conduzir os dois semestres de Filosofia que eu deveria ministrar para o 4º. ano da FEUSP. Simplesmente eu já sabia o que queria ensinar: o filosofar que tinha aprendido nas leituras do pensador alemão Josef Pieper.

Ainda jovem aluno de exatas, eu tinha ficado muito marcado pela leitura desse autor, que tinha somente quatro opúsculos (recém) lançados no Brasil pela antiga editora Herder. Especialmente a leitura de “O que é filosofar?” tinha sido para mim, uma verdadeira iluminação: para além do acadêmico, uma comoção existencial: a descoberta do verdadeiro Santo Tomás de Aquino, vivo e atual (além de Platão, Aristóteles, Agostinho etc.).

Lembro-me ainda da emoção ao ler, pela primeira vez, na epígrafe, uma sentença do Aquinate: “O filósofo e o poeta têm algo em comum: ambos se ocupam do *mirandum* [o que suscita a admiração]”. Pieper para mim foi uma lufada de ar fresco e um antídoto contra as distorções *tomistas****, engessadas de Santo Tomás, que me eram apresentadas pelo grupo católico conservador (para dizer o mínimo...) no qual eu militava e que viria a denunciar em livro, muitos anos depois⁶.

Comecei a estudar Pieper (havia muitas obras dele traduzidas ao espanhol) com fervor de jovem discípulo e, naturalmente, meu doutoramento foi sobre esse autor (lembro-me que Boer, logo que defendi minha tese, paternalmente me aconselhou a moderar meu entusiasmo e começar a caminhar pelas próprias pernas).

Não me parecia descabido (sempre a “cara de pau”) tomar a liberdade de procurar Wolfgang Knapp, o diretor da editora EPU (sucessora da Herder) e “exigir” dele uma reedição do esgotado “O que é filosofar?”, porque “minhas alunas da USP vão precisar desse livro”. Ele aceitou (!) rapidamente e pude começar a lecionar na USP com meu livro básico disponível...

Dizia que minha grande motivação para escrever sempre tem sido a sala de aula. Meu atrevimento não tinha limites: para tornar meu Pieper acessível a meus alunos, recorro com emoção meu primeiro artigo no “Jornal da Tarde”, na época um importante jornal do grupo Estado. Página inteira do nobre “Caderno de Sábado”: *O que há de comum entre estes dois senhores*, estabelecendo, pieperianamente, uma ligação entre os geniais Platão e Paulinho da Viola! (para tocar discos – de vinil – em sala de aula era necessário requisitar “vitrola” no setor de áudio visual da Faculdade).

⁶. No livro “Opus Dei: os bastidores”, em coautoria com Dario Ferreira e Marcio Fernandes da Silva. Campinas: Verus, 2005. Na época, foi um *best-seller*, que ficou por seis semanas entre os 10 mais vendidos no Brasil.

Em <http://www.hottopos.com/geral/naftalina/poet.htm>, esse artigo encontra-se parcialmente reproduzido.

E assim, no começo do segundo semestre – a Sílvia Colello, aqui presente, era minha aluna naquele meu ano de estreia e não me deixará mentir – pude dizer às alunas que comprassem o jornal: “O texto para nossa próxima aula sairá no Jornal da Tarde do próximo sábado”.

Ensinar é “enseñar”: mostrar o concreto. O método do filosofar

Para além da imensa contribuição de conteúdo filosófico de Pieper em tantos temas, o que procurei aprender com ele foi o **método** de filosofar, de escrever e de ensinar. E ainda hoje, estou convicto de que é a ligação com o concreto, o único modo de pensar e de ensinar.

Sempre achei carregada de sabedoria a acumulação semântica da língua espanhola: *enseñar* significa ensinar e também mostrar (mostrar, por exemplo, o que trago no bolso). Assim, ensinar o Teorema de Pitágoras (ou o que for) é mostrar como se dá o resultado do quadrado da hipotenusa etc. Ou, usando outra maravilhosa expressão da língua: “*hablar de modo gráfico*”, visível, palpável; não por abstrações herméticas...

Meu outro mestre, Julián Marías, que chegou a caracterizar a filosofia como “visão responsável”, diz que só se interessa por filósofos que falam do que estão **vendo**. E diz a propósito de Aristóteles:

[O de Aristóteles] é um estilo visual, é um pensamento visual. Nem toda a filosofia é visual. A maior parte da filosofia não foi feita visualmente, eu digo às vezes, meio de brincadeira, que quando um filósofo diz algo que não está vendo, já deixou de interessar-me: não está vendo. Os senhores lêem, por exemplo, muitos autores que não estão vendo o que dizem, estão raciocinando, estão articulando silogismos..., mas não estão vendo. Esqueceram algo muito importante: e é que evidentemente, as maiores dos silogismos não se pensam, procedem da intuição, de uma visão, que é justamente o que Aristóteles sabe muito bem. Precisamente por isso dirá que a forma suprema do conhecimento, a sabedoria, a *sophia*, é *epistème kai nous*, ciência e visão. (<http://www.hottopos.com/harvard3/jmarist.htm>)

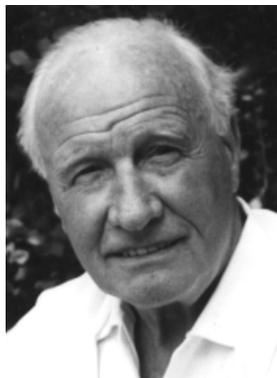
Assim, esse voltar-se para o concreto não é só uma opção pedagógica, mas a própria possibilidade de atingirmos a realidade. Procurei fundamentar isto em minha *Livre Docência* *** (1995): “Educação Moral e Provérbios - Os *Amthal* Árabes e o Pensamento de Tomás de Aquino”. O contraste entre o tipo ocidental, que tende ao abstrato, enquanto o árabe puxa para o concreto, se mostra (se *enseña*...) na comparação entre um par de provérbios.

Enquanto nós tendemos para o abstrato, o indeterminado e o substantivado, como em: “A educação vem do berço”, o árabe expressa a mesma ideia – de que a conduta depende da educação – com imagens concretas: “O pai dele é alho; a mãe é cebola: como pode ele cheirar bem?”.

E enquanto nosso provérbio é: “Quem o feio ama, bonito lhe parece”, o árabe diz: “O macaco aos olhos de sua mãe é uma gazela”.

Nada de abstratos ou substantivados “o feio”, “a educação”, “a conduta” etc. A mesma palavra para “conduta” (boa ou má) é o concreto “cheiro” (*rihat*); para nós metáfora (“a coisa está cheirando mal em Brasília”); para o árabe, simplesmente, a mesma e única palavra.

Tentarei a seguir resumir o método de filosofar (e sua conexão com o concreto) que aprendi com Pieper.



Josef Pieper

Resumo do método de filosofar pieperiano

O velho Heráclito, que – *avant la lettre* – deu alguns preciosos princípios de, diríamos hoje, metodologia de pesquisa, dizia que a natureza gosta de se esconder. A *physis* e a realidade humana gostam de se esconder. E só podemos pesquisar sobre o que está oculto. Especialmente a realidade humana não se deixa apanhar facilmente: está escondida e resiste a se manifestar. Essas considerações ligam-se a outra de Heráclito, conhecido como “o obscuro”: “O caminho que sobe e o que desce são um mesmo e único caminho”.

Na verdade, a sentença de Heráclito esconde em si profundas surpresas. Como a realidade humana gosta de se esconder, precisamos de um método (que etimologicamente remete a “caminho”), para *subir* até esse tesouro que *desceu* e está escondido. Se eu quero saber o que é o sal, eu pego o sal, levo-o a um laboratório e, após alguns procedimentos técnicos de análise, identifico que há tanto de sódio, tanto de cloro, iodo etc. Se eu quero examinar uma mosca, ponho-a no microscópio; se quero saber do planeta Marte, valho-me de um telescópio ou de uma sonda etc. Já a realidade humana não se deixa observar diretamente: como “apanhar” o que é a gratidão, o que é o amor, o que é o homem... ?

Nesses casos, a pesquisa tem que se valer de caminhos indiretos: buscar onde podem se manifestar essas realidades. Josef Pieper indica **três sítios** privilegiados para “vasculhar”, revolver, garimpar e resgatar essas realidades escondidas: **a linguagem, as instituições e os modos de agir humano.**

(um estudo mais aprofundado em JL: “Método e linguagem no pensamento de Josef Pieper” – <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/6688>. Originalmente, conferência no

A descoberta de um “gênero”: discursos de patrono e paraninfo de formaturas

Algumas das ideias fundamentais, que iriam me acompanhar por toda a vida, estavam já presentes, embrionariamente, nos primeiros anos de meu magistério na FEUSP. Como disse, iniciei em 1981 e lecionei para a graduação até 2009, sempre contando com imenso carinho dos alunos. Nesses 28 anos, fui em 20 ocasiões formalmente distinguido pelos formandos: como patrono (cinco turmas levam meu nome), como paraninfo (em sete formaturas) e como professor homenageado (oito vezes). Ainda no campo das homenagens dos alunos, devo a eles ter sido o único docente da FEUSP a receber o Prêmio Professor do Ano da Reitoria da USP (1991). Lembro que em 2005, ocorreu um fato inédito na Faculdade: houve desentendimento e cisão entre os formandos e dois eventos diferentes de formatura. Apesar dos profundos desacordos entre os dois grupos, ambos estavam de acordo em um ponto: elegeram-me paraninfo das formaturas.

Ciente da generosidade dessas turmas, procurava retribuir caprichando nos discursos das cerimônias. A preparação custava-me muito esforço: para fazê-los **brevíssimos e compreensíveis**, que fossem significativos para os pais e parentes dos formandos, que eram, afinal, os donos da festa. A prova de que eram curtos é que sempre eu entregava a cada formando um folder (chique, em papel vergé!) com o texto completo. Portanto, nunca superaram uma página, sempre menos de dez minutos...

Desde o primeiro ano em que recebi essas homenagens (1982), discorri sobre esses meus temas*** (ainda incipientes) e que viriam a se consolidar no futuro: o significado antropológico da gratidão e a nossa palavra “obrigado” (eu nem podia suspeitar que as ideias desse discurso iriam ter – tantos anos depois – uma grande repercussão); a análise do nosso modo de felicitar “parabéns!”, que, a pedido da diretora foi publicado na Revista da Faculdade de Educação; o homem como esquecedor etc.

A linguagem, desde a infância. Canções. A Voz Média.

Desde criança, tive um certo quê com as palavras, um desejo de saboreá-las, de saber seu real significado, sua etimologia, seu soar (guardadas as devidas proporções, lembra o que Neruda celebra em sua palavra da infância: “orégano”). Não era nenhum gênio precoce, nada disso, simplesmente ficava um pouco intrigado com as palavras (um “vício” que foi crescendo ao longo da vida). Junto com as peladas, jogar botão, bater bafó de figurinhas, jogar bolinha de gude etc., começava a me questionar o porquê dos modos de falar, por exemplo, nas parlendas da época: que raios que eram o “salamê mingué”, “a vaca amarela” ou o “caxangá” dos escravos de Jó...? Ou em instâncias mais sérias, como com as palavras “parabéns” e “obrigado”, ou “pêsames” etc. Essas “pulgas atrás da orelha” não se impunham como dúvidas que deveriam imperativamente ser resolvidas, não; simplesmente ficavam meio quietas, esperando (às vezes, por décadas) até, talvez serem, um belo dia, resolvidas.

Acho que puxei a meu pai, que estudou só até o fim do colegial, mas vivia jogando maravilhosamente com as palavras: mudando-lhes o acento tônico, brincando com palavras difíceis: “Você hoje está meio macambúzio, taciturno e sorumbático”, evocando palavras do espanhol etc. Seguindo a tradição libanesa, o primeiro nome do pai (no caso, Jan) passa a ser o segundo nome do filho (Jean). Herdei dele também o gosto pelo jogo de xadrez, objeto de algumas de minhas pesquisas. E de minha mãe espero ter herdado parte de seus dons: um enorme bom senso e realismo. D. Rosa tinha, além do mais, um fino radar para a sabedoria popular e provérbios e enérgica sensibilidade para combater qualquer atitude de preconceito ou exclusão! Meus pais

tinham uma lojinha (anexa à nossa casa) no Paraíso (bairro da colônia árabe), o que nos abria o convívio com inúmeros vizinhos, ampliando assim a nossa formação.

Muitos de meus artigos seguem essa linha de análise da linguagem comum, daí o título de meu livro *Revelando a Linguagem*, que recolhe 50 artigos que publiquei em minha coluna “Filosofia e Linguagem” da revista “Língua Portuguesa”***, (www.jeanlauand.com/RevelandoaLingPort.pdf), fundada por Luiz Costa Pereira Jr.

Por exemplo, em outubro de 2010, um artigo, fruto de longa pesquisa, que buscava compreender o significado do (até então) enigmático verso do Hino do (Clube de **Regatas**) Flamengo, composto em 1942, e com o qual ninguém – nem sequer os 40 milhões de flamenguistas que o cantavam – parecia se incomodar:

Ele vibra, ele é fibra, muita libra (?) já pesou

Acho que ninguém mais sabia (ou se lembrava...) que “pesar libras” é um sinônimo de vitória em regatas (é uma espécie de anti-doping – do peso dos barcos – para poder homologar o triunfo do vencedor). Ainda naquele outubro, o “Zero Hora” de Porto Alegre, re-publicou em sua edição dominical esse artigo da Língua. Esse texto está também em <http://www.hottopos.com/notand23/P47a50.pdf>.

Um parêntese: a verdadeira origem de “torcer”, torcida, torcedor etc.

A torcida do Flamengo deve me agradecer pelo esclarecimento de seu hino, mas também a do Fluminense, por corrigir um equívoco secular: o mito difundidíssimo (até um artigo meu de 2016: <http://www.hottopos.com/rih36/05-14Jean.pdf>), a de que a origem das expressões torcer, torcida, torcedor estariam ligadas ao glorioso clube das Laranjeiras. O mito era unanimemente aceito e sem as cautelas acadêmicas, o site do Fluminense apresentava esta história – hoje suprimida, graças a meu artigo –, mas muitos outros sites que a copiaram ainda trazem essa versão como absoluta:

Como surgiu o termo “torcida”?

Pois foi esse importante personagem [Coelho Netto], o responsável pela criação do termo “torcida”, que hoje serve para designar quem simpatiza com este ou aquele clube. Observador atento, Coelho Netto notou que quando o time atacava ou era atacado, as mulheres que compareciam aos jogos, com seus belos e quentes vestidos rendados, num misto de ansiedade, calor e nervosismo, empunhando sombrinhas, torciam suas luvas e lenços encharcados de suor [?]. Em uma de suas colunas após um dos jogos, Coelho Netto chamou essas mulheres de “torcedoras”. Pronto, estava criado o termo que até hoje é símbolo da paixão clubística. Em seguida, ganhou similar masculino. (...). Como disse o grande músico erudito brasileiro Arthur Moreira Lima “Assim como o primeiro homem era Adão, o primeiro torcedor era Fluminense”. (www.fluminense.com.br/site/futebol/historia/capitulo-i-o-surgimento/outros-simbolos/ - suprimido)

O futebol chegou ao Brasil em 1895, o Fluminense foi fundado em 1902 e só em 1919 foi inaugurado seu estádio (o primeiro do Brasil) e a tal crônica de Coelho Netto seria de, suponhamos, em torno de 1915 (apesar de serem inúmeros os sites que a mencionam, nenhum a cita literalmente, nem dá a indicação precisa de em qual jornal teria sido publicada!).

O fato é que muito antes disso a imprensa já registra o uso de “torcer” (e até “torcedor”) no sentido que lhe damos hoje: querer vivamente ou manifestar predileção e desejar a vitória por um cavalo na corrida etc.

Assim, o “Jornal do Brasil”, de 25-02-1905, ao contar a história de um Feitosa, que secretamente, querendo economizar na passagem, tenta convencer as filhas de que é melhor a família ir ao teatro de bonde e não de trem, alegando que o bonde é mais fresco, que o bonde “vae num instante” etc., o autor conclui: “(E o Feitosa) fica **torcendo** para que o *bond* a vir seja um 2^a. classe, que então o negócio fica em 200 réis por pessoa.”

Após apresentar muitos outros documentos, anteriores ao Fluminense, mostro a prova cabal. Em “O Paiz” (“a folha de maior tiragem e de maior circulação na America do Sul”), de 9 de junho de 1894, encontrei uma preciosidade: um artigo completo, assinado por J. Guerra (pseudônimo de Urbano Duarte de Oliveira, membro fundador da ABL) na seção “Humorismos”, sobre o torcer e o torcedor, de genial sagacidade.

HUMORISMOS.

Estou torcendo! É locução pittoresca, inventada pelo Manoel Joguinho e hoje generalizada (...).

Um amator de corridas *torce* para o seu cavallo vencer, embora elle venha em 4^o. ou 5^o. lugar. O frequentador de frontões *torce* afim de que o pelotar em que apostou ganhe a quiniela. O comprador de bilhetes da loteria *torce* para que a machina Fichet componha o seu numero.

A moça solteira *torce, torce*, até que certo rapaz louro a namore.

No bond, aquele sujeito que senta no ultimo banco *torce, torce*, até que a bella visinha da frente lhe lance uma olhadela...

Todos vivemos sempre a *torcer*, no intuito de conseguirmos qualquer coisa.

E a graça é que às vezes essas *torcidelas*, desprendendo certo fluido magnetico mysterioso, attrahem a sorte propicia e debellam o azar.

Conheço um *sportsman* que obtem constantemente lucro em corridas. Perguntei-lhe qual o segredo da sua felicidade.

Redarguiu-me convictamente: – Torcendo!

Effectivamente! Já tem a cara torcida, o corpo enviezado, os olhos vesgos, de tanto *torcer*. Não é um homem e sim uma torcida. Mas ganha dinheiro, garanto-lhes!

Tentando imital-o representei triste figura, sem colher resultado algum. O animal em que apostei saiu e chegou em ultimo lugar, apesar das gatimanhas que fiz. Gemia, espremia, rosnava, retorcia-me, tocava realejo, puchava corda, fechava um olho, zarolhava o outro – nada! O burro sempre firme na bagagem.

Queixei-me ao *torcedor*.

– Ora! – exclamma elle. Você não sabe *torcer!*... Pensa que isto é escrevinhar em jornal. Coisa muito séria!

– Ah! Nesse caso peço-lhe que me ensine...

– Questão de fé... e fé não se ensina. É preciso saber *torcer* por dentro...

– Por dentro ?!

– Sim! Por dentro! Nas entranhas, nas dobradinhas!

– Vou experimentar!

No pareo seguinte *torci por dentro*, e o meu cavallo ganhou, depois de passar pelos quatro da frente!

Palavra de honra!

Estou agora *torcendo* para que o amigo F. A. me faça presente de um dicionário Larousse.

Se se realizar a coisa, passo a escrever um tratado sobre a nova ciência oculta da *Torcida*, mais importante e proveitosa do que o hypnotismo.

Note-se que não há referência a (torcer) luvas ou bigodes etc., mas sendo locução de evidência visível (“pittoresca”), refere-se a um extremo de fé, que leva a **torcer a si mesmo** (não só cara, corpo, olhos, mas torcer por dentro e até as entranhas). Penetrando agudamente no sentir do povo e das torcidas, confere uma eficácia mágica ao torcer: atrair a sorte para si e “zicar” o adversário.

Voltando à linguagem e minha infância.

Saboreava a linguagem nas recordações dos pais, tias e tios, especialmente de “meu mentor”, o saudoso genial tio Jaime Lauand (mestre dos jogos de linguagem, tiradas e trocadilhos etc.), que também nos ensinava peculiaridades da língua árabe, como a da incrível palavra *Insan****, que significa literalmente o esquecedor!!

Em minha formação, além de pais maravilhosos, houve a imensa riqueza do convívio com muitos tios (as famílias eram numerosas) e primos, especialmente o caríssimo Fernando Aun. O Fernando, mais do que primo, é um irmão para mim e para o (irmão “oficial”) João Sérgio***, também doutor pela FEUSP. Desde a infância, e durante muitos anos, passávamos longas férias juntos na chácara de sua família: SulaYara.



Os manos: Fernando (1º.plano) e João Sérgio,
no XX Seminário Internacional Cemoroc

Entre tantas recordações entranháveis daquele tempo, lembro-me com especial carinho da biblioteca, que o tio Adib e a tia Olga mantinham na chácara (como eu devorava os livros – sobretudo os de mitologia grega –, o Fernando profeticamente apelidou-me de “o professor”, mesmo eu sendo o caçula do trio). Lembranças do fogão de lenha, das castanheiras, dos jogos de sinuca no boteco local etc. E de um gracioso quadro de azulejos com os dizeres:

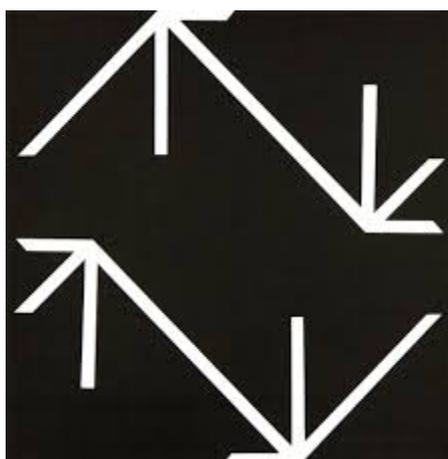
Dizem que há mundos lá fora,
Que eu nem sonho... Nunca vi...
Mas que importa todo o mundo
Se o meu mundo é todo aqui?!

Como costuma ocorrer na irresponsável Internet, os versos acabam ganhando diversas versões e autorias apócrifas (Fernando Pessoa etc.). Neste caso, fazendo uma busca mais atenta, encontrei como autor Ademar Tavares, da ABL, que publicou esses versos já em jornais da década de 30.

Ainda hoje, o João e o Fernando são os primeiros interlocutores de qualquer ideia nova que me ocorra e participam ativamente de nosso Cemoroc.

A profusão de tios foi particularmente proveitosa quando passei a estudar a teoria de Keirsey***, uma tipologia de temperamentos. Eu podia visualizar os diversos tipos, encarnados nos parentes: a energia da ação, no tio Aniz (ISTP); a doce tia Claudete (ESFJ); o sempre correto tio Jorge (ISTJ); a alma de todas as festas, o tio Jaime (ESFP); o *fieldmarshall* tio José (ENTJ); a sensível artista tia Didi (ISFP) etc.

A tia Didi, Judith Lauand, atualmente com 97 anos, pintora reconhecida mundialmente como a grande dama do Movimento Concretista, nos dava o privilégio de termos em nossa casa seus quadros. Ela foi muito importante para minha formação: desde sempre presenteava-me só com livros e, mesmo criança, visitar suas exposições muito contribuiu para a ampliação de meus horizontes. Apropriei-me de algumas de suas obras para capas de meus livros.



Quadro de Judith Lauand

Além do mais, desde pequeno, fui muito atento às letras de canções: brasileiras e estrangeiras. O rádio tocava – além, é claro, das canções americanas – muitas belíssimas músicas italianas, latino americanas e até francesas, que eu gravava (com aqueles gravadores da época...) e depois ouvia à exaustão. Aos 16 anos, sabia de cor quase tudo dos Beatles, muito mais interessantes do que as aulas de inglês do colégio e, como bom introvertido que sempre fui, passava tardes inteiras sozinho na Biblioteca Municipal e nas cabines da Discoteca Municipal (da época), ouvindo e estudando *folk songs* americanas.

Algumas dessas “pulgas” que duraram muitos anos vinham dos Beatles: os porquês do *Do*, em *Love me do* (1962) e *All my loving* (1963) (em vez de *All my “love”*). Naquela época, as canções dos Beatles chegavam antes nas versões, de

qualidade discutível, de “Renato e seus Blues Caps”, levando muitos incautos a pensar – eu nunca me deixei enganar: só me importava com os Beatles – que “Coisa Linda” era o original de *All my loving*! O acerto de contas com o -ing de *loving*, revelador do gênio da língua inglesa e do espírito concreto do pensamento inglês veio em “O laboratório de cada povo” (<http://www.jeanlauand.com/RevelandoaLingPort.pdf>, pp. 250 e ss.):

O inglês parece tender ao fato concreto e a recusar abstrações desnecessárias e isso, de algum modo, se traduz na gramática. Tomemos, por exemplo, os chamados verbs of perception, como to see, to hear, to overhear, to feel... Esses verbos não podem ser seguidos de infinitivo “com to”, mas pela forma em -ing, que é o que, afinal de contas, se percebe: *Didn't you hear the phone ringing?* Caberia também a forma nua: *Didn't you hear the phone ring?*, mas se se quer enfatizar a ação em processo, então se impõe o -ing: “*Didn't you hear the phone ringing while I was in the bathroom?*”. Mas, em nenhum caso, o infinitivo com to, não se pode dizer: “*Didn't you hear the phone to ring?* Curiosamente, em Portugal acontece o contrário: a preferência pelo infinitivo em detrimento do gerúndio. O infinitivo puxa para o âmbito do abstrato; afinal eu não vejo “o correr”; não ouço “o tocar”; vejo, isso sim, o ladrão correndo da polícia; ouço meu vizinho tocando bateria..

Muitos de meus artigos tiveram sua origem em investigar a fundo fatos gramaticais que não são inocentes regras da gramática, mas preciosos indicadores – de acordo com o método pieperiano – antropológicos. Um exemplo é o do verbo francês *espérer*, do qual falei em conferência de Buenos Aires, no centenário de Pieper (eu fui o único brasileiro convidado). Quando especialistas pieperianos – da Europa e da América – vieram me felicitar e pedir a correspondente citação de Pieper eu, muito honrado, respondi que a tirada não era do mestre, mas do discípulo...

Como aquela exceção – aparentemente ininteligível – da língua francesa: o verbo *espérer*. Ensinam as gramáticas que se emprega o subjuntivo quando a oração subordinada é introduzida por verbos ou expressões que expressam um desejo ou uma vontade (je veux que...; je souhaite que...; etc.); a **exceção** é o verbo *espérer*, que requer indicativo!? Por trás dessa exceção (e de outros interessantes fenômenos da linguagem da esperança em francês) há razões filosófico-teológicas, que remetem à história cultural. Em geral, o aluno é privado dessas explicações e dificilmente vai lembrar qual é o verbo que era exceção... [...] [É é que a virtude teologal da esperança] é a esperança definitiva, a do “to be or not to be”, ou, na tradição cristã, a virtude da esperança, que, por ser teologal, dá a certeza da salvação. Ora, se “esperar”, nessa tradição clássica, refere-se à certeza, não cabe o subjuntivo, mas somente o indicativo: quem espera, sempre alcança.

Se o falante francês não se dá conta do profundo significado teológico do *espérer* e da requintada dualidade de sua língua para designar a esperança (*espoir / espérance*), com o espanhol dá-se o mesmo com a palavra ¡Olé! Ainda hoje, diversos sites em língua espanhola reproduzem meu artigo sobre a origem dessa palavra,

incluído o *Yahoo!Respuestas*, para a pergunta: ¿Cuál es el origen de la palabra “Olé”? (<https://es.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090601163507AA4Bc41>)

Olé, é uma invocação de Deus. Naturalmente, instintivamente, o homem tende a evocar Deus quando a beleza inesperada ou intensa arranca-o do embotamento quotidiano! “Meu Deus! Quanta beleza...” exclama o poeta⁷ e - consciente ou inconscientemente - todos os artistas. Daí que na etimologia da espanholíssima palavra *¡Olé!*, encontremos um recurso a Deus. *¡Olé!* - diz o *Diccionario de la Real Academia* - provém do árabe *Wa-(a)llah* (“Por Deus!” - a língua árabe não dispõe da vogal “e” e, por vezes, o “a” tem som semelhante ao de “e”).

E é uma exclamação de entusiasmo ante uma beleza (ou alegria) surpreendente ou “excessiva” (no verbete *¡Olé!*, o *Diccionario* de María Moliner exemplifica com o caso das touradas ou do flamenco). Facilmente intuímos que a beleza de um ousado lance de tourada, de um golaço sem ângulo ou de um “*taconeo flamenco*” é - de algum modo misterioso, mas real - participação na Criação - também ela artística - de Deus: *¡Olééé!*. Dizem as crônicas que o “Olé” no futebol começou em fevereiro de 1958, durante uma partida no México (país de touradas) entre Botafogo e River Plate. A cada entortada dos dribles de Garrincha, o público gritava “olé!”....

Se o falante ocidental hoje (não só o torcedor nos estádios do Brasil, mas também o taurófilo madrileno em Las Ventas) não se lembra de que “Olé!” é invocação de Deus, no Quixote isto é mais explícito –o cristão começa a louvar a insuperável beleza de sua dama e ouve do mouro:

Gualá [olé], cristiano, que debe de ser muy hermosa si se parece a mi hija, que es la más hermosa de todo este reino. Si no, mírala bien, y verás cómo te digo verdad.(capítulo XLI)

Os próprios espanhóis não lembram dessa etimologia e meu amigo, O Dr. Miguel Ángel García, da Universidade de Murcia, assim se expressou sobre esse tema, elogiando o brasileirismo de meus escritos:

Jean Lauand añade a su condición de filósofo medievalista el ser brasileño. Tal vez por ello sus artículos son de lectura amena y ágil. Y tal vez por ello, por la propensión estética que flota en aquel ambiente, vuelva él una y otra vez a abordar en sus escritos la inagotable relación existente entre belleza y Dios. De su vívida reflexión ni siquiera escapan las canciones de Paul McCartney o de Tom Jobim, ni los prodigiosos pies torcidos del añorado Garrincha, ni las expresiones populares de asombro que estallan en espontánea alabanza al Supremo Hacedor: “¡¡¡Oléééé...!!!”; es decir: Wa-(a)llah, “¡Por Dios!” (https://www.eltestigofiel.org/index.php?idu=fr_7557)

As canções. Já em meu primeiro artigo para o “Jornal da Tarde”, estabelecia, como disse, um paralelo entre Paulinho da Viola e Platão. Para minha alegria soube que o brilhante jornalista e mestre da linguagem, Luiz Costa Pereira Jr.***, então, meu doutorando, entrevistou Paulinho em 2010 para sua brilhante tese que era precisamente sobre o filosofar na obra do “Príncipe do Samba” e me contou que Paulinho ainda se lembrava do professor da USP, que o entrevistara no início da década de 90...

⁷ Castro Alves, “*Sub Tegmine Fagi*”

Um parêntese para falar de meus orientandos (mais de 60, em diversos níveis...) e de seus temas: sempre tive “sorte” com eles, em geral, excelentes. Vou cometer a “injustiça” e a “ingratidão” de só mencionar uns poucos, com os quais mantenho contato permanente ainda hoje no Cemoroc e que, além de brilhantes, têm notável impacto educacional: Sylvio Horta e Chie Hirose (estudos orientais), Alexandre Medeiros e Enio Starosky (diretores de colégio, que tomam Josef Pieper como inspiração para suas escolas: o centro de Estudos Júlio Verne e o Colégio Luterano São Paulo, resp.); Roberto Carlos Gomes de Castro (que incluiu em seu pós doutorado um destacado estágio em Paderborn com o Dr. Berthold Wald, a quem o próprio Pieper confiou a administração de sua obra); a medievalista (e notável editora) Terezinha Oliveira (Pós doc) e celebridades nacionais como Gabriel Perissé (que há anos vive formando professores em todo o país) e o já citado Luiz Costa (fundador da revista “Língua Portuguesa”). Penso que alguns dos temas que orientei foram, em sua época, pioneiros: Adélia Prado, o Opus Dei (brilhante mestrado de Marcio Fernandes da Silva), o pensamento de Julián Marías, Alfonso López Quintás, Confúcio, C. S. Lewis, Josef Pieper, Paulinho da Viola etc.

Voltando a Paulinho. Um de meus mais recentes artigos foi precisamente uma retomada: “Voz média – Paulinho, Martinho e Pagodinho: sambas dialogam com a filosofia e teologia clássicas” (em http://www.hottopos.com/isle34_35/19-24JeanVozMedia.pdf), que é uma boa divulgação de um dos temas que ajudei a trazer para a reflexão filosófica em nosso meio: a importantíssima **Voz Média**, a voz verbal – do grego, mas inexistente gramaticalmente no português – que indica que em nossa vida nem tudo é voz ativa ou passiva, mas voz média: “Não sou eu que me navega, quem me navega é o mar”, como diz o samba “Timoneiro” de Paulinho.

Minha inquietação pela Voz Média, ou seja, pelo grau de real participação em ações de que pensamos sermos senhores e serem totalmente ativas, começou com as cócegas que provocam o verbo nascer – que em português é ativo (nasço) e em inglês é passivo (*I was born*) –, que me levaram a fixar a atenção no (que já deveria ter sido óbvio) gramatical do latim: o verbo depoente, médio entre o passivo e o ativo. E também por Paulinho da Viola, em “Sei lá Mangueira” e, sobretudo, a sublime “Foi um rio que passou em minha vida” (1970), que eu já analisara naquele antigo artigo do Jornal da Tarde.

Anos depois, viria a ter maior clareza de que o principal em nossa vida é voz média: admirar, amar, apaixonar etc. não são ações ativas, não são agendáveis. E seria *nonsense* dizer: “Amanhã às 15:30h vou ao supermercado, às 15:45h vou me apaixonar, às 16:30h vou me admirar etc.” Por não dispor da voz média, o português – e mais ainda o espanhol – vale-se, como *Ersatz*, da forma pronominal... As ações de admirar, surtar, apaixonar..., eu as protagonizo, mas não sou dono delas, são como “um rio que passou na minha vida”, verso de Paulinho, com ressonâncias bíblicas, como quando Deus promete a Jerusalém: “estender sobre ela a paz, como um rio” (Is. 66, 12).

Em 1997, o Dr. Mario Bruno Sproviero, colega de chinês no DLO (viajamos juntos na “missão fundacional” das revistas do Cemoroc para a Europa; nessa viagem ocorreu também a conferência citada em Madri – e outras), com sua incomparável erudição, ajudou a aprofundar-me no assunto (cf. por exemplo, a entrevistas que lhe fiz: <http://www.hottopos.com/mirand3/linguage.htm>).

Além de análises de inúmeras outras canções, escrevi um artigo sobre a – famosíssima para os franceses – “Tout va très bien, Madame la Marquise” (http://www.hottopos.com/rih10/lauand_a.pdf), mostrando que o tema dessa canção – o criado que, temendo dar as péssimas notícias ao patrão, as atenua, começando por

dizer que tudo vai bem – remete ao refinado humor do século XII, a Petrus Alphonsus, em sua *Disciplina Clericalis****. A versão medieval da *Disciplina*:

Contam que o senhor voltava do mercado, todo contente pelo bom lucro que tinha auferido. E veio [o servo] Maimundo a seu encontro. O senhor, vendo-o, temeu que viesse dar más notícias, como era de costume, e advertiu-o:

- Olha lá, Maimundo, não me venhas com más notícias!

E o servo respondeu:

- Não tenho más notícias, senhor, só que nossa cadelinha Bispella morreu.

- Como foi que ela morreu? - perguntou o senhor.

- Nossa mula, assustada, quebrou o cabresto e, ao fugir, esmagou-a sob suas patas.

- E o que aconteceu com a mula?

- Caiu no poço e morreu.

- E como foi que ela se assustou?

- É que teu filho caiu do terraço e morreu. Com a queda, a mula assustou-se.

- E a mãe do menino, como está?

- Morreu de dor pela perda do filho.

- E quem está tomando conta da casa?

- Ninguém, porque virou cinzas: a casa e tudo o que nela havia.

- Como começou o incêndio?

- Na mesma noite em que a senhora morreu, a criada, no velório pela senhora defunta, esqueceu uma vela acesa na câmara e começou o incêndio, que se espalhou pela casa toda.

- E onde está a criada?.

- Ela quis apagar o fogo, mas caiu-lhe uma viga na cabeça e ela morreu.

- E tu, como conseguiste escapar, sendo tão preguiçoso?

- Quando vi a moça morta, fugi.

Situação muito parecida dá-se na canção “*Tout va très bien, madame la marquise*”, expressão usada, ainda hoje, por exemplo, quando um governante (ou um candidato, um técnico de futebol etc.) quer tapar o sol com a peneira e insiste em negar uma crise evidente e diz que a situação está muito boa, que são probleminhas normais, que só há pequenos acertos a fazer... Ou quando, por medo, ninguém se atreve a dizer ao chefe (ou ao professor, ou ao sargento...) que há problemas graves na empresa (no curso, no quartel...) etc. A senhora marquesa, ausente já por quinze dias, telefona para saber como estão as coisas no castelo. Os criados – cheios de temor – dizem que está tudo muito bem, mas houve um pequeno probleminha, uma bobagem: morreu o jumento, mas tirando isto, está tudo muito bem. E quando ela pergunta ao cocheiro sobre a morte do animal... Em resumo, o senhor marquês, ao saber-se subitamente arruinado financeiramente, suicidou-se e, ao tombar, derrubou as velas que queimaram o castelo e o vento levou o fogo à estrebaria e matou o jumento. Mas, tirando isso, tudo bem...

Tout va très bien madame la marquise

*Allô, allô, James, quelles nouvelles
Absente depuis quinze jours
Au bout du fil, je vous appelle
Que trouverai-je à mon retour?
Tout va très bien, Madame la Marquise
Tout va très bien, tout va très bien
Pourtant il faut, il faut que l'on vous dise
On déplore un tout petit rien
Un incident, une bêtise
La mort de votre jument grise
Mais à part ça, Madame la Marquise
Tout va très bien, tout va très bien [...] etc. etc. etc.*

Note-se que Pedro Alfonso (meu tema no XIV Congreso Internacional de Filosofía, no México, em 2008) tem um refinado toque de humor adicional: ao contrário da versão moderna (na qual é a marquesa quem pede notícias), na *Disciplina* é o servo Maimundo quem sai ao encontro do senhor, como que saboreando secretamente uma vingança: dar más notícias a seu senhor...

Essa “coincidência”, a reaparição de um tema medieval em uma de suas mais famosas canções, surpreendeu os próprios franceses:

Tout va très bien, Madame la Marquise - Et si l'histoire remontait au XIIe siècle?

Avec l'aimable autorisation de Jean Lauand, professeur à la FEUSP (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo), nous donnons le fruit de ses recherches. [Etc.]
(<http://libellus.over-blog.com/article-fukushima-tout-va-tres-bien-madame-la-marquise-69194976.html>)

Tout va très bien, Madame la Marquise...

Et, il paraît qu'un thème similaire existe depuis le Moyen-Âge, dans la péninsule ibérique, comme l'explique le professeur Jean Lauand ici ([texte en portugais](#)). Tout allait très bien depuis assez longtemps semble-t-il!
(<https://lachansonfrancaise.net/2014/06/08/tout-va-tres-bien-madame-la-marquise/>)

Águas de Março. Em termos de análise de canções, nenhuma alegria supera a que tive com “Tom Jobim e a poesia árabe” (Jornal da Tarde, 17-8-91, também em: <http://www.hottopos.com/vdletras3/jeans.htm>), análise que Aida Hanania*** e eu fizemos da sublime “Águas de Março”, no início de meus estudos árabes.

Comparávamos a poesia de Tom com o antiquíssimo discurso de Qus Ibn Sa'ida, mostrando a profunda semelhança formal: própria da poesia em língua árabe. E também a temática: a poesia de Ibn Sa'ida (www.hottopos.com/spcol/nasr.htm), uma autêntica “Águas de Março” do século VI, tanto como a de Tom, reflete sobre a contingência e a precariedade da condição humana (como relata Nelson Motta: “na época que compôs ‘Águas de Março’ o Tom Jobim estava péssimo, deprimido, achava

que ninguém mais o valorizava” - www.otempo.com.br/diversao/magazine/nelson-motta-para-ler-e-ouvir-1.1458682#)

Algum tempo depois da publicação, o grande jornalista Luiz Carlos Lisboa (a quem eu conhecera pessoalmente antes do artigo, quando fui agradecer pelo seu generoso comentário no JT a uma tradução minha), então no Jornal da Tarde, quis emocionar-nos contando que tinha levado o artigo para Tom Jobim nos Estados Unidos e que ele tinha apreciado muito saber de seu “lado árabe”. Muitos anos depois (Estadão, 6-6-2004, pp. 160-161), o crítico de arte Antonio Gonçalves Filho, falando da cultura árabe, observou a propósito de Tom Jobim:

Muito antes desse “boom” literário [sobre a cultura e a literatura árabe], grandes compositores como Tom Jobim já haviam descoberto o poder de sedução do pensamento árabe, rápido e cortante – como observam os professores Aida R. Hanania e Jean Lauand ao analisar a letra de “Águas de Março” (...).

Outro ausente de nossa gramática: O neutro

Em muitas de minhas pesquisas está, dizia, a suspeita (pieperiana) de que, por trás de “ingênuos” fatos gramaticais, há ouro para a antropologia. Ainda antes mesmo de debruçar-me tematicamente sobre o tema do neutro, já vislumbrava sua presença no brasileiro, o campeão mundial da mentalidade neutra (e para o pensamento confundente***), imperando, por exemplo, em nossas gírias! Embora tenha escrito artigos antes, o primeiro estudo mais sério, discutindo sua presença fundamental em Clarice Lispector, Guimarães Rosa e na teologia de Tomás de Aquino (sempre ele!), foi em 2007: <http://www.hottopos.com/notand14/lauand.pdf>. O neutro, mais do que gênero (ao lado do masculino e feminino) é **indeterminação**. Assim, por exemplo, quando perguntamos: “Qual é a dele?” ou dizemos “numa boa”, deixamos tudo indeterminado: qual é a dele [o quê: atitude, postura, preferência sexual...?]; e “numa [o quê – atitude, disposição?] boa”. Na parte mais jocosa do artigo, dizia:

O provérbio é: “pão, pão; queijo, queijo!”, mas não para o brasileiro (e menos ainda para o mineiro...); para nós, não é nenhum dos dois: nem pão nem queijo; em todo caso: pão de queijo! *Utrum* é precisamente a forma latina que exige a definição de um de dois; daí que *ne-utrum* seja: nenhum dos dois, *neutrum*! (...) Uma indeterminação que rege diversos setores da existência, como por exemplo: o tempo. Para indicar que uma ação é maximamente imediata, o brasileiro diz o vago: “na hora” (pastéis fritos na hora; consertam-se sapatos na hora etc.); já em Portugal a faixa de indeterminação é bem mais estreita; é “ao minuto” (e nos EUA “*at the moment*”!). O caso extremo é o da Bahia, onde a (inútil) insistência do estrangeiro em marcar hora, em perguntar por prazos, chega a ser quase ofensiva e é fulminada pelos indeterminadíssimos: “depois do almoço”, “um minutinho” etc. (...) Pensemos, por exemplo, nessa - incrível, para os estrangeiros! - instituição tupiniquim: o ponto facultativo. Como dizia o saudoso Stanislaw Ponte Preta: “vai explicar pro inglês o que é um ponto facultativo?” - É feriado?- Não, Mr. Brown, é ponto facultativo!!- Então, se não é feriado, haverá trabalho normal?- Não, Mr. Brown, claro que não haverá trabalho: é ponto facultativo!! Não é feriado, mas não deixa de ser... É neutro!

Ainda nesse tema, fui o primeiro a difundir em nosso país as piadas do genial humorista catalão, Eugenio, expoente maior do cômico com o neutro, o ambíguo o indeterminado (<http://www.hottopos.com/rih14/lauand.pdf>):

Estacionando no ministério.

Aquele cara que vai a Madri e estaciona em frente ao Senado. Vem o segurança e diz:

- Por favor, cavalheiro, tire o carro daí porque os senadores podem sair a qualquer momento.
- Fique tranquilo, pois eu tenho sistema anti-furto...

A seguinte piada manifesta claramente a sutil redução ao neutro, que deixa o leitor “indefeso”.

Motoqueiro Atropelado

- Sabia que, segundo as estatísticas, em São Paulo, **um** [neutro] motoqueiro é atropelado a cada meia hora?
- Nossa, imagina como é que deve estar esse coitado!

A antropologia da gratidão em nosso “Obrigado”

Voltando à linguagem, uma das palavras que logo me chamou a atenção foi “obrigado” (a mãe dizia: “não vamos aceitar nada de D. Fulana para não ficar ‘devendo obrigação’”). Só mais tarde vim a entender o sentido e a grandeza dessa forma e superar a estranheza inicial de – como viria a dizer a folclórica figura do Profeta Gentileza – confundir a doce gratidão com o pesado dever, estar obrigado.

Um de meus artigos de maior impacto foi “Antropologia e Formas quotidianas - a Filosofia de S. Tomás de Aquino Subjacente à nossa Linguagem do Dia-a-Dia” (http://www.hottopos.com/notand1/antropologia_e_formas_quotidiana.htm), no qual analiso etimológica e comparativamente formas de convivência (agradecimento, felicitações, desculpas etc.) em diversas línguas. Foi uma espécie de versão madura de diversos estudos anteriores, como, por exemplo, os discursos de patrono e paraninfo na FEUSP.

Esse artigo foi a forma final de uma conferência que preparei para a minha estada em Barcelona (1998), onde, entre outros compromissos, tinha sido convidado pelo Prof. Dr. Pere Villalba, para proferir essa palestra, no dia 23 de abril, no Departamento de Ciências da Antiguidade e Idade Média da Universidade Autônoma de Barcelona. As línguas europeias se consolidaram na Baixa Idade Média e não é de estranhar que estejam, por vezes, profundamente ligadas à teologia cristã, como é o caso, por exemplo, do nosso “**Parabéns**”, que está fortemente impregnado por ela (cf. http://www.hottopos.com/notand1/antropologia_e_formas_quotidiana.htm - o mesmo artigo). Como vimos, Pieper afirma que as grandes experiências humanas se condensam na linguagem comum do povo. Através dela, podemos ter acesso a essas experiências, que foram esquecidas e se cristalizaram nas palavras. Assim, o hoje prosaico “parabéns”, que falamos para quem faz aniversário, compra um carro novo ou ganha na loteria, resume um aspecto importante do pensamento de Tomás de Aquino: ao contrário do maniqueísmo, para o verdadeiro cristão não há dois deuses (um do bem, um do mal), mas “um só Deus, Criador do céu e da terra”, e tudo que Ele criou é bom, mas o homem pode perverter essa bondade. Quando dizemos “parabéns”, estamos fazendo um alerta, dizendo: “Parabéns. Você obteve um bem (dinheiro, carta

de motorista, cargo político, patente militar etc.), mas isso pode resultar em algo ruim. Não vá usá-lo para o mal, para males, mas para o bem, para bens”.

Eu não tinha percebido, mas meu querido amigo Pere Villalba quis honrar-me, fazendo de minha conferência o evento *Diada de Sant Jordi* do *Departament*. Pois o “dia de S. Jorge”, 23 de abril, é uma grande festa na Catalunha, e é o dia “da rosa e do livro” (os homens oferecem uma rosa e as mulheres um livro – lembro que um dos *best-sellers* daquele ano era: *De la nada a la gloria – biografia de Rivaldo*, estrategicamente lançado poucos dias antes do Sant Jordi...).

Nesse dia festivo, a universidade promove eventos especiais. Na minha conferência estavam presentes – além de alunos – praticamente todos os professores do Departamento.

Pere Villalba é um dos mais destacados eruditos europeus: conhece como ninguém os clássicos gregos e latinos, os medievais e é o maior especialista em Raimundo Lúlio. Autor da monumental edição crítica “*Ramón Llull Vida i Obres*” (o primeiro volume tem 1000 páginas em folhas enormes em papel de luxo), Pere quis distinguir-me, pedindo-me um pequeno capítulo para essa obra: “*Theologia Negativa*”. Em diversas ocasiões Pere Villalba visitou a FEUSP, deu conferências para nossos alunos e participou de nossos seminários internacionais. E quis ofertar para nossa biblioteca um desses preciosos exemplares que, após um mês de exposição, incorporou-se a nosso acervo de Obras Raras.



Pere foi também – junto com o Dr. Alexander Fidora (Univ. Frankfurt) – o editor (e prefaciador) de meu mais importante livro na Espanha: “*En diálogo com Tomás de Aquino – nueve conferencias*”, da editora de clássicos *Ediciones del Orto* (<http://www.jeanlauand.com/DialogoSpanish.doc>). Outro livro em Espanha, do qual fui um dos organizadores, é “*Filosofia e Educação*”, pela *Libros Pórtico* de Zaragoza.

Pere Villalba, ademais, é figura emblemática do catalanismo. Precisamente naquele abril de 1998, a Espanha toda estava agitada: o parlamento da Autonomia Catalã, tinha acabado de aprovar uma lei – a “lei do catalão” – que obrigava qualquer candidato a emprego público na Catalunha a saber falar catalão, o que para os espanhóis parecia um instrumento de exclusão. No dia anterior à minha conferência, Pere, ao desenhar o mapa para indicar como chegar ao campus (em Bellaterra, região metropolitana de Barcelona), insistiu em que não era para utilizar a grande rodovia, mas que fosse com o carro (que tínhamos alugado), paralelamente, “por dentro”. Obedeci e, no trajeto, notei intenso movimento “por dentro” enquanto a estrada, excelente, estava praticamente vazia (depois soube que era um protesto para não pagar o pedágio para o governo central de Madri...). No caminho, nervoso, eu ia decorando a frase inicial de minha conferência: “*En primer lloc, perdonau que encara no parle en català...*” (para depois continuar em espanhol).

Após a conferência, já acertamos, com Pere Villalba – o principal fundador – e os colegas catalães, os detalhes fundacionais da *Revista Internacional d’Humanitats*, RIH, coedição do Cemoroc e do *Departament* da UAB, atualmente em seu No 50. Um forte laço a mais que criei com a cultura catalã. Dez anos depois, recebi a magnífica honraria de ser eleito – como membro correspondente – para a “Real Academia de Letras de Barcelona”, a mais antiga da Espanha, fundada em 1700, como a “Academia dos desconfiados”.

No Cemoroc e na RIH temos prestado diversas homenagens a Villalba: entre outras: www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page06u.html e www.hottopos.com/rih50/03-12JLpere.pdf.

O texto da conferência foi publicado simultaneamente em português e italiano (na tradução do Dr. Mario Sproviero) no No 1 (1998) de nossa revista internacional *Notandum* (que atualmente já superou seu No 50); em espanhol (em *Notandum* No 4), em alemão (na tradução de Gabriele Greggersen) e em inglês, na tradução de Alfredo Alves (em *Mirandum* No 6, 1998). A tradução francesa do Dr. Guy Delaporte, da Univ. de Grenoble, foi publicada (2003) no mais importante e tradicional site francês sobre Santo Tomás, o Grand Portail Thomas d’Aquin (<https://www.thomas-d-aquin.com/Pages/Articles/Formulesusage.pdf>).

Em 2002, a versão francesa dessa conferência de Sant Jordi foi premiada com a inclusão nos artigos *Top Ten* do *ranking* do Google para artigos sobre S. Tomás de Aquino e está até hoje também no 1º. lugar dos artigos Top Ten do Open Directory (http://odp.org/World/Fran%C3%A7ais/Sciences/Sciences_humaines_et_sociales/Philosophie/Philosophes/T/Thomas_d%27Aquin). Para minha surpresa, a versão italiana foi publicada pouco depois (2000) no site do Vaticano, *Congregazione per il Clero*, distinguindo-me como o primeiro e único brasileiro naquele site (depois, vieram muitos artigos do cardeal D. Cláudio Hummes, quando este foi ocupar o cargo de Prefeito dessa Congregação no Vaticano). Foi reproduzido e citado em muitos trabalhos no exterior (até na Argélia), em conferência da Dra. Wimmers, em Congresso da Sociedad Tomista Argentina; em teses na Bélgica e Áustria, discutindo respectivamente as formas “merci” e “Danke”. (Cf. a página já indicada: <http://www.jeanlauand.com/pagen3.html>). Na Itália, entre outras, recebeu destaque no “Gratitudine ed Educazione” (pp. 27 a 29), livro da Pontificia Facoltà di Scienze dell’Educazione «Auxilium» (<http://jeanlauand.com/GratitudineEducazione.pdf>), mas também “do inovador site *Filosofemme* (“Il significato di un ‘grazie’”), coletivo de filósofas: <http://www.filosofemme.it/2019/09/21/il-significato-di-un-grazie/>

Mas foi no final de 2015, que o artigo teve sua máxima divulgação. Quando começou a ter enorme difusão no *Youtube* um vídeo do famosíssimo Prof. Dr. António Sampaio da Nóvoa – conhecido como Antônio Nóvoa no Brasil e por Sampaio da Nóvoa em Portugal –, no qual, em conferência para professores brasileiros, despediu-se falando dos 3 graus de gratidão no “Tratado da gratidão” de Santo Tomás de Aquino e que era, para dizer o mínimo, muito, mas muito “semelhante” àquele meu artigo escrito em 1998 (e a outras versões anteriores e posteriores a essa data).

Minha primeira reação foi de surpresa ante o fato de que este artigo, celebrando as formas da língua portuguesa, “Obrigado” (e “Parabéns” etc.) tivesse tido uma notável repercussão no exterior e pouca aqui no Brasil, até que um professor estrangeiro expusesse a mesma ideia, com a mesma formulação e aí sim: “Óóóó, genial, brilhante...” etc.

Sim, ao longo da carreira sofri inúmeros plágios e até fui entrevistado sobre isso em 2014 (<http://www.hottopos.com/convenit14/19-26ChieElie.pdf>) e, seguia, mais ou menos, o conselho que me dera muitos anos atrás, quando o consultei sobre

denunciar alguns plagiadores, o saudoso Prof. Dr. Celso Beisiegel, com aquela voz serena e conciliadora: “Deixa, Lauand, será que vale a pena...?”.

Mas nesse caso do “obrigado” e de sua imensa repercussão, sem nenhum ressentimento, achei que deveria fazer algo: criei uma página em meu site pessoal colocando lado a lado a fala do Prof. Nóvoa e o meu texto, para que quem quisesse pudesse tirar suas próprias conclusões (www.jeanlauand.com/AntonioNovoa.html). Além da identidade, chamei até a atenção para um fato revelador: todos os que citam a Suma Teológica de Santo Tomás, falam da **questão** tal, **artigo** tal etc., mas eu, neste meu meio século de leitura de Tomás, criei com ele uma certa intimidade e me permito um modo pessoal de o citar, no caso, o “**tratado** da gratidão” em vez de questões 106, 107... da II-II. E não é que o Nóvoa usou até meu jeito de se referir às *questões*, chamando-as também de *Tratado*...?



A coisa complicou-se porque, naquele final do ano 2015, Portugal estava em plena campanha presidencial e o Prof. Nóvoa era candidato, esforçando-se para chegar à “segunda volta” (segundo turno) e, naquela disputa acirrada, vários sites portugueses passaram a atacá-lo, por vezes de modo muito grosseiro e agressivo, acusando-o de plagiar um professor brasileiro da USP.

Eu, que não pretendia prejudicar a carreira política do colega, nunca apliquei a ele a palavra “plágio”, embora eu, às vésperas da eleição, fosse insistentemente convidado pela imprensa portuguesa (eu conservo os mails) a fazê-lo. Limitava-me a indicar a página que criara e convidava as jornalistas a tirarem suas próprias conclusões. Em qualquer caso, nosso professor não passou e seu oponente, Marcelo Rebelo de Souza foi eleito no primeiro turno.

Talvez essa polêmica tenha chamado a atenção de alguns intelectuais portugueses que, depois disso, escreveram comentários a meu texto. Assim, o Dr. Paulo Simões Lopes, professor da Univ. de Coimbra e membro do Conselho Nacional de Educação escreveu no Jornal da Beira em 24-1-18, e, após dizer: “quem melhor explicou a gratidão gravada no idioma foi Jean Lauand, em 1998, numa conferência na Univ. Aut. de Barcelona”, reproduz fielmente minhas razões.

Também reflete sobre meus argumentos o jornalista e professor Dr. Antonio Salvado Morgado, no artigo “Bem haja”, publicado em “A Guarda” (9-11-18). E em 24-9-19, no “Diário de Coimbra”, o querido amigo Dr. João Relvão Caetano, Pró-Reitor da Universidade Aberta, recapitula meu pensamento em um generosíssimo artigo todo dedicado ao assunto (!) e intitulado “Obrigado, Jean Lauand”.

Ante a imensa difusão do vídeo de Nóvoa, a revista “Hospitalidade”, da Universidade Anhembi Morumbi, voltou a publicar (em seu v. 16, N. 2, 2019), minha velha conferência em Barcelona, declarando no editorial desse número:

(...) Julgou-se importante inserir na revista um outro texto do autor, também resultado de uma conferência, desta feita realizada em 1998 em Barcelona. Recentemente, um vídeo de Antônio Nóvoa sobre o significado da expressão “obrigado” teve grande repercussão e, dada a importância da palavra para a hospitalidade, julgou-se oportuno trazer o texto em que Nóvoa se baseou para o vídeo.
(<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/839>)

Como disse, meu discurso de Patrono dos formandos de 1989 foi sobre a gratidão e o obrigado, mas em 1988 certamente falava disso para as calouras da FEUSP na aula de História da Educação Medieval (a propósito das *Etimologias* de S. Isidoro de Sevilha e S. Tomás), pois me lembro que uma brilhante aluna (de língua materna japonesa) que, a propósito do “obrigado”, ensinou-me a maravilhosa etimologia de Arigatô (e também a de *sayonará*), e no ano seguinte, publiquei em coautoria com ela o artigo Arigatô, em um mensário do interior, “A Voz de Ibiúna” (julho-89).

E em 1993 uma versão mais completa na revista do Círculo de Estudos Bandeirantes, da PUC-PR: “Arigatô-Sayonará”. (<https://www.pucpr.br/wp-content/uploads/2017/01/revista-do-ceb-namero-7-julho-de-1993.pdf>). Essa aluna está aqui hoje e é diretora de dois departamentos de nosso Cemoroc: a nossa querida Profa. Chie Hirose! (que tem colaborado continuamente na produção de nossas revistas!)

Um desafio: conferências para a Fulbright: sociologia do “brasileiro”. *Vigências*.

Desde então, além de orientador de seu doutorado e supervisor de seus dois pós doutorados, temos mantido – Chie e eu – parceria em muitos artigos, bancas e conferências, como as que juntos ministramos, em 2013 e 2014: a extraordinária honra de proferir as *opening lectures* das “Arrival Orientation for Fulbright U.S. Students”, para a Comissão Fulbright: fazer uma introdução sociológica ao “brasileiro” para dezenas de graduados americanos recém aterrissados no Brasil... (outras das 1 ou 2% das minhas conferências que renderam uns bons dólares: nos poucos casos, não de fontes tupiniquins!).

Por ocasião do mundial do Corinthians no Japão, Chie e eu tínhamos publicado um artigo na “Língua Portuguesa”, explorando o riquíssimo fenômeno sociológico da invasão de 20000 torcedores corintianos naquele país. Já há algum tempo tínhamos feito uma extensão (para grupos sociais) da tipologia psicológica de David Keirse***, originalmente concebida somente para indivíduos.

Contra os nominalistas de plantão na Sociologia, que diziam ser impossível falar de “o brasileiro” (“o corintiano”, o “japonês” etc;), sustentávamos o óbvio: que, sim, pode-se falar – com as devidas ressalvas metodológicas feitas a qualquer procedimento tipológico – de “o brasileiro” etc. Apoiando-nos também no conceito (tão simples quanto fecundo) de Ortega e Marias: a *vigência*.

“O brasileiro” como tipo (em Keirse, ESFP: extrovertido, “amigão”, lúdico...) torna-se “visível” por suas *vigências*: aquelas normas (com uma certa margem de liberdade) subjacentes (*que se dan por supuesto*), mas que cada sociedade nos impõe e que podem ser analisadas sociologicamente.

É óbvio, por exemplo, que as *vigências* alimentares diferem em cada sociedade: aquele nosso amigo, recém chegado da Coreia, tinha enorme dificuldade de obter o seu *breakfast* na padaria (peixe cru com arroz etc.): aqui a *vigência* é café com leite e pão com manteiga... E *vigências* brasileiras são, por exemplo, muito mais

permissivas quanto à privacidade (e contatos físicos com estranhos ou recém conhecidos – abraços, beijinhos, tapinhas nas costas etc.) impensáveis, digamos, no Reino Unido ou no Japão...

O fato é que ciente da realidade do choque cultural e preocupado com os imensos problemas (diplomáticos, policiais etc.) que os milhares de corintianos que se dirigiam ao Japão poderiam sofrer por conta das diferenças de cultura, a representação diplomática do Brasil no Japão publicou um extenso e detalhado guia, o “Guia do Torcedor”, facilitando informações básicas para orientar o “bando de loucos” e adverti-los do risco de ignorar as vigências do país que os recebia. Assim, oficialmente o Itamaraty reconheceu a validade dos tipos e vigências. Tudo isso, encontra-se em detalhe no artigo: <http://www.hottopos.com/rih28/05-30JeanFlb.pdf>.

Por conta do artigo na Língua Portuguesa, Chie e eu fomos convidados para as conferências na Fulbright.

Foi um desafio e uma experiência enriquecedora – nossos alunos americanos avaliaram-nos como excelentes – e aprendemos muito com eles. Por exemplo, ao anunciar que íamos falar do “brasileiro” como ESFP, constatamos que cada um deles sabia qual era seu próprio tipo psicológico (“eu sou ENFP”; “eu sou ISTJ” etc.) e que Keirsey (ou a equivalente tipologia de Myers-Briggs) é difundidíssimo nos EUA.



Algumas instruções do Guia do Itamaraty para corintianos no Japão

As línguas bantu. Outro saboroso frutos desse diálogo com graduados americanos, veio de uma aluna (nascida em Angola), da qual falarei daqui a pouco.

Em 1993, após um estudo totalmente autodidata, publiquei – nos efêmeros “Cadernos de História e Filosofia da Educação” (do nosso Edf-FEUSP) – o artigo “Linguagem-Filosofia Bantu e Tomás de Aquino”, que chegou a ter – em versões mais amadurecidas – até um par de modestas publicações na África bantu. (a versão mais recente, de divulgação, é: <http://www.hottopos.com/convenit32/59-78JeanNegro.pdf>).

Um dos misteriosos e intrigantes encantos das línguas bantu (diversas línguas subsaarianas) é que o léxico se apresenta organizado em classes (em geral, dez), cuja primeira sílaba (singular ou plural) já indica também em qual setor da realidade (ser humano, animal, instrumento, categoria abstrata, ação verbal etc.) se encontra tal palavra (em geral, claro que há exceções).

Uma das principais influências africanas no português do Brasil dá-se nas palavras do quimbundo da 10ª classe, a dos diminutivos, com primeira sílaba em ka. Daí os nossos: cachimbo, cacimba, caçula, café (de ficar encafifado), cafuné, camundongo, candango, canjica, caolho, carimbo, calombo, capanga etc.

Para além desse léxico, herdamos algo mais da 10ª classe africana: o mais curioso no quimbundo é que a 10ª classe, a dos diminutivos, é também a mesmíssima dos aumentativos! O que não deve nos surpreender, pois nós mesmos também usamos o diminutivo como aumentativo! Quando o pão de queijo acaba de sair do forno e está em sua máxima temperatura, dizemos: “aproveita, que está quentinho”. Se o filho é idêntico ao pai, é “igualzinho”; a moça extremamente apaixonada está “caidinha” pelo rapaz e o jogador que maximamente pontua no basquete é o “cestinha”. Uso que é pura influência africana ou, ao menos, por ela potencializada.

Outra (maravilhosa) influência em nossa língua. Ao que tudo indica, também por influência africana – calcada na forma quimbundo *kukala ni* (?) – o português do Brasil criou uma suave e deliciosa alternativa para “ter”: **estar com**. Na vida comunitária, é muito menos acentuada a demarcação de posse. Certamente, na prática, há brigas entre os irmãos porque um pegou o que era do outro etc. Mas se tudo corre bem, numa família não são necessários tantos cadeados e chaves. E há, pelo menos uma ampla gama de objetos que são indiscutivelmente de todos: o grampeador, a tesoura, o carregador do celular, a pasta de dentes... Nesse casos, não teria sentido dizer “ter”, mas *kukala ni* - “estar com”: “Você está com a tesoura?” “Quem está com o grampeador?”. Já na firma, tesoura e grampeador ficam ligados a uma correntinha...

Voltemos à nossa aluna “américo-angolana” da Fulbright. Sempre pergunto para minhas turmas qual é a maravilhosa alternativa brasileira do “ter” e, curiosamente, nunca ninguém atina com a resposta “estar com”. A única exceção foi a da angolana da Fulbright, que de imediato respondeu: “‘estar com’, é o que a gente sempre usa”. Fiquei feliz com a corroboração de minha “hipótese africana”.

Incursões pela língua (/metafísica) tupi. O conceito bantu de *ubuntu*

Como sempre, a língua é caminho privilegiado para a visão de mundo. Também como autodidata, interessei-me pelo tupi e em 1986 publiquei na revista “Tradução & Comunicação” do saudoso Dr. Erwin Rosenthal, o artigo “Tomás de Aquino e o Tupi”, que viria também a ter versões mais amadurecidas. A mais recente, de divulgação, é: <http://www.hottopos.com/convenit31/07-12Jean.pdf>. Nesse artigo, pode-se ver que o tupi dispõe de um modo de relacionar-se com o passado e com a natureza, muito mais apropriado do que o nosso, por meio de seu sufixo *-uera*.

Outros sufixos riquíssimos do ponto de vista filosófico são *-rana* e *-eté*. Este significa não só o superlativo, mas também – para usar a linguagem clássica da metafísica – os transcendentais verdadeiro e “bom”.

Assim, quando o tupi designa um homem (abá) virtuoso por *abaeté*, está em perfeita sintonia com a tradição do ocidente e dos orientes: Tomás de Aquino (e seu *ultimum potentiae*), Píndaro (“Torna-te o que és”), Aristóteles, Confúcio, Shakespeare etc. Daí a incrível genialidade da canção “Jagueté” de Milton Nascimento, na qual o homem entra em diálogo com a onça Maria, onça máxima (-eté), que, ela sim, já realizou em plenitude seu ser-onça e pede-lhe que o ensine a ser aba-eté! De fato, o sentido profundo do “to be or not to be” é o de que é o homem pela sua ação (moral) que constrói seu ser ou não ser – o homem imoral em tupi é (*aba-ran*, falso homem).

Jagueté

Senhora do fogo, Maria, Maria

Onça verdadeira, me ensina a ser realmente o que sou

põe a sua língua na minha ferida

Vem contar o que fui, me mostra meu mundo

Quero ser jaguaretê
Meu parente, minha gente, cadê a família onde eu nasci?
Cadê meu começo, cadê meu destino e fim?
Para que eu estou por aqui?
Senhora da noite, senhora da vastidão
Ouvir pegadas e pegar
Seguir a sina de sangrar para se alimentar
Tem de guerrear, lutar, matar para sobreviver
Pois assim é a vida...
Quem vem lá? É onça que já vem comer
Quero ser a onça, meu jaguaretê
Quero onçar aqui no meu terreiro
Vou onçar sertão e mundo inteiro
Já está na hora da onça beber o seu
Vou dançar com a lua lá no céu
Dama de fogo, Maria, Maria,
Onça de verdade, quero ter a luz
Ouvir o som caçador
Me diz quem sou, me diz quem fui
Me ensina a viver meu destino
Me mostra meu mundo, quem era que eu sou
É onça que já vem comer;
A onça, meu jaguaretê

Ser onça de verdade, “onçar” em superlativo é (comparativamente) fácil; trata-se simplesmente de: pegar, sangrar, lutar, matar... Mas, e eu que sou homem? Que devo fazer para ser *abaeté*? Onça Maria, me ensina a ser realmente o que sou; me mostra meu mundo, quero ter a luz, me ensina a viver meu destino e descobrir quem era que eu sou... O que resume 2500 anos de pensamento filosófico.

Daí que outro grande gênio, Tom Jobim, preferisse o apelido de Jaguaretê para Milton, em vez do, muito menos expressivo (embora consagrado), Bituca: "Meu Yauaretê, minha onça verdadeira. Você é o rei da floresta, rei da mata brasileira. Meu Taquaraçu de espinho, meu carioca mineiro. Meu amor e meu carinho. Uiarapurú verdadeiro. O amador de passarinho”.

Essa “*Unidad de la idea de hombre em distintas culturas*” foi outra conferência na Universitat Autònoma de Barcelona, em 1999 e o artigo correspondente (www.hottopos.com/mirand10/jean.htm) foi premiado com o 7º lugar no ranking dos Top Ten de Antropología Filosófica do Open Directory (http://odp.org/World/Espa%C3%B1ol/Sociedad/Filosof%C3%ADa/Antropolog%C3%ADa_filos%C3%B3fica). Repeti essa conferência em 2000 na Universidade do Porto (artigo correspondente em inglês: www.hottopos.com/convenit2/lauren.htm). Nas notas dessas conferências não constavam o tupi e o bantu, que hoje, incluo em minhas aulas e palestras sobre o assunto. Especialmente o riquíssimo conceito bantu de *ubuntu*, tão em moda por conta de Nelson Mandela, que personificou o *ubuntu*.

Aqueles estudos de línguas bantu, e de suas classes, do começo da carreira, permitiram-me compreender mais a fundo essa preciosa palavra, de uma especial classe abstrata, originariamente significando *humanness / humanity*.

Uma aparente irreverência: a origem bíblica do pqp

Escrevi estudos bíblicos tradicionais, como a análise – a partir das línguas semitas – da parábola do bom Samaritano e do episódio de Zaqueu, publicado em revista da Universidade de Palermo (<https://www.mediaevalsophia.net/3-gennaio-giugno-2008>). Mas farei aqui uma referência a um trecho polêmico – que sempre provoca escândalos farisaicos – de um artigo, no qual analiso a influência da Bíblia em muitas expressões de nossa linguagem do dia a dia, particularmente uma, um tanto chocante para ouvidos “pios” (<http://www.jeanlauand.com/RevelandoaLingPort.pdf>, pp. 147 e ss.)

Embora evidentemente trate-se de uma forma bem portuguesa, a fórmula de insulto: “vá para a *pqp*”, ganha sentido às luzes da Bíblia. Como frequentemente ocorre, frases feitas tendem a ser repetidas automaticamente, sem que se atente a seu sentido original. [...]

A mensagem subjacente quando se manda alguém para a p-q-p, é a de que o indivíduo mau, sacana, chato etc. não tem lugar no convívio humano e não deveria ter saído da barriga da mãe (no caso, a responsável por ele ser o fdp que ele é...) e para lá deve ser reencaminhado...

A ideia de voltar ou de não ter saído do ventre materno ocorre na Bíblia: daquele que o vai entregar, Jesus diz que melhor lhe fora não ter nascido (Mt 26, 24; Mc 14, 21) e o profeta Jeremias, nesse caso, diante das desgraças que sofre, lamenta por ter saído do ventre materno (Jer 20, 14 e ss.). E quem se comporta como néscio, diz o Eclesiástico (23, 14), chegará a desejar voltar ao ventre da mãe, amaldiçoar o dia em que dele saiu. Em bom português...

Encargos administrativos

Não falei de meus encargos administrativos, porque felizmente (quase) não os tive. Sempre (ou quase sempre...) tive enorme admiração e agradecimento pelos colegas que se dispunham a assumir cargos de chefia, em comissões etc., para os quais eu não me sentia, de modo algum, predisposto. Felizmente, no meu começo de carreira na FEUSP, as coisas eram muito mais simples: quase não havia reuniões e podíamos nos dedicar em tempo integral a estudar, dar aulas e aos orientandos. Depois, a burocracia (no bom e no mau sentidos) foi crescendo e insaciavelmente exigindo, cada vez mais, tempo e energia de todos: multiplicavam-se as comissões, reuniões, avaliações, relatórios etc. Eu tentava esquivar-me o mais possível a essa onda e só hoje, como professor Sênior, voltei à bendita liberdade daqueles meus primeiros anos de FEUSP: pesquisar, lecionar e orientar!

Bom, já é tempo de concluir esta primeira parte. Continuaremos hoje à tarde. Muito obrigado.

Parte II – Concursos, teses, editor, Seminários do Cemoroc

Meu primeiro livro e outras traduções de autores medievais

Ainda cursando o IMEUSP e aprofundando-me nos estudos de matemática, a Faculdade de Educação, além das disciplinas que tive que cursar na Licenciatura, proporcionou-me algo ainda mais importante: o contato e a amizade com o notável medievalista Ruy Afonso da Costa Nunes. Ao passar pelos corredores, eu diminuía o passo (ou até parava...) para ficar ouvindo, detidamente, suas aulas, pois desde o primeiro momento, tinha percebido que era um professor notável, que parecia saber tudo sobre Padres da Igreja, Idade Média e, principalmente, Santo Tomás de Aquino.

Para mim, que já tinha um interesse pessoal por S. Tomás (e demais clássicos antigos e medievais, guiado pela leitura de Pieper), embora eu não fosse seu aluno formal (ele não lecionava para a licenciatura), comecei a frequentar – para longas conversas, verdadeiras aulas particulares –, seu gabinete, na época, um daqueles “apartamentos” do antigo CRPE na FEUSP.

Ele, muito solitário em seu campo de estudos, ficou muito feliz em generosamente poder formar uma *avis rara*, um jovem muito interessado em aprender sobre S. Tomás e os Padres da Igreja. Hoje, S. Tomás (ou melhor, um “tomismo”) até está um pouco de moda, mas na época era considerado um fóssil, do qual a Igreja do *aggiornamento* pós conciliar, deveria se livrar. O preconceito anti-medieval era muito acirrado naquela época (inclusive em universidades católicas!). Hoje, setores da onda conservadora (ou fundamentalista...) tendem ao preconceito oposto: erigir a Idade Média (incluindo cruzadas, inquisição, clericalismo etc.) como paradigma da cristandade que almejam... E o mesmo se diga do culto a um “tomismo”, de um S. Tomás, reduzido ao gosto desses militantes...

Nota sobre o “Tomismo”. Não gosto desse termo, embora compreenda que, por vezes, é só um (impróprio) modo de falar. E devo confessar que, para não criar caso, aceitei (muito agradecidamente, mas com uma pontinha de incômodo...) nomeações como a de “Fellow Thomist” do Thomistic E.nstitute (de Singapura) ou publicar no “Journal of the Centre for Thomistic Studies” (da Austrália).

Tomás é tão grande, de pensamento tão aberto, que não cabe num “ismo”. Muitos dos que se dizem tomistas apresentam a teologia de Tomás de Aquino como se ela fosse um sistema racionalista, fechado, com respostas definitivas para tudo. É um grande equívoco! As razões que Tomás dá para as questões teológicas são apenas “razões prováveis”, não necessárias. Por exemplo, na questão 32 da primeira parte da *Suma Teológica*, ao tratar da Trindade, ele diz claramente que o que ele afirma é apenas um modelo, que pode, a qualquer momento, ser substituído por uma explicação melhor. É totalmente contrária a Tomás de Aquino a noção de que a razão pode explicar a Trindade, a Encarnação e outros temas. Além do mais, há sua postura fundamental de *theologia negativa* e de *philosophia negativa*. Trata-se justamente da ideia de que é impossível à razão humana chegar ao conhecimento cabal do que quer que seja e, principalmente, de Deus. Os textos de Tomás estão repletos de sentenças claramente negativas, como “A essência das coisas nos são desconhecidas” e “De Deus é mais próprio dizer o que Ele não é do que dizer o que Ele é”. No prólogo ao

seu *Comentário ao Credo*, Tomás afirma que filósofo algum jamais será capaz de explicar sequer o que é uma mosca.

E mais. Em sentido contrário ao de Tomás, muitos eclesiásticos “tomistas” suprimiram a virtude da *Prudentia* (ou sua essência), usurpando aquilo que pertence exclusivamente ao indivíduo, ou seja, a decisão sobre sua própria vida. Um dos grandes males do “tomismo” é querer usar o pensamento de Tomás de Aquino para equacionar a vida do fiel em regras. Tomás nunca teve essa intenção. Muito ao contrário. Segundo ele, o indivíduo deve orientar sua vida pela *prudencia*, e não por regrinhas de um “Manual de escoteiro moral” estabelecidas por quem quer que seja. Isso me parece importantíssimo para a Igreja hoje, principalmente porque brilha pela ausência. Vão se multiplicando as proibições, os manuais, as questiúnculas morais (e os “dogmas” profanos de um “*catolicismo insaciável*”, no dizer de J. Mariás) com o fim de reger a vida das pessoas, enquanto a liberdade do cristão é cada vez mais sufocada. Para o livro que Chie e eu organizamos para a edit. Pórtico de Zaragoza, em homenagem ao Dr. Mallorquí-Ruscalleda, escrevi um artigo sobre o *insaciável, las adherencias* e outros “Problemas para uma educação católica no século XXI” (<http://www.jeanlauand.com/LibroZaragoza.pdf>, pp. 155-174)

Voltemos à nossa FEUSP, ela me parecia imensamente grandiosa: era – e foi – a única faculdade no Brasil que mantinha uma disciplina, de todo um semestre só para História da Educação Medieval e com um professor da estatura intelectual de Ruy Nunes (ao lado de um semestre completo de Antiguidade, outro de Renascimento etc.). Depois, a partir de 1986, uma reforma curricular, começou a diminuir as disciplinas de Ha. da Educação e condensaram Idade Média e Renascimento em um único semestre e nos anos seguintes, esse enxugamento acentuou-se, diminuindo ainda mais a carga horária das disciplinas de História da Educação: em 1999, em um semestre devíamos ensinar toda a História da Educação universal, “de Adão e Eva a Steve Jobs”. Desde que Idade Média e Antiguidade se juntaram, tive o privilégio de dividir as aulas do semestre do 1º. ano com a eruditíssima Dra. Gilda N. M. Barros. Para mim, uma enriquecedora parceria de muitos anos.

Um parêntese sobre bancas. De passagem, lembro que essa fusão de Idade Média e Renascimento causou-me um enorme problema quando de meu concurso de efetivação em 1993. Esse concurso era temido, pois o candidato poderia simplesmente perder o cargo, caso algum outro concorrente o superasse nas provas. A banca foi dura e rigorosíssima e estabeleceu que dos 10 pontos a serem sorteados: 5 fossem para o Renascimento (período histórico curtíssimo!) e 5 para Idade Média (que, na verdade incluía Antiguidade Cristã, perfazendo 1450 anos de história)! Nos meses que antecederam o concurso, pus-me a estudar com afinco o Renascimento, do qual eu só sabia o básico, pois em minha disciplina cabia, na prática, só Idade Média. E, de fato, o ponto sorteado foi... Renascimento. Naqueles tempos enfrentei algumas (felizmente, não muitas) bancas duríssimas: Ruy Nunes, por exemplo, não suportava a “nova” tendência de elogiar o candidato e quase ter de pedir desculpas ao fazer qualquer criticazinha... Felizmente, naquela prova escrita tive média 10,0 (mesma nota das outras 70 avaliações, que me foram dadas na FEUSP nos diversos concursos da carreira: mestrado, doutorado, efetivação, livre docência, titularidade etc.). É de fazer inveja a muita escola de samba!

O fato é que, com a aposentadoria de Ruy Nunes, o semestre de Medieval ficou sob minha responsabilidade (a partir de 1983 e até minha aposentadoria em 2009). Desde 1979, contávamos com seu sólido livro “História da Educação na Idade Média” (EPU-Edusp), mas eu queria para meus alunos algo mais: traduções de textos da própria época. E havia pouquíssimo (em muitos setores, nenhum) material traduzido em nosso meio acadêmico.

Empenhei-me em realizar traduções e estudos introdutórios e, em 1986, finalmente, foram publicados em meu primeiro livro “Educação, Teatro e Matemática Medievais”, pela Perspectiva em coedição com a Edusp. Para a 2ª. edição, revista e ampliada, contei com a coautoria da Profa. Dra. Sílvia Colello, também, hoje, diretora do nosso Cemoroc (sobre sua grandeza acadêmica, escrevi: “A têmpera da Profa. Dra. Sílvia Gasparian Colello”, por ocasião da homenagem que o Cemoroc lhe prestou: <http://www.hottopos.com/rih44/55-64Jean.pdf>).



Diretoras do Cemoroc: Aida Hanania & Sílvia Colello

É para mim um particular orgulho, constar como coautor de meus ex-alunos, nas primeiras publicações de seus Lattes.

Um sábio beneditino: Dom João Mehlmann

Este meu primeiro livro – como também tantas outras traduções de textos medievais que viria a publicar – não teria sido possível sem a ajuda constante de um grande mestre, o saudoso sábio beneditino Dr. Dom João Mehlmann, a quem homenageei, ainda em vida, em artigo publicado no Estadão: “Dois ilustres medievalistas” (11-3-1988, p.29, <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19880311-34674-nac-0029-999-29-not>): .

No começo dos anos 80, duas razões me levaram a procurar D. João, ilustre monge do Mosteiro de São Bento: eu estava elaborando meu doutorado sobre Josef Pieper e – segunda razão – pelo encargo de lecionar Idade Média na FEUSP. Nos dois casos, sua ajuda foi decisiva: o mosteiro dispunha de livros e artigos de revistas raros e antigos sobre Pieper (que ninguém mais no Brasil possuía) e era imprescindível a ajuda de um mestre como D. João.

Era uma figura emblemática do ideal de São Bento, com a qual tive o privilégio de frequente convívio ao longo de seis anos (ele veio a falecer em 30-12-1988), com longas conversas ao menos uma vez por mês, além de inúmeras consultas telefônicas. Dom João, monge exemplar, era além do mais um erudito incomparável, especializado em Padres da Igreja e Sagrada Escritura, com domínio absoluto das línguas e uma imensa bagagem de leituras em sua memória prodigiosa; conhecimentos generosamente ao dispor do restrito círculo de amigos que frequentavam sua cela no

mosteiro. Com uma perna amputada, preso a uma cadeira de rodas, dedicava-se em tempo integral ao estudo e a um incrível “banco de dados” pessoal (naquele tempo não havia internet e nem PCs) com milhares e milhares de fichas.

Na verdade, em certos aspectos, D. João superava o Google. Lembro-me que um dia telefonei para ele porque queria saber quem era o autor do hino medieval *Ave verum*. Dom João respondeu: “Qual dos *Ave verum*?” Eu, que nem sabia que havia outros, precisei: “*Ave verum corpus natum*”. Ele disse que não sabia. Eu estranhei muito: como ele não sabe, se ele sabe tudo? Ele continuou: “Ninguém sabe. O primeiro manuscrito, do século XIV, é anônimo; outro manuscrito...”. E me falou a relação completa dos manuscritos do *Ave verum corpus natum*.

Suas raras saídas do mosteiro limitavam-se a uma ou outra conferência na USP ou a participação em bancas também na USP, como a de meu doutorado em 1986. Sempre que uma tese envolvia assuntos de antiguidade para os quais não havia especialistas, D. João era convocado. Entre os interlocutores que o visitavam no mosteiro, recordo os professores da USP: Ruy Afonso da Costa Nunes, Isaac Nicolau Salum, Nachmann Falbel e Helmi Nasr.

A história da educação e da cultura medievais, confunde-se, em boa medida, com a da Ordem Beneditina e 529, o ano de fundação do mosteiro de Monte Cassino, é considerado por muitos historiadores (como Pieper) o início da Idade Média, e o período que vai até o século XI é chamado de “era beneditina”. D. João, que era “o beneditino medieval” por excelência, seria figura indispensável em nosso curso (no qual, por vezes, contava com a preciosa colaboração da Profa. Silvia Colello).

Em todos os semestres, até seu falecimento, “aproveitando-me” do fato de sua condição de cadeirante, para que as turmas (de 60 alunos) pudessem ter uma conferência com o especialista, em vez de levar Dom João para a USP, eu levava os alunos ao São Bento (o Colégio, ao lado do Mosteiro) e eles tinham a oportunidade de ter acesso a – mais do que aos ricos conhecimentos do palestrante na conferência, mero pretexto – um autêntico monge medieval, ao puro espírito de São Bento. A aula terminava pouco antes dos Ofícios de Vésperas e os alunos que quisessem dirigiam-se à Igreja de São Bento para acompanhar a Liturgia das Horas em latim e com canto gregoriano. Todo um laboratório de cultura medieval, especialmente o monge.

O que mais impressionava aquelas jovens alunas era a figura do monge “alienado” em seu *contemptus mundi*, imerso em São Jerônimo e Orígenes e totalmente alheio às incidências mundanas do mundo moderno. Um dia, levei para ele revisar os originais de um livro que tinha escrito. Como sempre, buscava aproximar a filosofia e a educação medieval da cultura contemporânea e mencionei um verso de Caetano: “Por isso uma força me leva a cantar” (da então, ainda recente, canção “Força Estranha”). Dom João leu, disse que estava bom, mas fez uma ressalva: “Caetano nunca disse isso”. Estranhei e perguntei a qual Caetano ele se referia. Ele respondeu: “O cardeal Caetano, do século XVI, ora. Que outro Caetano há”? Do alto dos 1500 anos de sua Ordem, um dia explicou por que não se dedicava a aprofundar no marxismo. Ele disse: “Quando eu era jovem, Pio XI disse que o marxismo era errado. Se está errado, pensei, não vai durar mais que 300 ou 400 anos, puuuf... . Não vale a pena estudar!”.

Dom João prezava as distinções institucionais da Ordem, como a utilização do “Dom” – privilégio de bispos – por monges beneditinos. Uma vez, nossa conversa em sua cela foi interrompida por um monge que lhe trouxe o almoço. “– Obrigado Valdisnei [nome “aproximado”]”. Quando o confrade saiu, ele confidenciou-me em voz baixa: “Antigamente, entravam para a Ordem e se tornavam Dom – Dom Clemente, Dom Basílio... – mas *agora* eles continuam Valdisnei mesmo”. O seu

“agora” resumia as recentes mudanças na Igreja e na Ordem, com a – a seu ver – consequente decadência. O rigor do estilo da Ordem teria o poder de transformar “eles” (os menos dotados social e intelectualmente) e elevá-los a uma maior estatura.

São Bento e a Regra, os horários (entre tantas outras contribuições, S. Bento “inventou” horários, sagrados para seus monges), o eterno (em oposição ao efêmero), o voto de *stabilitas loci* (o monge beneditino, via de Regra, deve permanecer fixo em seu mosteiro) etc. Uma vez perguntei a Dom João por que o Mosteiro de São Bento está em um dos pontos mais centrais e ruidosos da cidade, quando o previsto é o ermo e o silêncio. “- Nós nos fixamos aqui desde o século XVI; o barulho veio depois...”.

Se tinha momentos de humor e divertia-se com piadas, no entanto, ele mantinha o rigor. Pouco antes de morrer, fui visitá-lo no mosteiro e ele me mostrou uma foto que tirara para o obituário, com aspecto muito grave. Comentei que a foto não combinava com seu bom humor. E ele justificou o semblante grave na foto assim: “Jean, eu sou um monge”. Dom João, muito inteligente, sabia ser flexível em coisas de menor importância: certa vez acompanhou-me à Biblioteca do Mosteiro, próxima à sua cela, para emprestar-me (o que não era permitido) um livro raro de Boécio e quando eu apanhei o grosso volume e já ia empurrar sua cadeira de rodas de volta para a cela, ele falou-me energicamente: “- Ó, camufla!”. “- !?!””. Ele apontou-me o vazio deixado pelo Boécio na estante e fez o gesto de ajuntar os livros remanescentes...

Não resisto a recordar um divertidíssimo “causo” de Dom João (uma piada ou talvez *una anécdota*, nunca esclareci se ocorreu realmente), avesso a místicas:

Uma vez “fui” celebrar missa para freiras jovens, neuróticas [“jôvens”, “neuróticas”, em seu sotaque alemão], e fiquei para almoçar:

– Irmã, poderia passar o pão?

– O pão... o trigo que se encontrava disperso pelo campo e que se deixou triturar, morrer para si mesmo, para transformar-se em pão que se dá em comunhão para os irmãos...!

– (dá de ombros em perplexidade) – Irmã, poderia passar o vinho?

– O vinho... que representa o sangue do Cordeiro (...)!
(O azeite... bálsamo da unção do Messias...)

Aí eu⁸ aponte para uma berinjela e quase falei: – Irmã, poderia me

passar o saco do São Benedito?

É, tipicamente, a oposição entre o realista beneditino, pés no chão, e os arroubos sentimentais do jardim das almas, com suas rosas e florezinhas campestres de uma carmelita como Santa Teresinha. Aliás, quem procurar no Google “mística carmelita” ou “poesia carmelita” verá que os resultados superam em muito os quase inexistentes “mística beneditina” / “poesia beneditina”. Já “beneditino” é, na linguagem popular, campeão em paciência (“paciência beneditina”), que Houaiss dicionariza: “aquele que se devota incansavelmente a trabalho metódico”.

O fato é que não havia na época nada de traduções de fontes no que se refere ao ensino medieval. Assim, pude oferecer a meus alunos e ao estudioso da Educação na Idade Média, mais de 50 pequenos textos de autores medievais (ou pré medievais), que enumerarei daqui a pouco para mais facilmente poder me referir a eles mais adiante. É gratificante constatar que alguns dos autores (e textos) medievais abaixo, sobre os quais nunca houve nada em nosso meio acadêmico (p. ex. Rosvita de

⁸. No ambiente piadista, a primeira pessoa faz parte do recurso lúdico de dar realismo: o narrador, Dom João Mehlmann, monge exemplar, seria incapaz de qualquer grosseria ou atitude minimamente indecorosa.

Gandersheim, ou o “Diálogo entre Pepino e Alcuíno”), com esse trabalho de traduções agora são muito estudados em artigos, dissertações, teses etc.

Roberto Carlos Gomes de Castro. Antes de tratar de meus livros, devo falar de um brilhante orientado de doutorado e de pós doutorado (e até hoje um de meus melhores amigos), Roberto Castro, autor também de uma **Bibliografia Comentada de JL** (in: www.jeanlauand.com/Interprete.pdf). Costumo dizer, meio brincando, que eu mesmo só entendi muitos aspectos de minha obra a partir das análises do Roberto, que os comenta incomparavelmente. Roberto veio com uma sólida formação em Grécia, obtida no mestrado com a orientação da Dra. Gilda N. M. de Barros e eu tive o privilégio de apresentar a ele, então meu aluno de Pós, o pensamento de Pieper, pelo qual ele imediatamente se apaixonou. Seu doutorado foi sobre um tema pieperiano, a influência do Pseudo Dionísio Areopagita em Tomás de Aquino, explorando brilhantemente dois pontos ultraessenciais: a negatividade e a participação. E seu pós doutorado foi sobre o próprio Pieper, com um fecundo estágio em Paderborn, com o Dr. Berthold Wald, o editor das obras completas de Pieper e seu principal herdeiro intelectual. Entre tantos outros autores, foi Roberto que trouxe para nossas revistas muitos artigos do Dr. Wald. Só há uma forma de compreender a vida intelectual do Roberto: com a intraduzível palavra espanhola “*ilusión*” (com o sentido positivo que lhe dá essa língua): a visão de projeção, *futuraça*, de entusiasmo; da expectativa da criança que espera o Natal e seus presentes, ou do enamorado que aguarda a chegada da amada (e a *ilusión*, mesmo depois da chegada, continua); é a curtição (no sentido originário de fruição com *vagar*). É a *ilusión* que impulsiona suas aulas (que inebriam os alunos); seus programa “Manhãs com Bach” e o de entrevistas “Via Sampa” na Rádio USP, seus livros e sua direção do Jornal da USP. Quando me aposentei em 2009, tive o privilégio de que Roberto, editor incomparável, tomasse a iniciativa de organizar “O intérprete do Logos – textos em homenagem a Jean Lauand” (www.jeanlauand.com/Interprete.pdf), colhendo diversos depoimentos e artigos de amigos. Diretor Científico de Eventos do Cemoroc, sua colaboração com nosso Centro dá-se em todos os âmbitos: desde organização de Seminários e ser *editor ad hoc* de diversos volumes, até a fidalguia com que recebe os convidados estrangeiros etc. Recentemente, foi cúmplice de Gabriel Perissé (e de outros amigos) na fundação de um “Instituto Jean Lauand” (IJL). Obrigado, Roberto.



Roberto Castro e Berthold Wald em Paderborn

Lista de traduções de textos medievais

Educação, Teatro e Matemática Medievais. São Paulo: Perspectiva Edusp, 1986, 2ª. ed. 1994.

1. *Sabedoria*, peça de teatro de Rosvita de Gandersheim; 2. *Diálogo entre Pepino e Alcuíno*, de Alcuíno de York; 3. *Problemas de Aritmética* de Pseudo-Beda; 4. *Proposições Aritméticas* de Pseudo-Beda; 5. *Teoremas de Geometria*, da "Geometria" atribuída a Boécio; 6. *Ave verum* de anônimo medieval; 7. *Manual para o meu filho* (pról. e caps.selecionados) de Dhuoda.

O Xadrez na Idade Média. São Paulo: Perspectiva Edusp, 1988. 8. *O mundo é um tabuleiro de xadrez*, de anônimo medieval; 9. *Livro de Xadrez* de D. Alfonso o Sábio.

Filosofia, Educação e Arte. São Paulo: IAMC, 1988. 10. *Adeste fideles* de anônimo medieval.

O significado místico dos números. Curitiba-S. Paulo: PUC-PR - GRD, 1992

11. *Tratado sobre o brincar* de Tomás de Aquino; 12. *De Urbis excidio* de Agostinho (caps. sel.); 13. *O significado místico dos números* de Rábano Mauro; 14. *Etymologiarum* de Isidoro de Sevilha (verbetes selecionados); 15. *Tratado sobre a Trindade* de Boécio; 16. *Quando estamos na taberna* de anônimo.

Raízes do pensamento medieval. Manaus: Amazonian Book-Sellers, 1993

17. *Sermão 112A, O filho pródigo* de Agostinho; 18. *Livro da interpretação dos nomes bíblicos* (verb. sel.) de Jerônimo.

Oriente e Ocidente 3: Textos medievais S. Paulo: DLO-FFLCHUSP, 1994.

19. *Disciplina clericalis* de Petrus Alphonsus - Textos escolhidos; 20. *Sermão sobre o conhecimento e a ignorância* de Bernardo de Claraval; 21. *Carmina* de Rusticus Helpidus.

Oriente e Ocidente 5: Sentenças de Sabedoria dos Antigos. S. Paulo: DLO-FFLCHUSP, 1994.

22. *Livro das cintilações (sentenças sel.)* de Defensor de Ligugé.

Oriente e Ocidente 6: O literário e o popular. S. Paulo: EDIX - DLO-FFLCHUSP, 1995.

23. *"Nihil est in intellectu..."*, Provérbios literários latinos; 24. *Eisemple de almosna*, Sermão sobre a esmola.

Oriente e Ocidente 7: Idade Média: Cultura Popular. S. Paulo: EDIX - DLO-FFLCHUSP, 1995.

25. *Sobre o modo de comer* de Petrus Alphonsus; 26. *Anevdotas do servo Maimundo* de P. Alphonsus; 27. *Anevdota do pastor e do Mercador* de P. Alphonsus.

Oriente e Ocidente 8: Razão, Natureza e Graça – Tomás de Aquino em sentenças. S. Paulo: EDIX - DLO-FFLCHUSP, 1995. 28. *Sentenças* de Tomás de Aquino.

Medievália - filosofia, teatro e pedagogia. S. Paulo: Hottopos, 1997.

29. *O milagre de Teófilo* de Gonzalo de Berceo; 30. Comentário ao Salmo II de Tomás de Aquino; 31. *Monásticos* de Catão; 32. Provérbios na obra de Tomás de Aquino, 33. *Dulcício*, peça de Rosvita de Gandersheim; 34. *O pregão das ervas* de Rutebeuf; 35. *A dança da morte* – de anônimo do século XV.

Revista Mirandum, N. 5, 1998 36. *"Et Pilo sua umbra..."* - Inscrições em Relógios de Sol".

Cultura e Educação na Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 1998; 2ª. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. recolhe diversos dos anteriores e acrescenta: 37. *Sermão para uma paróquia rural* de S. Cesário de Arles; 38. *O Mistério de Adão*, peça de teatro de anônimo medieval; 39. *O Courtois d'Arras*. peça de teatro de anônimo; 40. *O Livro da escada de Maomé* (cap. 50, 51 e 70), século XIII; 41. *Carta sobre o modo de estudar* de Tomás de Aquino e 42. *Sobre o Amor de Deus* de S. Tomás de Aquino.

Verdade e Conhecimento. São Paulo: M. Fontes, 1999; 2ª. ed. S. Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

43. *A questão disputada sobre a verdade* de Tomás de Aquino; 44. *A diferença entre a palavra divina e a humana* de Tomás de Aquino; 45. *Questão disputada sobre o Verbo* de Tomás de Aquino.

Tomás de Aquino - Sobre o ensino e os sete pecados capitais. São Paulo: Martins Fontes, 2001; 2ª. ed. São Paulo: Selo Martins, 2004. 46. *De magistro* de Tomás de Aquino; 47. *Os pecados capitais* (de várias obras de Tomás de Aquino).

Tomás de Aquino – A prudência, virtude da decisão certa. São Paulo: Martins Fontes, 2001; 2.ed. São Paulo:wmf MartinsFontes, 2014. 48. *A virtude da prudência* (de várias obras de Tomás de Aquino).

O De Mathematica de Isidoro de Sevilha e outros textos pedagógicos medievais. São Paulo: ESDC, 2006. 49. *Recomendações para os copistas* de Cassiodoro; 50. *Retórica - Sobre As Figuras de Palavras* de Isidoro de Sevilha; 51. *Sobre a Matemática (Aritmética e Geometria)* de Isidoro de Sevilha.

A ideia por trás da seleção desses textos e autores era a de “desvendar a fisionomia mais animada e bela da cultura medieval”, como escreveu Ruy Nunes em resenha a meu primeiro livro (Estadão, 2-8-86, p.11). Algumas diretrizes básicas eram:

– **1. Textos do ensino da Primeira Idade Média.** Trazendo a meus estudantes o conteúdo efetivamente ministrado aos aluninhos da época. Inclusive, uma das provas do semestre não era sobre Idade Média, mas a mesma prova que os meninos do século IX enfrentavam nas escolas monásticas, com questões de Aritmética (como em 2, 3, 4, 51 etc.), adivinhas e charadas (parte da Matemática: 2, 3, 4 etc.); Geometria (como em 5, 51 etc.), Gramática, fazendo-os “pregar” em latim trechos de sermões (especialmente o 12, mas também outros dos acima relacionados), brincando de Etimologias (parte da Gramática. especialmente com o 14); Retórica (o 50); Música, aprendendo e cantando em latim (6, 10 etc.). Etc.

Além disso, muitas vezes, meus alunos apresentavam as (divertidas) peças de teatro medievais (1, 38. 39 etc.). Fora da FEUSP, em 2011, a Profa. Flávia R. Marquetti encenou algumas dessas peças (34, 35, etc.) com seus alunos de Arte Dramática do SENAC-Araraquara, em projeto da prefeitura daquela cidade. E a peça Sabedoria (No. 1) foi realizada no Ciclo XVI – Dramaturgas do Programa TUSP (<https://missaopaz.wixsite.com/missaopaz/single-post/2016/10/19/Miss%C3%A3o-Paz-participa-do-Programa-TUSP-de-Leituras-P%C3%ABAblicas>). Também o “Parque da Ciência” da Secretaria da Educação do Paraná recomendou a encenação de Sabedoria (No. 1), para o ensino de Matemática no estado:

Outro trabalho de grande relevância diante de seu pioneirismo foi o realizado pelo professor da Universidade de São Paulo (USP) Luiz Jean Lauand, que traduziu uma peça escrita, produzida e montada pela monja Rosvita de Gandersheim no século X, intitulada Sabedoria (Sapientia, no título original). Na cena III há uma autêntica aula de matemática medieval unindo o teatro ao ensino. (<http://parquedaciencia.blogspot.com/2013/08/matematica-em-cartaz-episodio-ii-o.html>)

Era quase uma emoção de arqueólogo ir descobrindo nos textos originais (na coleção do *Migne* e outros) o espírito da época e dialogar com educadores da primeira Idade Média como Boécio, Alcuíno, Beda, Isidoro de Sevilha etc.

Emoção profunda, de Indiana Jones, ao ler por primeira vez (e traduzir) a Geometria de Boécio (atrib. a ele), do século VI, e ver que esse genial educador, ante a ameaça de total desaparecimento da cultura clássica com a queda do Império Romano no Ocidente, vê-se forçado a resumir os monumentais 13 livros dos Elementos de Euclides a uma “apostilinha” de 20 páginas só com os rudimentos, que será tudo que os bárbaros dos primeiros séculos medievais conhecerão dessa ciência e, ao final, como que pedindo desculpas, apresentar somente os 2 primeiros teoremas de Euclides, na esperança de que seus alunos ostrogodos não ficassem “totalmente nas trevas”. O lema de Boécio (assustadoramente atual...), em tempos de barbárie, era: “*Quamvis succincte, tamen dicta sunt*”: embora de modo resumidíssimo e precário, no entanto, pelo menos apresentei alguns rudimentos. Na banca de meu doutoramento, Celso Beisiegel, chefe do Departamento, quis comover-me dizendo que minha presença na FEUSP era a de um Boécio...

Emoção também ao descobrir que probleminhas da minha infância (do Almanaque do Biotônico Fontoura...), como o de levar em uma canoa, para a outra margem do rio, uma couve, uma cabra e um lobo... estavam já em Beda e Alcuíno (séc. VIII), para ensinar ludicamente nas escolas monásticas.

– **2. O lúdico no ensino.** Ao contrário do que se pensa, o ensino da época era, muitas vezes enormemente lúdico, recheado de enigmas, charadas, pegadinhas e piadas (os textos de 19, 26 e 27, Petrus Alphonsus, por exemplo). Nas listas de Aritmética de Beda e Alcuíno encontramos problemas como:

Um boi que está arando todo dia, quantas pegadas deixa ao fazer o último sulco?

Resposta: Nenhuma em absoluto. Pois o boi precede o arado e o arado segue o boi; e, assim, todas as pegadas que o boi faz na terra

trabalhada, o arado as apaga. E, deste modo, não se encontrará nenhuma pegada no último sulco.

Numa escada de 100 degraus, no 1º. degrau está pousada 1 pomba; no 2º, 2; no 3º, 3; no 4º, 4; no 5º, 5; e assim em todos os degraus até o 100º. Diga, quem puder, quantas pombas há no total?

Estes e muitos outros podem ser encontrados no último tópico de: “Enigmas, alegoria e religião na educação medieval” (www.hottopos.com/notand18/enigmas.pdf). Esse artigo, em tradução ao inglês, “The Role of Riddles in Medieval Education”, foi premiado com o 4º. Lugar no Top Ten do prestigioso site especializado canadense: Medievalists.net (<https://www.medievalists.net/2011/12/top-10-medieval-articles-of-2011/>).

A união entre sabedoria e lúdico pode ser avaliada no delicioso diálogo entre o mestre Alcuíno e o menino Pepino (<http://www.hottopos.com/convenit31/73-82alcuinus.pdf>). Um trecho do diálogo, no qual o mestre interroga, o aluno responde:

O mestre - O que é que faz doce o amargo?

O aluno - A fome.

O mestre - O que é que faz com que o homem não se canse?

O aluno - O lucro.

O mestre - O que é o sonho dos acordados?

O aluno - A esperança.

O mestre - O que é a esperança?

O aluno - Refrigério nos trabalhos; evento incerto.

O mestre - O que é a amizade?

O aluno - A igualdade das almas; a igualdade dos amigos.

O mestre - O que é a fé?

O aluno - A certeza das coisas não sabidas e admiráveis.

(...) [seguem-se alguns enigmas]

O mestre - Agora há pouco, vi um homem, em pé, que nunca existiu, um morto andando.

O aluno - Desvende-me como pode ser isso.

O mestre - A imagem refletida na água.

O aluno - Como é que eu, tendo tantas vezes visto isso, não o entendi por mim mesmo?

O mestre - Já que és um bom rapaz e dotado de natural engenhosidade, vou te propor mais algumas "admiráveis";[enigmas] provarás se, por ti mesmo, podes adivinhá-las.

O aluno - Sim e se eu errar, tu me corrigirás.

O mestre - Farei como desejas. Um desconhecido, sem língua e sem voz, falou comigo; ele nunca existiu, nem existirá. É alguém que não conheço e nem ouviria.

O aluno - Acaso um sonho te importunou, mestre?

O mestre - Sim, filho, acertaste.

– **3. O alegórico na visão de mundo medieval.** A mentalidade religiosa alegórica, vinda já do cristianismo antigo – de Alexandria ou de um Agostinho – vai ter plena vigência na Idade Média (especialmente em seus primeiros séculos): as coisas não são só o que são; são, antes de tudo, sinais de Deus, pistas para a compreensão da fala de Deus, como enigmas a serem decifrados. Como diz Agostinho:

Chama-se alegoria a palavra que soa de um modo, mas acaba significando outra coisa diferente. Por exemplo, Cristo é chamado cordeiro (Jo 1,29); acaso é Ele animal? Cristo é chamado leão (Apo 5,5); acaso é Ele fera? É chamado pedra (ICor 10,4); acaso é Ele dureza? É chamado monte (Dan 2,35); acaso é Ele elevação de terra? E, assim, há muitas palavras que soam de um modo, mas são entendidas de outro e a isto se chama alegoria (En. 103, 13).

Criadas pela Inteligência do Logos, as coisas do mundo trazem uma mensagem cifrada sobre Deus e sobre as verdades eternas. Esta, aliás, vai ser, desde o cristianismo antigo, uma base para a **legitimação do estudo dos saberes profanos**; pois, no fundo, não são profanos: ao estudar os animais – serpente, pomba ou boi –, adquire-se uma maior compreensão do que disse Jesus Cristo, por exemplo: “Sede prudentes como serpentes e simples como pombas” (Mt 10, 16). E São Paulo, comentando a lei dada por Deus: “Não atarás a boca do boi que debulha” (Deut 25, 4), desfere a ironia: “Acaso Deus está se preocupando com bois? Ou é para nós que Ele diz isto?” (I Cor. 9, 9-10).

Dados da Bíblia para o cristão de hoje totalmente secundários, são, para os antigos e medievais, temas centrais de sua exegese. Os números, por exemplo, como quando da pesca milagrosa – no último capítulo de seu evangelho –, João narra que Pedro trouxe em sua rede 153 peixes grandes (Jo 21, 11). O número 153, no caso, para o cristão de hoje significa simplesmente uma grande quantidade de peixes. Mas para os medievais, não: esse número – como cada número mencionado na Bíblia – tem um significado místico: é um enigma, que Deus quer que decifremos para podermos entender sua mensagem. Agostinho, por exemplo, vai jogar com o caráter de “número perfeito” do 10 (a perfeição da lei) e do 7 (perfeição do espírito), que somados dão 17. Ora, a soma dos números de 1 a 17 dá precisamente 153, o número da multidão dos bem-aventurados que (da barca de Pedro, que alegoricamente é a Igreja) são levados a Jesus; porque foram apanhados pela rede da atividade evangelizadora.

Rábano Mauro (No. 13), no séc. IX, chega a escrever um tratado explicando o significado místico de cada número na Bíblia. São Jerônimo (No. 15) interpreta o significado (*nomen, omen*) dos nomes bíblicos etc. E a obra inteira de Agostinho, Rosvita e a de tantos outros está permeada de interpretações alegóricas.

Minhas traduções do xadrez medieval (No. 8 e 9) são de obras que também estão imbuídas dessa deliciosa visão: em vez da insossa mentalidade enxadrística de hoje; a Idade Média colore o jogo, vestindo-o de amor, guerra (a torre é arma de cerco e assalto: por isso move-se só na horizontal e vertical), poder (a peça bispo, anda na diagonal porque os eclesiásticos são tortuosos etc.).

A profundidade do pensamento filosófico-teológico de Tomás de Aquino

Claro que este é todo um capítulo nestas memórias. Minha contribuição para a melhor compreensão do pensamento de Tomás de Aquino no Brasil deu-se em duas vertentes: traduzir e comentar grandes temas tomasianos redescobertos por Pieper e uma ou outra contribuição pessoal, independentemente de meu mestre alemão.

Como sempre, voltado para a sala de aula, procurei aprofundar-me em temas tomasio-pieperianos para minha disciplina de Pós na FEUSP: EDF-814: A Educação para as virtudes na Tradição Ocidental.

Acho que foi em 1982 ou 1983 que um amigo, voltando de uma viagem a Münster, a cidade de sempre de Josef Pieper (abreviarei por JP), trouxe-me umas

separatas da revista *Folia Humanistica*, artigos de JP e seu endereço residencial: Malmedyweg 10. Imediatamente, comecei uma correspondência com o filósofo (ele nunca deixou de responder às dezenas de cartas, com uma delicadeza e atenção incríveis), que se estenderia até sua morte, em 1997. Contou-me o Dr. Wald que todas essas minhas cartas estão incorporadas no Arquivo Josef Pieper, que ele administra. Em uma de suas cartas, JP me autorizou a publicar pequenos textos seus (que eu traduzia, em geral, em parceria com alguém que realmente conhecesse a língua alemã – eu conhecia o alemão de JP, mais do que por estudo, por “afinidade”).

Para minha disciplina, atrevi-me a traduzir uma conferência de JP sobre as virtudes cardeais (<http://www.hottopos.com/isle11/95-101Pieper.pdf>). Um dos tantos temas tomasianos que JP tirou do esquecimento (ou da distorção) por parte de tantos eclesiásticos é o da virtude cardeal da Prudência, que acabei por traduzir também do próprio Tomás (livro No. 48).

Prudência. O melhor resumo de meus escritos sobre o tema está na resenha do livro acima citado, que Roberto Castro, publicou no Jornal da USP (15-8-2005):

Pensando agir com base na razão, o homem ocidental moderno acostumou-se a tomar decisões fundamentado, muitas vezes, em suas próprias paixões. Decide-se por inveja, por ambição, por medo e até por respeito ao “politicamente correto”, mas nem sempre pela *ratio* (razão, em latim). Nada mais prejudicial à conduta humana do que esse equívoco, poderia dizer o filósofo medieval Tomás de Aquino (1224-1274). Para ele, existe uma virtude capaz de fazer com que o ser humano encontre, em cada decisão que toma, aquela “receita”, aquele “caminho certo, estreito”, de que fala Guimarães Rosa através de Riobaldo. Essa virtude é a prudência – ou melhor, a *recta ratio agibilium* (reta razão aplicada ao agir), segundo a definição de Aquino. (...)

Para Lauand, a obra de Tomás de Aquino é o reconhecimento de que a direção da vida é competência do indivíduo e que não há “receitas” de bem agir, pois a prudência versa sobre ações contingentes, situadas no “aqui e agora”. “É que a prudência é virtude da inteligência, mas da inteligência do concreto: a prudência não é a inteligência que versa sobre teoremas ou princípios abstratos e genéricos. Ela olha para o ‘tabuleiro de xadrez’ da situação presente, sobre a qual se dão as nossas decisões concretas, e sabe discernir o ‘lance certo’, moralmente bom. E o critério para esse discernimento do bem é a realidade.” (<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2005/jusp735/pag12.htm>)

Como dizia anteriormente, esse centrar a direção da vida moral no próprio sujeito é precisamente o aspecto da Prudência que é silenciado ou distorcido em tantos meios católicos (e cristãos em geral), por parte de padres, bispos e pastores – e dos católicos *insaciáveis* em geral – que não querem abdicar do indevido controle sobre a vida do cristão.

Acídia. Trabalho semelhante de “divulgação pieperiana”, fiz com meus artigos sobre a genial análise (profundamente antropológica) de Tomás de Aquino sobre o vício capital da Acídia (No. 47), silenciado e substituído, pelos eclesiásticos, pelo pecadilho da preguiça. A acídia é outro grande tema esquecido. Ela se refere à tristeza que queima o homem que se recusa a atingir a estatura a que está chamado, humana e espiritualmente. Ele recusa o bem que Deus preparou para ele, a filiação divina e a auto-realização, que é o grande fim da moral. É muito mais fácil e cômodo,

para o homem, recusar-se a buscar sua realização pessoal e se instalar na mediocridade. Quando isso acontece, quando o homem deixa de buscar o bem maior, ele começa a sentir uma profunda inquietação, uma queimação, um desespero, que o leva a fazer muitas besteiras a fim de (tentar em vão) se livrar dessa angústia, desde grudar-se no celular, buscar desenfreadamente o sexo e o consumo e até usar drogas. Daí a acídia ser pecado capital. (cf. <http://www.hottopos.com/videtur28/ljacidia.htm>).

Se a tristeza da acídia pode levar à inação, leva também a uma ação desenfreada, a uma inquietude, como no poema de Bertolt Brecht⁹:

DER Radwechsel	A troca de pneu
Ich sitze am Straßenhang Der Fahrer wechselt das Rad Ich bin nicht gern, wo ich herkomme Ich bin nicht gern, wo ich hinfahre Warum sehe ich den Radwechsel Mit Ungeduld?	Fico sentado à beira da estrada O chofer troca o pneu Não “tô legal”, lá de onde venho Não “tô legal”, lá para onde vou Por que sigo a troca do pneu Com impaciência?

E tanto no fazer como no não-fazer, o tédio. Com incomparável lucidez, Fernando Pessoa, no *Livro do desassossego* (#263) diagnostica em seus múltiplos aspectos esse tédio; limitemo-nos a uma passagem que ressalta precisamente que o problema não está no trabalho nem no repouso, mas no centro do eu:

O tédio... Trabalho bastante. Cumpro o que os moralistas da acção; chamariam o meu dever social. Cumpro esse dever, ou essa sorte, sem grande esforço nem notável desinteligência. Mas, umas vezes em pleno trabalho, outras vezes no pleno descanso que, segundo os mesmos moralistas, mereço e me deve ser grato, transborda-se-me a alma de um fel de inércia, e estou cansado, não da obra ou do repouso, mas de mim.

A doutrina da participação em Tomás. Penso ter sido o primeiro no Brasil a difundir amplamente essa doutrina (não tão explícita em Pieper), centralíssima no pensamento do Aquinate – para tratar da Criação e da Graça – e que não é aristotélica (daí que haja importantes limites quando se fala de um “aristotelismo” de Tomás). Entre muitos outros textos, apoiar-me-ei aqui em meu artigo: “Cristo, nosso sal – a *participatio* em Tomás de Aquino”, publicado em 2006 na revista “Faventia”, da Universidade Autônoma de Barcelona (também no meu livro “Teologia e Ética”, pp.11-28: <http://www.jeanlauand.com/TeoLEticEbook.pdf>).

O sentido mais profundo do participar é “ter” em oposição a “ser”: o fogo é calor; o metal **tem** calor quando participa do calor que é no fogo. Assim, na Criação, **temos** o ser, mas Deus é. E na graça, recebemos a filiação divina, que é em Cristo: Ele é o filho de Deus, nós **temos** a filiação divina (em Cristo).

Uma curiosidade de compreensão e tradução (à primeira vista, assustadora!), a propósito da *participatio*, deu-se quando, lá pelas tantas, Tomás diz: “*sol non potest dici calidus*” não se pode dizer que o sol é quente!! E é que, na participação, sendo uma realidade fonte e raiz das que dela participam (daí os nossos *participios*), a fonte é o sol, que é calor e não *calidus* (em latim, um participio: “esquentado”). Assim, para

⁹. <http://members.aol.com/mdersch/brecht.html>

Tomás, em sua concepção de participação, em rigor não podemos predicar “quente” (*calidus*) do sol, se a cada momento aplicamos a palavra “quente” para coisas esquentadas pelo sol, dizendo que a casa ou o dia estão quentes (se o dia ou a casa **têm** calor é porque o sol é quente).

Na ocasião, mostrei (*enseñé*) isto argumentando que o gelo em um isopor de pic-nic é a razão de que o guaraná esteja gelado, mas do próprio gelo não se pode dizer que seja gelado (ele é, por assim dizer, a “geleidade”). E, a propósito de Cristo, nosso Sal, com indescritível emoção e alegria, topei um dia com um felicíssimo provérbio do povo africano Abé (Costa do Marfim), que diz: “Do próprio sal não se diz salgado”...

Participatio e Deus Criador. F. Pennacchi, José G. Gaspar e Adélia Prado.

Pieper, genialmente põe, como característica central de Tomás, a concepção de Criação. Na extensa obra de JP nunca aparece o epíteto “Doutor Angélico”; ele afirma outro, muito mais adequado: “Tomás do Deus Criador”. E isso porque Tomás levou a sério Jo I, 1: Deus cria pelo seu Logos, o Verbo, a Palavra, a Inteligência. Assim, a Criação não se dá por uma espécie de varinha mágica: “puuuufl!, surjam os peixes!”; “puuuufl!, as girafas!” etc. A Criação é, sim, *design*, obra inteligente do Verbo: as criaturas **são** porque são conhecidas pelo Verbo. E nós, podemos conhecer as coisas, porque em cada uma delas está essa “verdade” do Logos. Daí também a **valorização do corpo e da matéria** (criados por Deus) por Tomás. A propósito, ele é tão “materialista” que nas questões de *Quodlibet*, tratando do jejum, dirá que o jejum demasiadamente rigoroso é, sem dúvida, pecado (*absque dubio peccat*) quando debilita a natureza a ponto de impedir as ações devidas: que o pregador pregue, que o professor ensine, que o cantor cante..., que o marido tenha potência sexual para atender sua esposa! Quem assim se abstém de comer ou de dormir, oferece a Deus um holocausto fruto de um roubo. Contra todo maniqueísmo, Tomás afirma a bondade de todas as coisas materiais, criadas por Deus (o mal é uma perversão do bem originário previsto por Deus, daí a nossa fórmula – admoestativa – de felicitações: **Parabéns**).

O mundo é bom! As coisas criadas são boas! Se eu tivesse que escolher uma única sentença que resumisse a visão de mundo de Tomás, a Criação como participação, talvez ficasse com a seguinte:

“Sicut bonum creatum est quaedam similitudo et participatio boni increati, ita adeptio boni creati est quaedam similitudinaria beatitudo” (De malo 5,1, ad 5).

“Assim como o bem criado é uma certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de um bem criado é uma certa semelhança e participação da bem-aventurança final”.

Sim, é certo que a felicidade definitiva do homem reside na posse de Deus pela contemplação, pelo olhar de amor; mas, para o Aquinate, essa felicidade não é algo “transferido” para depois da morte, e sim, algo que irrompe, que já principia nesta vida, pela fruição do bem de Deus nos bens do mundo, até mesmo em um copo de água fresca num dia de calor...

E é missão da arte lembrar ao homem, esquecedor, essa presença divina no mundo. Dois grandes artistas ajudaram-me a mostrar a meus alunos essa tomasiana “contemplação terrena”: o poeta José Gilberto Gaspar e o pintor Fulvio Pennacchi.

Em 1982, conheci o poeta **José Gilberto Gaspar**. Na época ele tinha uma sapataria no bairro da Casa Verde e, por indicação de um amigo, colega de seu filho, fui bater à sua porta e passei uma tarde de domingo deslumbrado com a poesia, as

modas de viola e os “causos” (de Minas) incomparáveis daquele homem simples e genial! Por exemplo, sua inesquecível e arrebatadora interpretação de Sôdade, aqui reduzida a cerca de metade de sua extensão:

Sôdade (Ari de Lima - José Gilberto Gaspar)

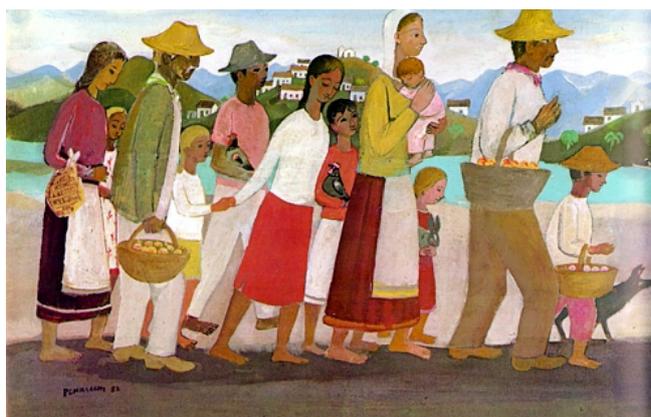
Vancê divia, Sôdade
praticá a caridade
di largá meu coração
Vancê divia inté tê mágoa
di moiá meus óio d'água
com tanta recordação
Vancê carece de largá dessa vida à toa
deixá de vivê feito loca
de andá batendo boca
nus coração das pessoa.
Eu as veiz fico pensando
prá mim mermo preguntano
pru qui será qui vancê num dexa de amolá, Sôdade?
Os meus óio são triste sem cô
a minha vida é tão deserta
o meu coração é ranchinho qui u distino disteio
dexano inté sem coberta
(...)
Sôdade, vancê é moça sortera
devéra di arranjá uma casa mais brejera
pra vancê pudê morá
Dentro do meu coração
coitado, num tem nada
num tem água prá bebê
num tem pão prá si comê
num tem banco prá sentá
(...)
Sôdade, qui bobage é esta
dentro du meu coração nunca teve festa
Pru que qui vancê gosta tanto di aqui ficá:
nessa caverna tão iscura
onde as mortáia das ventura
nus canto muntuada
i a banquinha da ternura
toda chuja empuerada
(...)
Presta atenção no qui digo, Sôdade
Eu sô teu amigo i só ti desejo o bem
O qui eu quero é ti vê sossegada
I vivê eu sossegado também.
Ela oiô no ispeio...
iscuitô os meus conseio
I lá si foi a Sôdade
com seu vistido cor-de-rosa
era a caboca mais fremosa
toda cheia de vaidade
Mais ela é tão indiscreta

qui deixô a porta aberta
e veio a Paxão i...
... i entrô...

Vai-simbora Paxão
depressa, por caridade
Saia do meu coração
pruquê esse lugar
É da Sôdade.
Mas a Paxão num é caridosa
É uma caboca teimosa
i num tem dó di ninguém
Eu sei posso contá
Presta atenção meus amigo
Pruquê por toda as banda qui eu vô
a paxão anda cumigo...

Em muitos semestres, uma “aula show” do Juquinha (como o chamávamos na intimidade) era obrigatória em minha disciplina de Filosofia da Educação. E, já no primeiro ano (1982), ele foi eleito pela turma: “Paraninfo da afetividade”. Em <http://www.jeanlauand.com/FilosofiaArte.pdf> pp. 241 e ss., recolho o artigo “A poesia e os fundamentos do ato poético”, uma amostra comentada de sua arte. Uma interessante resenha desse artigo foi elaborada pelo Prof. Dr. Serhii Wakúlenko, da Universidade Nacional de Kharkiv da Ucrânia. A versão em inglês recebeu links em sites temáticos sobre Hölderlin na Alemanha e na Rússia.

O saudoso pintor **Fulvio Pennacchi**, hoje ainda mais célebre, foi mais uma amizade que nasceu de bater em sua porta (na cara e na coragem) e pedir que colaborasse com minhas aulas. Traduzindo em belíssimos quadros (esculturas, cerâmicas etc.) a *participatio* divina, Pennacchi foi um grande mestre da arte sacra, mas o que mais me interessava era seu olhar de amor para as cenas da vida da gente simples do povo: a ternura impregnando a convivência, o trabalho e as festas, mas também a Criação, os animais, as paisagens etc. –, deixando entrever a presença de Deus, a *participatio*, a “mística do cotidiano”. Sua frase mais emblemática era: “Eu amo o ser humano, na verdade, amo o divino que todo ser humano contém”.



À esq.: “Mulheres e crianças” (acervo do autor); à dir.: “Fim da jornada”

Muitas de nossas aulas de Pós Graduação sobre filosofia da arte ocorreram em sua maravilhosa casa no Jardim Europa (toda ela arquitetada e decorada – até com afrescos – pelo artista) e em inesquecíveis diálogos com ele, saboreando os fartos lanches que sua esposa, a nobre D. Filomena, nos servia. Escrevi muito sobre sua obra, um dos artigos, “Pieper's Theory of Feasting – the Work of a 'Brasiliano' Painter”, foi publicado pela revista australiana Universitas, especializada em Santo Tomás de Aquino: <http://www.cts.org.au/2001/universitas10/piepersfeasting.htm>. Orig. em português em: <http://www.hottopos.com/rih2/pennac.htm>.

Pennacchi nos mostra o valor do simples, a riqueza da alma boa, ingênua, brasileira, “de bem” com Deus e com o mundo, sempre disponível para voltar-se para o outro com aquele olhar em voz alta que exclama: “Que bom que você exista!” (a maravilhosa sentença com que Pieper resume a essência do Amor). No rosto e no gesto de suas figuras e paisagens expressam-se a ternura, o querer bem, o acolhimento, o amor humano - continuação do Amor criador de Deus. Guiados pelo olhar de Pennacchi, surpreendemos nessa realidade, tão familiar, algo de novo, ou melhor, algo já intuído e visto mas que a rotina do cotidiano de penúria encarregou-se de embotar: tudo que é, é bom; tudo que é, é amado por Deus. E mais: é, *porque* é amado por Deus.

Sem falar da poeta maior da “mística do cotidiano” e da “estética da participação”, desde sempre presente em minhas aulas e escritos: **Adélia Prado**. Sua arte faz-nos ver (ou entrever...) e lembrar essa realidade transcendente no inaparente do cotidiano e, sem ela, recaímos na cotidiana desolação, como Adélia expressou nos incomparáveis versos:

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra e vejo pedra mesmo

Um de meus artigos sobre ela está em <http://www.hottopos.com/isle7/55-68Jean.pdf>.

Em 5-11-1993, Adélia concedeu-me uma entrevista na qual discutíamos precisamente Pieper e a Criação (http://www.grupotempo.com.br/tex_adelia.html) e, ao final, quis honrar-me (ambos em lágrimas), confiando-me um poema seu manuscrito (a lápis), do qual até hoje sou o único detentor:

ACÁCIAS

Minha alma quer ver a Deus.
Eu não quero morrer.
Quero amar sem limites
E perdoar a ponto de esquecer-me
Radical, quer dizer pela raiz
O perdão radical gera alegria
Exorciza doenças, mata o medo
Dá poder sobre feras e demônios
Falo. E falo é também membro viril,
Todo léxico é pobre,
Idiomas são pecados;
Poemas, culpas antecipadamente perdoadas
Eis, esta acácia florida gera angústia

Para livrar-me, empenho-me
Em esgotar-lhe a beleza
Beleza importuna,
Magnífica insuficiência,
Porque ainda convoca
O poema perfeito.

Amarelo-Deus: Tom Jobim e a participação de Santo Tomás de Aquino.

Os grandes se encontram nas grandes realidades. Em 1991, escrevi para o semanário “Atualidade”, da PUC-PR, o artigo “A Filosofia da arte de S. Tomás e Tom Jobim”, comentando o fato de ele, naqueles dias, ter sido imortalizado no *Songwriters Hall of Fame* (New York, 1991). Depois de uma breve exposição da doutrina da *participatio* na Criação, recolhi uma declaração muito profunda de Tom Jobim, quando perguntado qual era a sensação de glória ao receber essa distinção. Sua resposta foi:

Glória? A glória é de Deus e não da pessoa. Você pode até *participar* dela quando faz um samba de manhã. Glória são os peixes do mar, é mulher andando na praia, é fazer um samba de manhã.

Em 28-12-19, em memória dos 25 anos de sua morte, a Globo News exibiu um *Arquivo N* dedicado ao maestro, centrado em entrevista à sua filha Maria Luiza Jobim. Nele, em uma imagem antiga Tom declara à entrevistadora: “Na música, o que mais me importa é levar você à felicidade, levar você a Deus!”

E das memórias de infância de Luíza, dos seus 6 ou 7 anos, aparece o Tomás de Aquino de raiz:

Eu lembro muito de nossos passeios ao Jardim Botânico, que a gente fazia quase que diariamente, só eu e ele. E ele ia me mostrando o nome das árvores e o nome dos passarinhos. E eu lembro dele me mostrando o Ipê amarelo, aquela árvore com aquele **a-ma-re-lo...**! E eu, Nossa!, extasiada, criança: “Lulu, isto é amarelo-Deus!” E eu nunca mais esqueci disso...

Na verdade, a doutrina da participação não é uma visão de mundo de Poliana nem o de comercial de margarina. O contraponto do encantamento está no que Tomás diz do dom da ciência (e Tom em “Águas de Março”). De fato, para Tomás, o dom da ciência (conhecer a fundo as coisas criadas), dom do Espírito Santo, corresponde à bem-aventurança dos que choram: “scientia convenit lugentibus” (II-II 9, 4 sc). Pois a criatura, enquanto procede do nada, de per si é treva “est tenebra in quantum est ex nihilo” (só é luz enquanto, por participação, se assemelha a Deus. E obscuro é também o conhecimento que a criatura oferece: “sed quia creatura ex hoc quod ex nihilo est, tenebras possibilitatis et imperfectionis habet, ideo cognitio qua creatura cognoscitur, tenebris admixta est” (In II Sent. d 12, q3, 1, c). Quanto mais *scientia*, maior a depressão: porque se constata quão deficientes são as coisas do mundo.

Toda essa doutrina de Tomás encontra uma inesperada e discreta confirmação até na canção “Garota de Ipanema”, de Vinicius e Tom. A letra, como todos recordam, vai falando da beleza: “Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça. É ela, menina, que vem e que passa” e de como “o mundo inteirinho se enche de graça etc.”

E, de repente, o verso, tão profundo quanto inesperado e (só) aparentemente contraditório: “Oh, por que tudo é tão triste?” Por que a beleza traz consigo também a sensação de solidão e tristeza? Talvez também porque se adivinha que a criatura tem a beleza de modo precário e contingente; só Deus é a Beleza incondicional e *simpliciter*. Daí também a angústia da acácia de Adélia:

Eis, esta acácia florida gera angústia
Para livrar-me, empenho-me
Em esgotar-lhe a beleza
Beleza importuna,
Magnífica insuficiência,
Porque ainda convoca
O poema perfeito.

A presença central de Tomás no novo Catecismo (1992) da Igreja Católica
Meu artigo sobre Tomás no Catecismo: “A Filosofia da Educação no novo Catecismo Católico” (<http://www.hottopos.com/convenit3/jeanlaua.htm>), conferência no I Congresso Latino de Filosofia da Educação (2000), recebeu – em sua versão em espanhol – muitas publicações em revistas da Catalunha, Espanha, Argentina e até na centenária “Mercurio Peruano”.

No Catecismo, junto com a extraordinária **valorização do corpo e da matéria em Tomás** (cf. por exemplo “Teologia, corpo e educação moral”, pp.47-57 in <http://www.jeanlauand.com/TeolEticEbook.pdf>), a revolucionária doutrina da participação in-forma cada uma das 4 grandes partes em que o Catecismo se divide: a doutrina da fé, a liturgia (na qual somos Cristo, participantes em Cristo), na moral (que, em vez de conjunto de regras é reconhecer a dignidade do cristão e agir de acordo com isso) e a vida de oração (como filhos de Deus em Cristo).

Um artigo sobre Tomás chega a Hong Kong, Filipinas e Irã. Uma curiosidade interessante e completamente inesperada: a propósito de corpo, e da intrínseca união matéria/alma no homem, eu tinha sido contratado por um cursinho preparatório para escrever um artigo – menor e quase em forma de “manual tomista” (perdão, Tomás!) – como apostila para um concurso público jurídico (no final dos anos 90), no qual a proposta em “Psicologia” era não a psicologia que conhecemos, mas a escolástica (!?) doutrina da alma (*psyché*) aristotélico-tomista, que se ensinava nos seminários pré conciliares! A tradução para o inglês “Basic Concepts of Aquinas's Anthropology” (<http://www.hottopos.com/mp2/aquinaspsy.htm>), para minha surpresa, acabou reproduzido em um site das Filipinas; e também citado em chinês em Hong Kong e até no Irã, em persa, pelo filósofo Abbas Squoyan. Coisas da internet!

Meu trabalho de editor. Os “três tenores”: Pieper, Marías e López Quintás

Meu trabalho de editor consolidou-se com as revistas do Cemoroc, que – Aida, Sylvio e eu – fundamos, a partir de 1997, com parcerias com universidades europeias. Um testemunho desses primeiros tempos, datado de 2002, encontra-se no site do Gabinete de Filosofia Medieval da Universidade do Porto, um de nossos parceiros daquela época:

Revistas em co-edição: Universidade de São
Paulo - Gabinete de Filosofia Medieval

A convite do Prof. Luiz-Jean Lauand (do departamento de Filosofia e Ciências da Educação - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Brasil) o Gabinete colabora, desde 1999, na edição de uma série de revistas de difusão impressa e on-line, onde a filosofia e os estudos medievais ocupam lugar central.

O seu coordenador tem imprimido ao projecto uma vertente marcadamente internacional, tendo conseguido agregar para cima de uma vintena de universidades de diversos países em torno da edição dos diversos títulos. A declarada intenção de atingir um público alargado, através do uso de novos meios de difusão, é outro dos princípios mais marcantes e inovadores do projecto. (<http://web.lettras.up.pt/gfm/df/Coedicoes.htm>)

Em 2017, ao se completarem vinte anos de nossas publicações, dedicamos um número duplo de *International Studies on Law and Education* a uma recapitulação dessas duas décadas e dos (até então) 250 volumes publicados! (cf. <http://www.hottopos.com/isle25/>).

Esse trabalho foi extraordinariamente potenciado, sobretudo no exterior, graças à generosidade de três grandes filósofos que nos concederam a possibilidade de publicar textos seus em nossas revistas: Josef Pieper, Mariás e Alfonso López Quintás.

Pieper e Mariás eram, na época (e talvez até ainda hoje) os filósofos mais lidos pelo grande público em seus países. Pieper, como já disse, autorizou-me a publicar seus artigos.

Na primeira viagem fundacional das revistas, em 1998, escrevi uma carta para Julián Mariás, dizendo-lhe que era orientador de Sylvio Horta, que tinha feito um mestrado e estava fazendo um doutorado sobre sua obra na USP e que eu gostaria de entrevistá-lo para uma revista da nossa USP. Ele assentiu e logo que cheguei a Madri, telefonei e ele marcou para o dia seguinte na “*primera hora de la tarde*”. Por sorte, ocorreu-me perguntar que hora era essa e ele respondeu: “*Hombre! A las 4 o, si prefiere, a las 5...*”. Nesse ano e no seguinte, concedeu-me duas entrevistas preciosas, em seu apartamento na rua Valle Hermoso (o porteiro de seu prédio tinha lido muitas obras de JM. Coisas de Espanha!).



No apartamento de Julián Mariás em Madri



Sylvio Horta

Após gravarmos a entrevista, Don Julián convidou-me para assistir a algumas de suas conferências sobre filosofia (ele estava dando dois cursos de conferências). Anotei endereço, as datas e fui. Ao chegar ao local (a conferência era na *calle San Bernardo*, rua central em Madri), havia uma multidão, mais de 300 pessoas que se apinhavam para assistir a um filósofo, que contava, então, com 84 anos. Mariás era um conferencista incomparável que, quase literalmente, tirava o ar da plateia. Ao final, perguntei sobre a trabalhadeira da preparação e ele respondeu-me que não, que era tudo improvisado. E com o oxímoro: “*una improvisación inmensamente preparada!*”.

D. Julián quis honrar-me, recebendo-me na ante-sala da conferência e, ao final, duas professoras da *Asociación de Amigos de Julián Mariás*, Cármen e Teresa Barril Roche (são irmãs), vieram me perguntar se eu tinha gostado, de onde eu vinha etc. e me falaram da *Asociación*. Combinamos um encontro para conversar com mais calma, no dia seguinte, em frente ao Museu do Prado. Cheguei pontual e quando expliquei que, além de professor, era editor, elas prontamente me ofereceram, da parte de JM, muitas fitas das conferências do filósofo para publicação. Graças a essa generosa oferta, publicamos, com exclusividade, conferências de JM. Nosso webmaster, Sylvio Horta, apreciou especialmente este trabalho, pois é um dos maiores conhecedores da obra de Mariás (e da de Ortega) no Brasil.

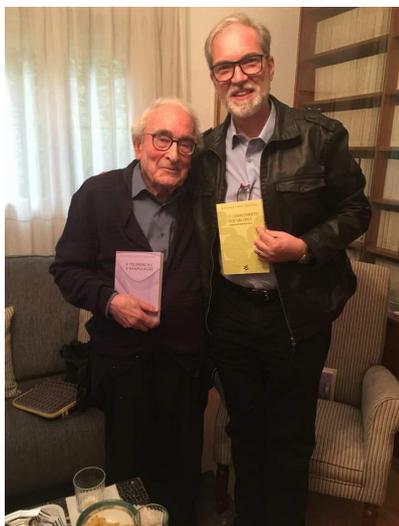
Em 17-6-2000, data em que JM comemorou seu 86o. aniversário, a AAJM confiou também à nossa editora a publicação do curso ministrado em 1999-2000 em mais de vinte conferências (uma para cada filósofo: de Heráclito a Heidegger, passando por Aristóteles, Agostinho, Descartes, Locke, Husserl, Ortega etc.) sobre *História da Filosofia (em seus estilos)*. Quando se tem em conta que a *Historia de la Filosofía* de Mariás (de 1940) é até hoje um dos livros mais vendidos no mundo, pode-se avaliar a importância desse gesto de amizade e confiança.

Com Alfonso López Quintás, fui objeto também de uma imensa generosidade (a espanhola: *a lo grande!*).

Recebeu-me com grande simpatia: entre outros “detalhes”, quando lhe disse que iria orientar a primeira tese de doutorado sobre seu pensamento no Brasil (a de Gabriel Perissé, até hoje o maior representante do pensamento de ALQ entre nós), ele ofertou-me – não aceitando mais do que um pagamento simbólico – uma coleção de sua extensa obra completa (incluindo dezenas de fitas de vídeo e de áudio e dezenas de livros, alguns antigos e raros). E desde então tem enviado diversos originais – com exclusividade para nossa editora – que temos publicado, despertando muito interesse por parte do público leitor brasileiro.

A propósito de ALQ, mais uma palavra sobre esse ex-orientando do qual particularmente me orgulho, Gabriel Perissé, além do mais, um dos melhores amigos, de muitos anos. Perissé é conhecido em todo o Brasil, por seus livros e pelo seu fecundo trabalho de formação de professores: há anos que suas conferências – convocadas por órgãos públicos e também instituições privadas – iluminam a educação brasileira. Se há uma palavra que ajuda a compreender a vocação pedagógica de Perissé, é “*encuentro*”, intencionalmente em espanhol, para evocar ALQ, de quem ele adquiriu o instrumental teórico, que desenvolveu de modo próprio, original e criativo. Essa vocação de Gabriel é ao mesmo tempo de professor e de escritor e eu não saberia dizer qual das duas prevalece. Na verdade, se entrelaçam e mutuamente se alimentam, ambas sempre norteadas pelo encontro, a comunhão com o outro. Falando da docência de Perissé, lembro-me da sentença de Tomás de Aquino: “*Maius est illuminare quam lucere!*” (Iluminar é mais do que ter luz): é do encontro com o outro (e para o encontro com o outro) que surgem suas geniais intuições sobre a

linguagem, suas aulas, seus livros. Gabriel é nosso elo com ALQ, que continua ativo, aos seus 91 anos, e recentemente recebeu-o em Madri para discutir as edições de seus livros no Brasil, a cargo de Perissé. A GP, o Cemoroc deve inúmeros bons serviços: destacaria as duas edições de que se encarregou em 2001 (com a ajuda de sua esposa, a querida escritora Ana Lasevicius) de nossa revista *Videtur Letras* em parceria com o Instituto de Filosofia de Cuba; e, no ano seguinte – sempre com a mediação da Ana –, a edição de *Videtur Letras* com a *Vilniaus Universitetas* da Lituânia.



ALQ e Gabriel Perissé, na residência de Don Alfonso

Desde então, “nossos” textos dos “Três tenores” (referência aos famosos da época: Pavarotti, Carreras e Domingo), reunidos em seção própria em nossa editora, têm tido enorme difusão. Na página para nossas referências no exterior acham-se os links para: 4 prêmios “*Dirección de la Semana*” do jornal ABC (supl.: Alfa y Ómega) de Madrid e notícias de agências do Vaticano, da Hungria, Alemanha etc. Alguns foram traduzidos e publicados em russo, em árabe (Tunísia) etc. E, recentemente, incluídos até na bibliografia oficial do Currículo Nacional do Chile.

Outro fruto daquelas viagens à Europa foram cerca de 20 agradáveis entrevistas publicadas – além das de Mariás e ALQ – a filósofos, educadores, medievalistas, arabistas etc. Uma, um pouco problemática, deu-se em 1999 com o Dr. César Coll, na Universidade de Barcelona, um dos mentores da (então recente) Reforma Curricular Brasileira: <http://www.hottopos.com/harvard1/coll.htm>. O entrevistado era *todo um personaje* (figurão) e mesmo o acesso a ele na universidade foi cercado de antessalas e assessores! Dei azar logo de cara no presente que lhe ofertei. Para meus entrevistados europeus, eu tinha levado embrulhinhos com pássaros brasileiros em pedras semi preciosas, apreciados pelos estrangeiros na época e, ao dar a lembrancinha para o Coll..., era um tucano (o que poderia parecer alusão política a seu envolvimento com o governo da Reforma)! No meio da entrevista, ele se irritou um pouco com um questionamento (que era mesmo uma provocação) sobre possíveis dificuldades com o ensino de Matemática na Reforma, confrontando o entrevistado com uma conhecida piada científica: Lembro que o Prof. José Mário Pires Azanha deliciou-se com o episódio e me arguiu sobre ele no meu concurso para Professor Titular.

Doutorado: o conceito de universidade em Josef Pieper

Terminado o mestrado, tive que passar mais de um ano sem ingressar no doutorado, por falta de orientador para meu projeto: a filosofia da Educação de Josef Pieper. Roque Spencer aceitaria me orientar, mas só dentro de seu projeto de estudar a filosofia brasileira; Ruy Nunes se aposentou e não quis mais compromissos com a FEUSP. Finalmente, Nicolas Boer, acolheu meu projeto, pois a leitura de Pieper “é grata recordação de minha juventude”.

Pus-me a ler a obra completa de Pieper em meu precário alemão (felizmente, a imensa maioria de seus livros contava com traduções em línguas mais potáveis). O próprio JP me enviou a maior parte de seus livros e, para os mais antigos, recorri à Biblioteca do Mosteiro de São Bento e a algumas outras (públicas e privadas).

A tese, centrada no conceito de universidade, requeria uma análise de todo o pensamento pieperiano, pois o ponto central do trabalho era o de uma correspondência entre a estrutura da universidade, a do filosofar e a do próprio espírito humano. Um livro recente em que resumo a tese é “Filosofia e Educação: a Universidade”, em: <http://www.hottopos.com/harvard1/coll.htm>

Para JP, não se pode falar de universidade sem falar de contemplação, admiração e do próprio conceito de filosofar. A caracterização do espírito feita por Platão na *República* ao falar do filosofar – “a busca do todo das coisas divinas e humanas em universal” – chegou no século XII, depois de passar por Aristóteles (“a alma é de certo modo todas as coisas”) e Boécio, e se transformou numa instituição, que é a universidade. Esta recolhe o anseio do espírito humano de relacionar qualquer tema de estudo com a totalidade do real, com Deus e o mundo. Ou seja, o anseio de filosofar que é uma exigência do espírito humano. Se uma universidade não busca a totalidade do real, com toda liberdade, ela não é uma universidade. Acredito que a principal contribuição da tese foi apresentar ao Brasil esse conceito de universidade.

A banca, além de Boer, era composta por Ruy Nunes; D. João; Erwin Theodor, professor titular de alemão da FFLCH, e Celso Beisiegel. Foi defendida no final de 1986 e logo em seguida publicada na Coleção Debates da ed. Perspectiva. Um resumo dela está em: <http://www.jeanlauand.com/PieperUniv.pdf>

Minha defesa foi o último ato acadêmico de Boer, que viria a falecer poucos meses depois. Em seu artigo no “jornal” sobre o amigo falecido, Roque Spencer destacou a profunda gratidão e veneração que eu tinha por Boer e que ele me “considerava uma espécie de filho espiritual, um continuador, de quem falava com o maior carinho e entusiasmo” (<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19870512-34416-nac-0002-999-2-not/busca/Lauand>). Eu também escrevi um comovido artigo para o Estadão: “Nicolas Boer, o mestre e o homem”, destacando sua profunda cultura (um aristocrata húngaro, refugiado no Brasil), a finíssima ironia, enfim o perfil intelectual e humano do mestre (<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19870516-34420-nac-0010-999-10-not/busca/Lauand>).

Livre docência e meus estudos de árabe na Fflchusp

Sempre buscando garimpar o ouro antropológico no sítio da linguagem, em 1990 comecei a cursar como ouvinte as disciplinas de árabe na FFLCH e tive como professor o lendário e saudoso Dr. Helmi Nasr, falecido em 24-11-2019.

Como professor doutor e beirando os 40 anos, a experiência de cursar árabe como aluno foi deliciosa. Por um lado, resgatar nas aulas do Nasr a experiência básica de estudante: conjugar verbos em voz alta junto com a classe, chamada oral, lição de casa, convívio com os colegas, pão de queijo na cantina no intervalo... Com minhas

próprias dificuldades em me alfabetizar no árabe, meu respeito pelos alfabetizados brasileiros cresceu muito: ainda hoje quando no noticiário da TV aparece alguma legenda em árabe, tenho que dar um “*pause*” para vagorosamente tentar decifrá-la. Aprendemos de cor alguns textos: a *Fatiha* do Alcorão, poesias da *jahilyiah* etc.

O ambiente era um capítulo à parte: de um lado, o prédio da Letras; do outro, o da Filosofia e Ciências Sociais; no meio, a lanchonete, uma pororoca compartilhada por ambas as tribos, muito diferentes. Caricaturizando, os alunos da filosofia e sociais eram de cara amarrada, como compete a intelectuais responsáveis pela erradicação da ditadura; os da letras, encarnavam o mesmo ideal antiditadura, mas de um modo um tanto hippie, “bicho-grilo” (como se dizia na época), descontraído, colorido e alegre. Era interessante notar o faro sociológico dos moleques pedintes da favela adjacente à USP: concentravam-se todos do lado da Letras (onde recebiam trocados, lanches e carinho em abundância) e nem ousavam pedir aos intelectuais do outro lado...

Nas turmas das classes de árabe, em geral em torno de uma dúzia de alunos, havia de tudo: uma idosa que frequentava simultaneamente (com aproveitamento duvidoso) inúmeros cursos da Letras; uma mocinha ardorosamente apaixonada pelo Emir do Kwait, Jaber Al-Ahmad Al-Sabah; um muçulmano que protestava contra as mini saias das colegas etc. Durante o Ramadã, todos combinávamos – em respeito aos colegas muçulmanos – de não comer nem beber nada nas aulas: nem chiclete ou balinhas, nem mesmo água.

Havia naquele tempo na FFLCH grandes professores, da mais elevada estatura humana e intelectual. Alguns deles viriam a colaborar muito com o Cemoroc: María Concepción Piñero Valverde, Mario Bruno Sproviero, Pedro Garcez Ghirardi e, claro, Helmi Nasr e Aida Hanania (cofundadora de nosso Centro).

Já no primeiríssimo dia de aula um impacto maravilhoso: o encontro com a palavra árabe *Insan*, para cuja magia já me havia alertado, anos antes, meu tio Jaime. Essa palavra confirmou-me em uma de minhas mais importantes linhas de pensamento: a educação como tentativa de vencer essa característica essencial da condição humana: a propensão ao esquecimento. Sempre me valia em minhas aulas dessa fecunda tese piéperiana (na verdade, de todos os antigos): “o homem é um ser que esquece”. Até tal ponto que alguns ex-alunos jornalistas chegaram a publicar a seguinte charge na Gazeta do Povo (23-11-2016):



Assim, lá pelo meio da primeira aula, Nasr fala longamente do *Insan* e de sua etimologia: **o esquecedor, o esquecente, o esquecediço!**

Nas disciplinas seguintes, o entusiasmo pela língua e cultura árabes – guiado pelos grandes mestres, Nasr e Aida Hanania –, só fez crescer. A Nasr, Aida e eu

prestamos muitas homenagens, como a organização de um evento especial, quando de sua volta para o Egito em 2015, depois de 53 anos no Brasil. Desse evento é o livro “O diplomata da língua árabe – estudos em homenagem a Helmi Nasr”, que se encontra em: <http://www.hottopos.com/ebooks/livronasr.pdf>



Helmi Nasr, no evento-homenagem do Cemoroc de 2015, recebido por nossa diretora Roseli Fischmann

Nasr foi um dos 21 sábios do islã, nomeado pela Liga Islâmica Mundial, o órgão máximo de decisão do mundo muçulmano, o que é uma honra enorme para o Brasil. Ele foi o autor da única tradução para o português do *Alcorão* reconhecido pelo Complexo do Rei Fahd, na Arábia Saudita, que produziu o livro. É uma obra monumental.

Um dia, numa aula em 1991, o Prof. Nasr propôs um exercício para ocupar a classe e dirigiu-se particularmente a mim, para dizer que tinham planos de abrir um Curso de Mestrado e que ele e a Aida contavam comigo. Eu respondi-lhe que não sabia se me encontrava à altura de acompanhar aquelas aulas de Pós. Ao que ele replicou: “Não, contamos com você como *brufissor...*!”. Passado o susto inicial – e com a garantia de que ele e a Profa. Aida se encarregariam de complementar minha formação e de que eu poderia estabelecer em minha disciplina relações com o Ocidente Medieval –, aceitei. Esse mestrado começou em 1995 e, “de fora”, estávamos o saudoso Prof. Dr. Fernando Mourão (do Centro de Estudos Africanos) e eu. Para “liberar-me” para trabalhar nesse Pós do Árabe, a FEUSP me impôs a condição de não me liberar de nenhum de meus encargos na própria FEUSP. A solução foi arcar com a sobrecarga...

E aí consolidamos um poderoso trio de trabalho: Nasr, Aida e eu.

Aida era o equilíbrio, a âncora na explosão de inúmeras atividades e edições que promovemos naqueles anos – como os 6 volumes da Revista de Estudos Árabes e os 10 livros da coleção Oriente & Ocidente – numa parceria que já tem seus 30 anos e se estende até hoje (por exemplo, com seu generoso empenho no atual projeto do Cemoroc de formação de professores e alunos das escolas públicas)! Graças a seus contatos internacionais (ela é diretora de Relações Internacionais do Cemoroc), como por exemplo com a já mencionada *Universidad Autónoma de Madrid*, cofundadora de nossa revista *Collatio*. Como o Líbano de nossos antepassados, Aida representa o encontro e a harmonia da conjunção do melhor de dois mundos: o Oriente e Ocidente!

A professora Aida é de uma erudição incrível e foi uma extraordinária chefe (do DLO), que dava a todos serenidade e estímulo para trabalhar. Ela me deu muita segurança para publicar textos sobre (a nossa) cultura árabe, alguns em coautoria com ela como o famoso artigo sobre Tom Jobim. Seus estudos sobre a caligrafia árabe são

de uma originalidade fantástica. Ela mesma cursou caligrafia em Paris com Hassan Massoudy, o maior calígrafo da atualidade.

E eu tive a honra de escrever o panegírico de Aida: “Aida Hanania – a fidalguia na universidade”, por ocasião da homenagem que lhe prestou o Cemoroc em 2019: <http://www.hottopos.com/rih48/07-16Jean.pdf>.

Voltemos à minha Livre Docência, a tese foi: “Educação Moral e Provérbios [Árabes] - Os *Amthal* Árabes e o Pensamento de Tomás de Aquino”, que acabou publicada como livro na Austrália, pelo Dr. Flonta da Universidade da Tasmânia.

Amthal é o plural de *mathal*, um dos conceitos chave para entender a visão de mundo árabe. *Mathal* é o provérbio, a comparação, a metáfora, a parábola etc., reunidos – o pensamento árabe é, em geral, muito mais “confundente” do que o ocidental – em uma palavra (ou melhor, em um radical tri-consonantal semita). Se o ocidental, em geral, tende ao pensamento que distingue; o oriental, ao **pensamento confundente** (que acumula em uma única palavra o que outras línguas pensam e distinguem em diversos vocábulos): ambos necessários para atingir a realidade. Por exemplo, em árabe *salam* (ou o hebraico *shalom*), não significa apenas paz (que é só um dos muitos significados *con-fundidos* nessa palavra). Para a “Língua Portuguesa” escrevi sobre a acentuada tendência do brasileiro para o confundente (e o neutro...), como em nossos usos dos verbos “dever” e “poder”; que o inglês esmiuça respectivamente em diversas formas. Cabe aqui uma citação mais longa:

Certa vez, dirigindo-me a um colega, vizinho de nosso prédio próximo ao Campus da Universidade, a quem frequentemente eu dava carona, perguntei: “E aí, você vai à USP amanhã?”. Sua resposta foi simplesmente: “Devo ir”. Assim, sem mais, o leitor e mesmo o interlocutor não têm a menor possibilidade de saber o que significa esse *devo*. Como traduzi-lo, por exemplo, para o inglês? *Should, have to, supposed to, must, ought?* Ora, esse *devo* pode ser interpretado desde a mais absoluta e imperativa decisão de ir (“devo ir, se não a USP desmorona”) até a mais descomprometida e frágil intenção (“eu não falei que iria, eu falei ‘devo ir’, mas aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui”).

[Também] Nosso *poder*, na locução *posso fazer*, em português, concentra-se em uma única forma. Contudo, em inglês – como nota o filósofo Vilém Flusser –, é diversificado em *I may do, I can do, I am able to do, I am allowed to do*. Por exemplo:

“– Você faz uma cesta de três pontos?” “– Não posso...”, resposta que pode significar “– Não posso, pois agora estou ocupado...”, ou “– Você não vê que sou portador de deficiência e incapaz, sequer, de segurar a bola?”, ou “– Estou destreinado”, ou ainda “o técnico nos proibiu de arriscar esse tipo de lance”.

Nesse quadro, Flusser – em aguda intuição, que é também um convite ao diálogo filosófico mais profundo com esse autor – vê no *poder* em português (em contraste com o inglês e o alemão), um decisivo alcance metafísico.

(<http://www.jeanlauand.com/RevelandoaLingPort.pdf>)

Ao contrário de nossa tendência cartesiana, as religiões monoteístas, nascidas no Oriente, dão extraordinária importância ao *mathal*, próprio do falar de Deus –

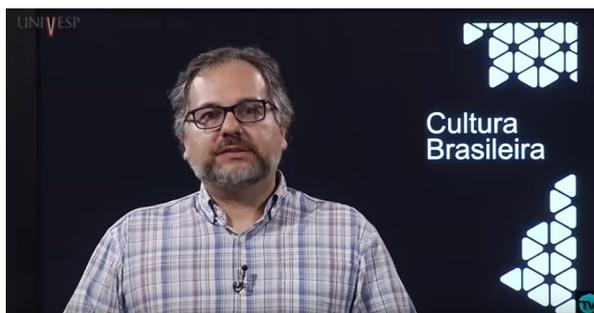
Tomás, com sua *theologia negativa*, dirá o mesmo: a necessidade da metáfora (/parábola) nas Escrituras. Sobre isso, publiquei em 2015: “La pedagogía de Dios: la tradición del *mathal*...” na revista *Studia Iberica et Americana*, da qual também sou um dos *editors* (Indiana University - Purdue University Indianapolis <http://www.jeanlauand.com/JeanPreprint.pdf>).

Para a tese contei com dois poderosos programas de hipertexto, incrivelmente avançados para a época (só rodavam em DOS!): um que permitia varrer o Alcorão (em árabe, claro) e encontrar todas as incidências de uma palavra (ou radical); outro que fazia o mesmo com a Bíblia.

Na tese, procurei mostrar que há uma semelhança entre os provérbios árabes e a doutrina da prudência de Tomás. Eles têm muitas das características que devem reger a vida de uma pessoa prudente – no sentido tomasiano, claro. Algumas dessas características são a percepção nítida da realidade, a valorização do concreto – mais do que do abstrato (disso já falamos na parte I deste artigo) – e o recurso à memória e à experiência acumulada. Tudo isso aparece claramente nos provérbios árabes.

A Revista Língua Portuguesa. A revista nasceu de uma ideia do grande mestre da linguagem, Luiz Costa Pereira Jr., ex-aluno de um curso que dei para jornalistas e depois meu orientando de doutorado. No primeiro semestre de 2005, Luiz Costa marcou comigo uma reunião no Clube dos Professores da USP (sempre o Clube, que saudades!) para apresentar seu projeto de uma revista mensal para a Editora Segmento e convidar-me para assinar a coluna “Filosofia e Linguagem”, que aceitei entusiasmado. Gabriel Perissé, escreveria em todos os números da Língua. A revista existiu, com enorme difusão de 2005 a 2016, chegando a ter tiragem de 150000 exemplares (em bancas, assinantes – também em Portugal – de sendo também distribuída pelo MEC para escolas de todo o país). E ofereceu-me a oportunidade inigualável de, ao longo desses doze anos, refletir mensalmente sobre a antropologia subjacente à linguagem. Um livro que recolhe a (quase) totalidade desses artigos é “Revelando a Linguagem”: <http://www.jeanlauand.com/RevelandoaLingPort.pdf>

Outra grande realização de Luiz Costa foi o curso de 14 vídeos para a Univesp, em 2014: “Cultura Brasileira” (a primeira aula já teve perto de 100.000 visualizações no Youtube).



Vídeo de Luiz Costa para a Univesp

O concurso para Titular – Tomás e o Deus que brinca

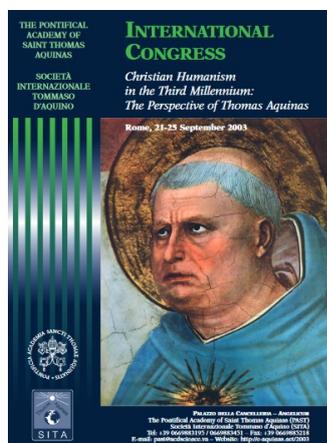
O concurso para professor Titular, o “top” da carreira, costuma ser muito problemático: abre-se uma vaga (um “claro”) e, em geral, vários livre docentes – de diversas áreas do departamento – concorrem. Como montar uma banca isenta? De qualquer modo, frequentemente os que não conquistam o cargo sentem-se

injustiçados, o que pode contribuir para intoxicar (um pouco... ou ainda mais...) a convivência acadêmica. O que, infelizmente, parece ser uma constante no tempo (o próprio S. Tomás sofreu perseguições e invejas na nascente Universidade de Paris) e no espaço: quando participei do Congresso do centenário de Pieper em Buenos Aires perguntei aos colegas o que eram “*las internas*” de que eles tanto falavam (Fulano teve um derrame por causa de “*las internas*”; Beltrano não aguentou “*las internas*” e pediu demissão etc.). A resposta foi: as lutas, invejas, “puxadas de tapete”, *internas* à universidade... Felizmente, no meu caso (o concurso foi no ano 2000) nenhum dos 9 colegas capacitados se inscreveu.

Se, *grosso modo*, o mestrado é a iniciação; o doutorado, a maturidade, o brevê; a Livre Docência, a prática de anos na Pós Graduação; o Titular é a liderança (nacional e internacional), a plenitude da carreira. É um concurso que não requer tese, mas inclui uma aula, de 45 a 60 minutos, com tema escolhido pelo próprio candidato.

Escolhi o tema (acho que original...) “Logos *ludens*, o Deus que brinca em Tomás de Aquino”. Fora a preparação de toda a vida, dediquei uns seis meses à elaboração dessa aula, o que significa que, para cada minuto da aula, havia pelo menos umas 30 horas de preparo. Lembro, com imensa gratidão, que minha colega de gabinete (o 218 do Bloco A), a Dra. Sílvia Colello, ajudou-me a ensaiar a aula: cronometrando, corrigindo redundâncias, chamando a atenção para cacoes e até elaborando um “efeito especial” para ser usado como “gran finale” na aula do concurso.

O texto, “O lúdico no pensamento de Tomás de Aquino”, foi para as atas do Congresso “Christian Humanism in the Third Millennium: the Perspective of Thomas Aquinas”, realizado em Roma pela Pontifícia Academia Santo Tomás de Aquino (http://www.past.va/content/dam/past/pdf/international_congress_2003/international_congress_1.pdf pp. 525-538). Tive a honra de ser o único brasileiro entre os cerca de 300 participantes convidados.



Congresso do Vaticano: Tomás para o III Milênio

De fato, terminei a aula, dizendo que o brincar do homem requer o reconhecimento de uma nota essencial na visão-de-mundo de Tomás: o mistério. E que Adélia Prado – que melhor do que ninguém sabe de Criação – reafirma, em diversas de suas poesias, precisamente a ligação do lúdico com o mistério. E ao citar sua poesia Cartonagem,

A prima hábil, com tesoura e papel, pariu a mágica:

emendadas, brincando de roda, “as neguinhas da Guiné”.
Minha alma, do sortilégio do brinquedo, garimpou:
eu podia viver sem nenhum susto.
A vida se confirmava em seu mistério.
(Poesia Reunida, São Paulo, Siciliano, 1991, p. 111)

saquei as bonequinhas grudadas que a Sílvia tinha me preparado!



O Logos *ludens*, o Deus que brinca. Logos se refere à racionalidade com que tudo foi criado. Por causa dEle as coisas têm um logos, uma racionalidade que faz com que elas possam ser conhecidas pela inteligência humana. Mas esse Logos se permite brincar. Isso é dito na Bíblia. No cap. 8 de *Provérbios*, a Sabedoria fala que, no princípio da Criação, quando Deus fixava o mar no seu limite e compunha os fundamentos da terra, Ela estava com Deus, brincando o tempo todo. Isso é analisado com muita profundidade por Tomás de Aquino. As coisas criadas têm um caráter lúdico inegável. Repare numa girafa ou num rinoceronte. Só pode ser brincadeira mesmo, não?

O brincar é uma das poucas atividades humanas que têm um fim em si mesmas, como o filosofar, a arte, a poesia e a contemplação religiosa. Tem a ver com o imprevisível. Não segue a lógica férrea do Logos. Como o brincar das crianças, não há nele uma razão aparente. Ele implica o mistério das coisas, a incognoscibilidade. Isso significa que não temos que ficar tentando encontrar razões lógicas para todas as coisas: elas estão envoltas no lúdico que resgata o mistério, o incognoscível. Se pensássemos na Criação apenas como ação do Logos, correríamos o risco de cair num racionalismo frio e duro. Como há também o elemento lúdico, devemos mais é admirar a Criação, reconhecendo o bom humor de Deus ao fazer as coisas. A atitude mais razoável é aceitar o mundo com muito humor, eu diria com uma boa gargalhada, sabendo que jamais poderemos apreendê-lo na estrutura férrea da lógica.

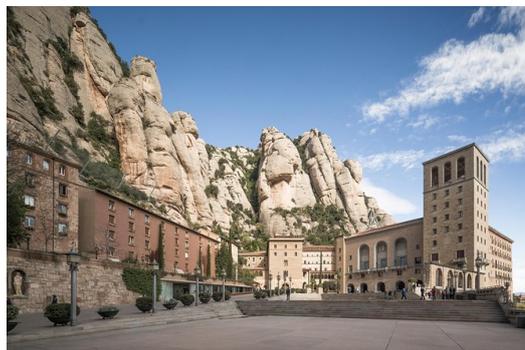
Assim, a Criação é obra do Logos *ludens*. Não é só Logos nem é só *ludens*, mas uma racionalidade envolvida por bom humor e mistério. No fundo, trata-se de um grande remédio contra o fanatismo. O fanático (especialmente o religioso) nunca tem bom humor. Sempre leva tudo a sério. Os fariseus nunca brincam. Naturalmente, só pode haver brincadeira onde não há racionalismo, onde não há “tomismo”.

Em 1998, ao programar minha agenda de outra viagem a Barcelona, Pere insistiu para que eu não reservasse hotel, pois ele tinha uma “surpresa”... Mais uma surpresa da generosidade catalã: a hospedagem seria na milenar Abadia de Mont Serrat, vivendo – na medida do (pouco) possível – a rotina dos monges, tendo como cicerones o próprio Pere e (também convocado por ele) o Prof. Dr. Xavier Figueras, então Diretor de Restauração Histórica do Governo da Catalunha! Todos convidados pelo abade e hospedados no claustro do mosteiro. E lá uma surpresa ainda mais

entranhável: em meio a tantos objetos antigos, uma escultura do Menino Jesus, brincando de criar o mundo e, com um pequeno serrrote, serrando o Serrat (“monte serrado”).



Menino Jesus “serrando” Mont Serat



Abadia de Mont Serrat

Graças ao talento do Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza, está disponível desde 2015 o vídeo de uma minha conferência “Logos Ludens, o Deus que cria brincando” em: <https://www.youtube.com/watch?v=7-i1T1fJsUU> .

Uma das tantas repercussões desses meus estudos do lúdico em Deus dá-se na obra – escrita e pastoral – do Prof. Dr. João Carlos Almeida, o famoso “Padre Joãozinho”, que tive a honra de orientar em seu doutorado na FEUSP.

Um tema “novo” em minhas pesquisas: a tipologia de David Keirsey

Um tema que sempre me interessou – desde o final dos anos 80, como *hobby* – foi o dos tipos psicológicos do americano Keirsey. Ele classifica os 4 temperamentos – SJ, SP, NF e NT – cada um com 4 ramificações, perfazendo um total de 16 tipos: ESTF, INFP etc. Esses tipos, dentro das limitações metodológicas, permitem uma leitura: do impulsivo SP, sempre em choque com os – “corretos” e responsáveis – SJ; do animador ESFP ao idealista sonhador INFP etc. A teoria fornece uma ferramenta poderosa para a compreensão das diferenças e superação de conflitos, para o conhecimento dos diferentes estilos de sentir e pensar, e para a análise da própria escola e da aprendizagem de cada aluno. Para um resumo dessa “sopa de letrinhas”: <http://www2.fe.usp.br/%7Eecemoroc/tipologia.pdf>, pp. 7 a30.

Naquela época, aconselhei (e acompanhei como interlocutor) a querida colega Dra. Maria de Lourdes Ramos da Silva (com quem nos últimos anos tenho ministrado a disciplina de Pós) a tomar Keirsey como tema de sua Livre Docência, que ela defendeu em 1990 e publicou em 1992 pela EPU: “Personalidade e Escolha Profissional: subsídios de Keirsey e Bates para Orientação Vocacional”. A Malu, como é conhecida na FEUSP, viria a orientar o doutorado (sobre DK, 2011) de meu irmão João Sérgio Lauand: <http://www.hottopos.com/ebooks/LivroJSLauKeirsey.pdf>. Nesse livro, o João analisa a família Barone (da sitcom *Everybody Loves Raymond*), à luz de DK: Raymond é o típico ESFP; Debra, a ESTJ; Frank, o ISTP etc.

De novo fui convocado a ser interlocutor de tese e o João pôs a meu dispor a obra completa de (e sobre) DK, que ele importara, o que me convidou ao aprofundamento do tema, desta vez não mais como *hobby*.

Comecei por me envolver com mais intensidade na metodologia do *Idealtypus* e, além disso, tornar compreensíveis, concretos (*enseñar*) os herméticos termos (N,

NF etc.). Como bom SP, independente, atrevi-me a descartar o questionário do teste de Keirsey (que, a meu ver, mais atrapalha do que ajuda) e a evitar os (desorientadores) rótulos com que DK nomeia cada um dos 16 tipos, optando por ficar somente com as siglas das letras. Afinal, todo mundo sabe o que é a taxa Selic mas não ajuda em nada saber que se trata do sistema de liquidação e custódia... O estudo de DK tornou-se obrigação profissional quando comecei a orientar o doutorado de Enio Starosky e a supervisionar o pós doutorado de Nadia Wacilla Vianna e o de Chie Hirose, todos sobre Keirsey. Criou-se no Cemoroc um fecundo grupo de pesquisas keirseyanas, envolvendo também o João Sérgio (obviamente) e estendendo-se até o Sylvio Horta e o Vitor Chaves de Souza. Esse grupo publicou muitíssimos artigos e, coletivamente, o livro “Sobre a tipologia de DK – psicologia, religião e educação” (em: www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/tipologia.pdf)

Uma contribuição particularmente importante foi a de oferecermos a concretização dos diversos tipos em muitas personalidades reais: o tenista Guga, Neymar, Jair Bolsonaro, Hebe Camargo, o diplomata Sérgio Vieira de Mello, Confúcio, S. Bento, S. Francisco, Lutero etc.

Volta ao ensino médio: professor colaborador do Colégio Luterano São Paulo

Desde que me aposentei (da graduação) da FEUSP, passei a intensificar a atuação direta junto à escola pública e a formação de professores da Prefeitura e do Estado, ao lado de diretores do Cemoroc – João Sérgio, Aida e Chie, entre outros. Por exemplo, em 2017, Aida e eu demos um ciclo de 4 conferências para centenas de professores de São Caetano do Sul, a convite do pesquisador brilhante e educador incansável, o Prof. Dr. Sergio Oliveira dos Santos (que fez mestrado e doutorado sob minha orientação).



JL, ladeado por Sergio Oliveira dos Santos e Aida Hanania no ciclo de formação de professores do CECAPE, São Caetano do Sul (2018).



Aula para 3º. ano do Fund. I na EMEFM Vereador Antonio Sampaio (2015)

Em 2018, guiados pela Chie – que une sua docência universitária ao trabalho de alfabetizadora da prefeitura! –, Aida e eu demos um ciclo de conferências para professores e alunos de escola da PMSP. E inúmeras outras atividades em escolas públicas. E também em um par de escolas particulares, especialmente abertas à comunidade e que acolhem docentes da escola pública em suas atividades (além de contarem com melhores equipamentos...): o Centro de Estudos Júlio Verne, de Diadema, dirigido pelo Prof. Dr. Alexandre Medeiros (meu orientado de doutorado) e do Colégio Luterano São Paulo, no qual, desde 2018, sou formalmente professor colaborador e onde tenho encontrado um ambiente de trabalho sempre muito acolhedor e estimulante, como a escola deve ser (lembrando a *scholé* de Aristóteles).

Em todas essas atividades, temos encontrado acolhida sempre carinhosa e interessada dos educadores e entusiasmo por parte dos jovens alunos (tantas vezes considerados apáticos, indisciplinados e desinteressados por muitas escolas), que tão facilmente se envolvem quando são submetidos à provocação intelectual.

Quase sem repararmos, o Colégio Luterano tem se tornado também um centro de pensamento, ligado ao Cemoroc (que nunca teve sede própria!), pois inúmeros eventos de nosso Centro ocorrem lá e tem sido – desde 2013 – um verdadeiro laboratório para nossos pesquisadores de Keirse e de outros temas.

Seminários Internacionais do Cemoroc. Homenagem a Paulo Ferreira da Cunha

Esta conferência (este artigo) dá-se no nosso XXI Seminário Internacional Filosofia & Educação, homenageando muito justamente o Prof. Dr. Paulo Ferreira da Cunha. O caráter internacional de muitos desses eventos do Cemoroc a ele devemos.

Conheci o Prof. Paulo no ano 2000, porque ambos participávamos de uma lista de e-mails (rústica precursora das redes sociais), a do “Frei Hermenegildo”. Eu mandava muitas mensagens para o grupo e um dia chegou-me em privado um cordial mail de apresentação de um jovem professor do Porto (o Prof. Paulo viria a ser um dos mais jovens catedráticos e decanos de Portugal!). A empatia foi imediata e, nesse mesmo ano, o Prof. Cunha quis honrar-nos com um artigo em nossas revistas e, assim que foi formalizada a existência do Cemoroc, foi nomeado membro de nosso Centro.



PFC, “encarregado” de avaliação de graduação na FEUSP, 2004

Nestes anos, tivemos dezenas de agradáveis encontros – que se estendiam por horas que pareciam minutos – no (saudoso) Clube dos Professores da USP, no Senzala, no Clube do Churrasco, no (saudoso) Ilha (a nossas conversas no Ilha, Paulo dedicou um de seus livros!) e até no popular (popularíssimo) “Os Cobras”...

A verdade é que abusamos da bondade do Prof. Paulo, encarregando-o da organização de tantos eventos do Cemoroc, sobrecarregando-o com inúmeras conferências para nosso Centro e até – muitas vezes – de aulas de graduação (o que sempre fiz com todos os convidados internacionais!), chegando mesmo a aceitar meu pedido de que avaliasse os seminários finais de meus alunos do 4º. ano da FEUSP – obrigado, Prof. Paulo; perdoe, Prof. Paulo! Muitos de nossos contatos internacionais foram-nos trazidos por ele, como é o caso do querido amigo Dr. João Relvão Caetano, que tanto tem colaborado com o Cemoroc.

O mais impressionante é a humildade do Prof. Paulo: sempre disposto a ouvir e aprender (nos eventos, tomava notas das exposições dos demais, mesmo que fossem iniciantes) e entabulava diálogo fácil com todos, até com o mais humilde garçom. Entusiasmou-se, particularmente, com aquelas pesquisas dos jovens colegiais do projeto *Coepta* e fez questão de vir ao Brasil e estar presente no lançamento de 2018 no Colégio Luterano, para honrar a todos com a copresidência da sessão.

Escreveu para esses jovens duas mensagens preciosas, sobre da alegria do pesquisar. A de 2019 (http://www.hottopos.com/isle34_35/15-16PFC.pdf) terminava assim:

E acredito, com Cruz Malpique, que era um desses professores jubilados que sempre frequentava as bibliotecas, e com Umberto Eco, que também fez algumas alusões ao assunto, que o Céu será um lugar de pesquisa. Pode ser que não seja apenas uma Biblioteca, como alguns sugerem, porque a Casa do Pai tem muitas moradas, como dizia Teresa de Ávila, no seu livro de instrução às suas freiras. Mas certamente uma das Moradas é uma grande Biblioteca e outra um enorme Laboratório, numa ala de pesquisa, que não será das menores, quero crer...



PFC e JL: presidindo a Mesa das *Coepta* 2018, no Colégio Luterano

Em outro artigo deste evento, apresentarei a homenagem que o Cemoroc quer prestar a PFC, nesses vinte anos em que nosso Centro tem se beneficiado de seu incomparável saber e prestígio e de sua marcante presença, tão generosa e amiga.

A propósito de nossos Seminários, quero dedicar uma recordação, especialmente carinhosa, ao já tantas vezes aqui citado Prof. Dr. Pere Villalba, hoje Professor Emérito da Autônoma de Barcelona, que também muito contribuiu com nossos eventos e publicações; bem como o Prof. Dr. Enric Mallorquí-Ruscalleda, antigo aluno de Pere e hoje na Indiana University-Purdue University Indianapolis. Em sua homenagem publicamos o livro <http://www.jeanlauand.com/LibroZaragoza.pdf>.

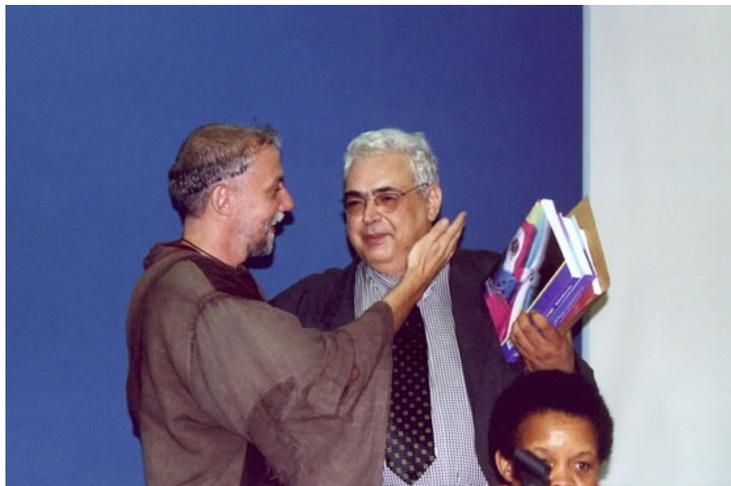
Nosso I Seminário, ocorreu em 2001, abrilhantado pela presença de Alfonso López Quintás e, como todos os daqueles primeiros anos, no auditório (sempre lotado) da Escola de Aplicação da FEUSP. Lembro-me de que fiquei um pouco apreensivo com a conferência de encerramento, a ser proferida por ALQ. Naquele tempo não havia *WhatsApp* (e não se podia contar com os precários celulares...): eu não tinha como confirmar se ALQ estava no Brasil, se acharia, de noite, a Escola de Aplicação da FEUSP e se chegaria pontualmente. Mas confiei no fato de que era um *caballero español*, que havia dado sua palavra e tranquilizei-me. E, de fato, pouco antes das 20:00h (o horário previsto), ele chegou de táxi, exausto (aos seus 73 anos), dizendo que mal tivera tempo de passar no hotel e que tinha praticamente vindo direto do aeroporto para a conferência. E aí constatei que suas teorias sobre o “*encuentro*” eram, na verdade, profundamente vivenciadas por ele: foi só começar a falar para os alunos e vimos um ALQ galvanizado, rejuvenescido e vibrante, eletrizando a plateia. Transformação semelhante, só voltei a ver em um dos últimos shows do Cauby Peixoto no Bar Brahma, energizado ao primeiro contato com o público.

Um destaque especial para o do ano seguinte, o II Seminário, que foi especialmente impactante: o tema era inclusão – os mais irreverentes o chamaram de os 4P: **pobres, presidiários, psicóticos e prostitutas**. Tratava-se não só de falar sobre, mas de trazer realmente muitos desses “4P” para dialogar com a Academia. A abertura foi feita pelo Cardeal Dom Claudio Hummes, que falou da solidariedade para com os pobres e ficou muito impressionado com o público. Ao final, confidenciou-me que na semana anterior tinha dado a mesma conferência na PUC-SP (eu tinha estado lá...) só para mirrados 30 assistentes: dez vezes menos do que o público que encontrou na USP (muitos, por falta de lugar, sentados no chão...).



JL, D. Cláudio Hummes, Selma G. Pimenta, Gilda Naécia e Celso Beisiegel

Os pobres foram acompanhados do – na época revolucionário – Pe. Roberto, fundador da Toca de Assis, movimento franciscano de pobreza radical. Pe. Roberto chegou em seu hábito rústico e, como sempre, descalço e com alguns dos mais miseráveis que atendia. Ao final, deu uma benção para os assistentes (!) e depois para os prédios da FEUSP (não sei o que ele quis dizer quando, discretamente, falou-me que “era necessária”...).



Pe. Roberto Lettieri e JL (na última noite do Seminário)

Oferecemos um lanche especial (a Laís da lanchonete manteve-a aberta até as 23:00h, quando acabou a sessão do padre) para as dezenas de frades e freiras (todos de hábito e descalços) que tinham ocorrido à FEUSP para ver e ouvir seu fundador.

Os presidiários foram apresentados pelo Dr. José Renato Naline, então Vice-Presidente do Tribunal de Alçada Criminal do Estado (depois, funcionários da FEUSP me comentaram que, de manhã, tinham vindo seguranças do sistema prisional inspecionar detidamente nosso auditório, onde ocorreria a sessão da noite). As mulheres de rua foram-nos apresentadas pela querida e incrível (como qualificá-la: super agente de pastoral? dínamo de ação social? Santa Cristina dos desvalidos?) Profa. Cristina Castilho (que fez também a mediação com os presidiários), uma figura simpaticíssima e que continua até hoje com sua energia e luminoso sorriso, conseguindo tudo o que quer em favor dos excluídos (Cristina era mais uma da lista do “Frei Hermenegildo”).

Os psicóticos anônimos foram apresentados pelo, não menos incrível, Dr. Luiz F. de Barros, que conseguiu – apesar das dificuldades da doença – fazer o doutorado na FEUSP, estimulado pelo saudoso Prof. Dr. José Mário Pires Azanha.

Nem é preciso dizer do choque de realidade ante tantos depoimentos de situações-limite vividas, um autêntico terremoto intelectual-emocional para nossos universitários (choros escancarados em muitos momentos, profundas reflexões etc.) e para a FEUSP em geral... Ao final da última sessão daquela semana (eu estava muito feliz, mas visivelmente esgotado, após 4 dias e 4 noites seguidas de sessões), uma das participantes – havia muitas pessoas religiosas no evento – veio me agradecer emocionada e, após alguns elogios, disse que, ao ver-me “assim”, elas (do seu grupo de oração) tinham entendido o que significava que o cristão tem que participar (*participatio!*) também da cruz de Cristo...

Alguns desses Seminários receberam cobertura do Jornal da USP: o X (<http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=8559>), dedicado a Pieper e abrilhantado pela

vinda do Dr. Berthold Wald, criador da *Josef Pieper Arbeitstelle* (<https://josef-pieper-arbeitsstelle.de/>); o XII (também sobre JP – a universidade – e presidido pelo Dr. Ferreira da Cunha) e o XIII (no qual recebemos o Dr. Mallorquí-Ruscalleda), respectivamente em (<http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=18225> e <http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=22475>). Todos os Seminários têm seus textos publicados em nossas revistas ou em alguns dos 17 livros da coleção “Filosofia e Educação – Estudos”.

A partir do XIV Seminário (2013), optamos por um novo formato (mais informal e sem a presença de públicos multitudinários), o de tertúlia mais restrita, na qual todos os textos são disponibilizados com antecedência e os conferencistas e assistentes convidados têm mais liberdade para a troca de ideias sobre os temas, sem a necessidade de lê-los em voz alta no evento. Felizmente, encontramos o local adequado para essas tertúlias, a Churrascaria Estância, que, além do intervalo do almoço, nos disponibiliza dois espaços – um informal, outro mais formal – na medida exata de nossas necessidades. Nesse espaço contamos com o excelente atendimento do pessoal e do nosso gerente “exclusivo”, o querido Marco Aurélio Cândido da Silva.



Dr. Enric Mallorquí Ruscalleda – XIII Seminário

Um dos saborosos frutos desses nossos Seminários no Estância é o contato direto mais intenso entre experimentados pesquisadores e jovens iniciantes, especialmente nossos doutorandos e mestrandos, sempre com protagonismo nesses eventos. O clima informal, de cálido acolhimento, permite que se expressem livremente (jocosamente dizemos que são “orientandos empoderados”), sem as inibições de estar diante de uma banca ou de um exame de qualificação. O clima não é de arguição mas de verdadeiro interesse e estímulo.



No XVI Seminário Internacional (2015) - meus orientandos: Lília Dinelli: “Uma experiência no país do chá” (ladeada por Paulo Cruz e Joice Pinto)

A Professora Joice Aparecida de Souza Pinto é um caso raro de pesquisadora de alto nível que, ao mesmo tempo, é professora ou diretora em escolas públicas que exigem especiais esforços (quase sobre-humanos) de dedicação e entrega... Fez, sob minha orientação, um brilhante mestrado “Narrativas e ‘pedagogia da admiração’: desafios com novas tecnologias”, conseguindo arrebatado de entusiasmo seus alunos e envolvê-los com “novas tecnologias”, que ela mesmo providenciava e dirigia... Uma usina de energia pedagógica!

Joice também tem arrastado pesquisadores do Cemoroc para ajudar na formação de professores de suas escolas.

Um parêntese para agradecer a todo nosso pessoal técnico, representado por dois de nossos mais próximos colaboradores. Desde o começo de nossas revistas impressas (cada vez mais raras...), tivemos a felicidade de contar com os serviços da Copiadora São Bernardo (<http://www.copisb.com.br/copiadorasb/index.php>), sob a direção do grande amigo e parceiro Valmir Gardinalli. Vinte e tantos anos e mais de duzentos e cinquenta serviços em gráfica e nunca um atraso, uma imperfeição! Na assessoria de Informática, outro querido amigo, o genial (e sempre disponível!) Humberto Matias e sua equipe da “TI Solutions” <https://www.tisolutions.pt/> (suas “*solutions*” muitas vezes garantiram que nosso site estivesse ativo e funcionando).



Sérgio Santos, Alexandre Medeiros, Enio e Simone Starosky no Estância (XIX Seminário)



JL e Rui Josgrilberg



Vítor e Humberto (TI)

O Vítor, além do mais, se encarrega – em nível mais do que profissional – de fotos, artes gráficas e dos vídeos da série que ele criou para o Cemoroc, “Eclipse de Deus”: <http://www.vitorchaves.com/eclipse-de-deus/>

Nestes últimos anos temos tido o privilégio da contribuição permanente de (mais ou menos) novos membros (e grandes amigos!) que têm enriquecido sobremaneira os eventos: Alexandre Medeiros, Enio Starosky e Roger Quadros, que unem a elevada formação acadêmica com a rica experiência concreta de dirigir colégios; Luiz Octávio de Lima Camargo, grande humanista e especializado em hospitalidade (da ECA-USP); Nadia Vianna (do nosso grupo de Keirsej); Sergio Oliveira dos Santos, com suas inovadoras pesquisas sobre corpo motrício; e dos

grandes especialistas em fenomenologia e hermenêutica, Rui Josgrilberg, Vitor Chaves de Souza e Wesley Adriano Martins Dourado, que fez um bellissimo doutorado comigo sobre Adélia Prado e foi meu chefe na Graduação de Filosofia da Umesp.



Dr. Wesley Dourado em nosso XVI Seminário Internacional (na lente artística de V. Chaves)

Tenho muito orgulho também do fato de que o Cemoroc não é um Centro que, a partir de um pedestal da alta pesquisa acadêmica, forma professores, mas que a formação se dá a partir do diálogo com os professores e de seu protagonismo. Esse trabalho, realizado com maestria por nossa diretora, Profa. Dra. Chie Hirose, tem resultado em dezenas de artigos em nossas revistas, assinados por docentes da escola pública (cf. p. ex. <http://www.hottopos.com/isle25/77-84Chie.pdf>), que também têm voz ativa, como conferencistas e debatedores, em nossos Seminários e Encontros.



Mesa Redonda no Encontro Cemoroc Escola Pública – 2016. Professoras alfabetizadoras da PMSP: Lúcia Beasucci, Mara Avanzi e Raimunda Marques

Ao final destas memórias, deixa-se entrever que a beleza da vida é que ela produz 1001 histórias que parecem nunca se esgotar... E ela mesma é, no fundo, uma narrativa, da qual, muitas vezes, não sabemos como uma cena da juventude do “protagonista” vai nos revelar seu sentido somente 20 ou 30 anos depois (ou não...!).

Quero concluir agradecendo a todos vocês – e a tantos outros meus mestres, colegas, alunos, amigos e companheiros – e dou-me conta de que, ao rever esses meus 50 anos de USP, tive que usar mais de vinte vezes o adjetivo “saudoso”, para aqueles que já se foram e a cuja memória quero dedicar – com sentida emoção e imensa gratidão – estas recordações...

Depoimentos sobre Jean Lauand

Jean Lauand e a universidade do nosso tempo

Paulo Ferreira da Cunha

Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (suspensão devido ao exercício daquele primeiro cargo).

Ainda há uns meses, completamente inserido no ambiente académico, se tivesse sido convidado para esta obra coletiva, eu tenderia a pedir pelo menos um ano de prazo (o que me pareceria razoabilíssimo) para investigar a obra inteira de Jean Lauand (que é imensa: um ano não seria muito). Mesmo se, como eu, seguisse o seu trabalho, um académico necessitaria de tudo rever, reler, reponderar...

E depois de reler tudo o que reli e ler o que me faltava, sempre munido ainda de fichas de cartolina, e caneta em punho, tirando apontamentos e colhendo citações, eu tentaria elaborar um ensaio muito sábio (pelo menos muito documentado e erudito) sobre a contribuição, o legado, desse grande vulto do Saber.

Porém, a minha vida mudou. O fôlego e o ritmo passaram a ser outros. Compreendi nos últimos meses que *qui mieux abreuve, mieux preuve*. E por isso não vou (aliás, creio seria pretensioso e redundante) falar sobre a imensa e decisiva obra de Jean Lauand. Mestre de Mestres, Amigo excelente.

Tantos temas poderiam, monograficamente, convocar a minha atenção... E qualquer deles relevantíssimo!

Sempre de cor, lembro, por exemplo, a importância dos seus estudos de didática (mas didática com filosofia) da Matemática (ou sobre o xadrez), sobre Tomás de Aquino – não com hagiografia, mas com filosofia e teologia (e como deu relevo ao Humor e a uma renovada, mas legítima e clássica, teoria das virtudes e dos vícios – a começar pela Acídia), sobre a Língua, não só a Língua portuguesa como o tupi-guarani, desde logo (e o estudo das suas interessantíssimas cosmovisões, pela língua traduzidas, nela plasmadas, operando com um *corpus* alargado e irreverente, incluindo muita música brasileira contemporânea, que é um repositório riquíssimo), etc., etc..

Os artigos e livros de Jean Lauand são de uma erudição arrasadora, acabrunhadora mesmo, estou certo, para o académico invejoso, e ao mesmo tempo de uma leveza atrativa, com um estilo despretensioso, cativante, de uma naturalidade nada pomposa. Ao lermos Jean estamos a ouvi-lo, é a sua estória do Mundo que ele está contando.

Seria uma tentação tirar uma sabática e dedicar-me apenas a essa tarefa de estudar Jean Lauand. Espero, aliás, que em breve comecem a aparecer teses de mestrado e doutoramento sobre a sua obra.

Apenas a marginalidade (e auto-complexo de inferioridade) dessa “cultura ameaçada” (hoje mais que isso, já muito subalternizada), a luso-brasileira (melhor, lusófona), é que permite que vultos como Jean Lauand não sejam celebradíssimos permanentemente pelo mundo fora. Tivesse ele nascido mais a Norte e a sua língua materna não fosse o Português, evidentemente que os fados e as trombetas da Fama estariam permanentemente ecoando em seu louvor.

Não sendo isso que interessa, em si mesmo (a Fama é um ouropel), a verdade é que há nessa situação de renome algo que importa: que é a mais eficaz e alargada transmissão das ideias. As ideias do nosso homenageado importam muito, e é uma pena que não sejam mais conhecidas ainda, apesar de tantos reconhecimentos que internacionalmente vai tendo. Não nos podemos esquecer que (começo *pro domo*), além de Pesquisador emérito do Instituto Jurídico Interdisciplinar, instituição ligada à Universidade do Porto (infelizmente recentemente extinta, mas de que foi membro desde a criação – durante quase 20 anos), é Académico em várias grandes instituições, professor com todas as honras pelo mundo fora, etc.. Permite-me não citar, que são muitas e relevantes. Mas o nosso homenageado mereceria ainda mais e em quadrantes geográficos e culturais mais vastos ainda. Chegará o tempo.

Pois bem. Não será da obra propriamente que falarei. Tentarei, de seguida, um cotejo entre a Universidade de hoje e a figura, o exemplo, de Jean Lauand. E isso em três tópicos: Da Amizade, Da Fama e Da Excelência. Seguindo o plano tripartido à francesa, que aprendi com os elegantes ensaios de outro grande vulto, também à espera de mais celebração, François Vallançon.

Aliás, um dia terão que se encontrar, porque... *les beaux esprits se rencontrent...*

I. DA AMIZADE

Nas minhas andanças académicas, contaram-me que, em universidades da Alemanha, diriam que Deus criou o Professor e o Diabo o *caro Colega*. Não pude nunca confirmá-lo, por mero acaso de oportunidade (ou falta dela). Pude verificar, isso sim, que os franceses não ficariam atrás: em França, um professor poderia dizer de outro – “amigo, ainda que colega” ou “apesar de colega”.

A amizade entre docentes universitários não é um assunto fácil. Agora que estou afastado das lides académicas, creio ao mesmo tempo dever manter o meu recato de juiz e ser bom julgador, distanciado, imparcial. Mas o assunto não é fácil.

Há decerto que enquadrar o problema na complexa condição docente.

Como outras profissões que se exercem nas chamadas “instituições totais”, onde outrora se estabeleciam complexas (hoje ainda há algumas) “relações especiais de poder”, a de professor universitário leva, em geral (felizmente há grandes exceções, belas exceções), a um ensimesmamento intrigante, a um narcisismo que chega a ser pungente, a uma vaidade olímpica.

Talvez seja, em muitos casos, a falta de diálogo entre docentes (felizmente vai melhorando muito, porque o trabalho de equipa é, cada vez mais, uma necessidade... e em muitos casos uma imposição). Nunca vi falar-se tanto em reuniões como nas academias. Nem mesmo no mundo da política, em que a perda de tempo com palavras avulta (e mesmo a estratégia de usar palavras para criar situações e iludir coisas se revela primacial, como é bem sabido: e em certos casos até exagerado), presenciei tão intermináveis reuniões. E uma interessante vontade de deixar claro, e em ata, o que se disse e advogou, assim como precisar, e muito claros, os próprios pontos de vista. Uma exigência de rigor muito louvável, mas um consumo de tempo bastante considerável.

A alta função universitária pode subir muito à cabeça. E porque nem todos podem ser prémios Nobel, colecionadores de doutoramentos *honoris causa* (os célebres *Prof. Dr. Dr. Dr. h.c. multipl.* não são para muitos), receber medalhas semanalmente, ou repetidos convites para as televisões, honras de paraninfo diuturnas, como nem todos podem ser amados pelos estudantes (notadamente com classificações

altíssimas nas avaliações do “desempenho”), a profissão docente presta-se também a muitas frustrações, sonhos jamais concretizados, e um sentimento de incompreensão profundíssimo.

O docente universitário muitas vezes julgava-se, mais que um Bismark no seu salão, vero dono e senhor do Universo, que fazia e desfazia com a sua palavra (ou o seu *powerpoint*) na sua sala ou anfiteatro.

Evidentemente que, hoje em dia, estudantes que não podemos considerar nem menos dóceis nem mais revolucionários (como eram os dos maíoi de 68 e afins), mas fundamentalmente mais autistas às coisas que mais profundamente interessam e sobretudo muito menos educados, colocam muito em risco a *auctoritas* do professor que, quase desprovido de *potestas*, pode chegar a ter dificuldades em manter a aula sequer sentada. Pelo menos, é esse o título de um livro de um antigo ministro da Educação em Portugal: *Difícil é sentá-los*. Por mim, falo metaforicamente, como é óbvio.

Esses revolucionários (de quem chegamos a ter saudades: bem ou mal, punham em causa ideias, não se moviam por caprichos ou por afirmação do *status*), que Allan Bloom, creio que no seu *Gigantes e Anões*, em parte já via sentados nas mesmas cátedras que, de algum modo, no seu tempo, tinham abalado, terão sido por vezes agressivos, mas não eram boçais, nem sem maneiras, nem arrogantes. Muitos de agora têm a autossuficiência de quem julga não precisar de nada saber e serem os professores nada mais que seus criados. Aliás, é essa a origem dos “pedagogos” no mundo clássico.

Aliás, o problema da servidão docente é um dos essenciais no nosso tempo. O docente de uma Universidade cujo prestígio é aferido por *rankings* internacionais que não controla minimamente (chega a ser divertido ver, nas redes sociais, graves universitários a torcerem pela sua camisola num despique entre *rankings*...), cujo financiamento dependa não do Estado e da sua equanimidade (e do seu sentido de interesse e serviço públicos), mas de flutuações do mercado, da bolsa, ou das propinas dos alunos (que assim precisa de conquistar como a simples clientes) não pode deixar de ser servo, se não mesmo escravo... [N. dos E.: “propina”, em Portugal, é taxa de matrícula dos estudantes e nada tem que ver com atos ilícitos].

A Universidade, cuja autonomia medieval era uma realidade, o que muitas vezes a levava a pura e simplesmente transferir-se de cidade, com armas e bagagens, proclama por vezes teoricamente essa situação, mas está cada vez mais dependente de uma opinião pública que é a *opinião que se publica*, e de quem a paga.

A Amizade é um sentimento e uma vivência entre pessoas livres, independentes, e com algum ócio para a poderem cultivar. E ócio (que é, aliás, como bem se sabe, o *principium* da Filosofia), pelo menos desde Séneca, está associado a dignidade. Liberdade, Independência, Ócio, Dignidade, tudo coisas que muito dificilmente conseguimos usufruir no mundo atual de cretinismo tecnológico, de que já falava o sociólogo Jean Duvignaud. Assim, a Universidade atual, levada ao seu tipo-ideal e última potência, no *stress* quotidiano das classificações, das avaliações, dos *rankings*, estratificada, hierarquizada (embora com enviesamentos), com servidões, não permite que se cultive a Amizade, porque é local de instalada *guerra de todos contra todos*, como diria Hobbes.

Alheio à vaidade pessoal, sem quaisquer pretensões de poder, devotado à sua função de pesquisador e professor, Jean Lauand fez e continua fazendo grandes seminários internacionais (inicialmente, parece que achou que esse tipo de iniciativas não era “a sua praia”, mas viu-se que é, só que uma praia bem especial, bem diferente da massificação e da ostentação fúteis), fundou o CEMOrOc, que é um centro

modelar, sem dependências servis e politicamente corretos, e estabelece com os colegas e discentes uma relação de igualdade, paridade, naturalidade. Claro que ressalta o natural ascendente do sábio. Mas ele tem um posicionamento simpático, maleável, sem qualquer perda da dignidade, sem qualquer hipocrisia. É transparente. É ele mesmo. Uma ou outra vez não disfarça a impaciência ou a indignação justa – não chega nunca a ser a cólera dos justos. E então pode sair-lhe mesmo uma imprecação, mas sempre acompanhada de um sorriso nos lábios e no olhar vivíssimo, claro e clarividente.



PFC e JL na cerimônia de lançamento das revistas Coepta (2018), de jovens autores.

É natural que uma pessoa de uma só peça, de uma só cara, de um só parecer (para lembrar o retrato de Sá de Miranda de quem não é cortesão) suscite a antipatia de alguns untuosos e falsos mandaretos de corte, mas em contrapartida é ídolo de estudantes e colegas puros de coração, que buscam a Universidade pelas boas razões. Fica-se verdadeiramente contente, mesmo entusiasmado (etimologicamente) com uma sensação de realização efetiva de um alto Valor (para recordar a axiologia de Johannes Hessen), quando se participa nos seminários de Jean Lauand, sobretudo nos mais recentes, com mais seleta participação, e se vê a forma carinhosa mas natural e descontraída (não subserviente) com que Mestre, Colegas e Discípulos se relacionam.

Jean Lauand bem pode considerar-se feliz e realizado, porque conseguiu o que raríssimos alcançam: tem discípulos que estudam, veneram e continuam a sua obra, e que verdadeiramente o admiram e são seus Amigos. Tem Colegas que o respeitam e admiram, que com ele dialogam, que o reconhecem como um grande entre grandes. E que não o invejam nem apunhalam pelas costas.

E nós estamos felizes por termos Jean como um marco importantíssimo nas nossas vidas, uma presença disponível, flexível, sem complicações nem burocracias, um amigo para todas as ocasiões. Uma pessoa boa, como já não se consegue facilmente encontrar. Em que a inteligência não se traduziu nem em amargura, nem em confusão, nem em narcisismo. Pelo contrário: que vai sempre crescendo em inteligência e em dádiva aos outros.

II. DA FAMA

Vivemos um tempo de poluição, ruído, ostentação, vaidade e em grande parte contrafação acadêmicas. Os critérios de julgamento público dos acadêmicos são em grande medida distorcidos pela sua fama mediática (o que não quer dizer que não haja comunicadores e pessoas com “boa imprensa” com muito valor), que se pensa seja ditada pelos conhecimentos e influências pessoais, políticas e afins. Ou meramente pela sorte de um nariz ter agradado ou não...

Nas redes sociais, a mediocridade não paga imposto e desfilam pseudo-famas acadêmicas de fazer chorar ou estoirar em riso, pelo ridículo. O natural desconhecimento generalizado por parte do público leigo do mundo universitário, das suas carreiras, procedimentos, títulos e graus acadêmicos, à mistura com mais ou menos sutis manipulações de factos e *curricula* (mais ainda se envolvendo intercâmbio ou mudança de países, em que a tradução e equivalência das situações é tudo menos clara) propiciam grande confusão, pela qual se elevam os que descaradamente se promovem a si próprios. Chega a ser deprimente tanto foguetório de autopromoção.

Mesmo publicar ou não publicar (que é um critério mais sólido para se aquilatar do que vale um estudioso) se vai tornando uma roleta cada dia mais complicada, em que acabam por ficar nas gavetas, por falta de editores ou falta de alguns editores, muitos escritos que ninguém garante que sejam piores do que os que são editados. Algo me segreda até que poderão ser melhores, só que fugindo ao gosto medíocre para que se dirigem os especialistas em marketing e análise de mercado que parece comandarem opções de edição. *Remontrance à la ménagère...*, livro notável de Bernard Pivot, talvez esclareça o problema. Já Theodor Adorno, na *Minima Moralia*, explicava que numa conversa tudo acaba por baixar o nível até ao da pessoa menos letrada, menos interessante, menos inteligente... Tudo é empurrado por uma força da gravidade que deixa cair o nível.

As televisões aclamam hoje umas tantas celebridades, algumas sem dúvida com interesse (era o que faltava!), mas em parte meros *entertainers*, alguns sem graça nenhuma, e outros com graça muito duvidosa...

A própria Universidade, como se dizia num comercial televisivo invocando a “tradição”, *já não é o que era*. Algumas Universidades resistem galhardamente: temos tido essa sorte. Mas muitas, pelo mundo fora, já aceitaram ser supermercados de aulas, quando não de diplomas, ao mesmo tempo que entram em competição por quem paga salários menores, despede mais, admite professores mais baratos. O lema parece ser o de que *o cliente tem sempre razão* – e o cliente é o estudante, que pode estudar muito pouco. É pena que estudantes que poderiam ir longe nos estudos, no seu aperfeiçoamento, preparação técnica e cultura, nunca conviveram, durante a Universidade (como lhe chamam: na verdade trata-se de outra coisa), senão com aquelas comodidades adventícias que contudo eram importantes para um Hegel: bares circundantes com boa cerveja. Concede-se: e talvez um pouco mais. Mas, em geral, mesmo bons professores têm um certo pudor em dar aulas de nível universitário, e quanto a avaliar, estamos conversados. Há um livro significativo sobre este estado de coisas: Hamilton Werneck, *Se Você Finge que Ensina; Eu Finjo que Aprendo*, 11.^a ed., Petrópolis, RJ, Vozes, 1992.

Ao mesmo tempo, e paradoxalmente, com um *sucateamento* do nível de ensino e o abafar da qualidade, até por auto-repressão, com a argentarização do “serviço”, andam muitas universidades num cirandar alucinante pelos *rankings*, pelas classificações (que sempre serão melhores para quem inventou as regras), e nisso, também, escravizam os docentes que devem publicar ou perecer (*publish or perish* – é

o grande lema), e publicar em revistas selecionadas, com notas prévias ou posteriormente decididas, num jogo de produção e pontaria complicado, extenuante, e sem sentido. Porque, como é óbvio, se já não estamos no tempo em que se poderia ser professor sem ter publicado ou mesmo escrito quase nada, não é um amontado de artigos (curiosamente, os livros contam em muitos casos menos que artigos – o que é um espanto) que define a qualidade de um pesquisador. Mas evidentemente que a quantidade é rainha neste reino sem fins...

O paradoxal, mas de um paradoxo saudável, é que autores como Jean Lauand são completamente alheios às sereias da Fama e suas servidões, são indiferentes às metas de produtividade, à compulsão de escrita e publicação, e contudo não deixam de, por um lado, obter reconhecimento (desde logo dos que os veem como verdadeiros intelectuais, que os sabem destacar das contrafações) por criar e criar muito e bem.

A chave da criação de Jean Lauand é simples, e não receio revelá-la, porque sei que é comum a todos do seu género. E não o sei porque ele me tenha confiado, mas porque me atrevo a dizer que ela é óbvia e espelhada por toda a atividade do Mestre. Jean Lauand trabalha muito, e trabalha muito bem por uma razão apenas: porque ama o que faz. Faz o que gosta, e, por isso, o trabalho é para si prazer também. Não lhe custando (embora todo o trabalho importe em algum “suor do rosto”, é certo), amando Jean Lauand o que faz, como não fazer muito, e bem, quando se tem a preparação e a qualidade intrínseca?

Enquanto alguns precisam da recompensa do dinheiro e / ou do renome para aguentarem a tortura do seu trabalho (*tripalium*), que na verdade não apreciam, não valorizam, com que não se identificam, Jean Lauand é desses que bem pode ser indiferente a esses “pagamentos” (o que não quer dizer que não seja grato pelas honras merecidas e bem atribuídas). O seu pagamento já ele o teve na própria obra que fez, e está fazendo. O resto surge por acréscimo. É essa gratuidade que dá uma sensação de que está em paz com a vida (apesar de estar longe de ser um acomodado).

Podem certos docentes ser sisudos sacerdotes de um *decorum* pomposo, mas nunca provarão do fruto da *sapida scientia*. Jean Lauand sabe ser diplomático e tem toda a escola da delicadeza e das cerimónias académicas, mas um gosto mesmo é vê-lo à mesa com os amigos, discorrendo de altas filosofias tanto citando uma canção popular ou uma passagem da *Summa Theologiae*, num bom rodízio gaúcho. Isto não o apouca como intelectual, como académico. Isto nem sequer o “humaniza”. Isto eleva-o, porque sabe naturalizar o Saber. Nele, verdadeiro intelectual, o Saber não é uma vestimenta apertada e dura, uma couraça postiça, que se coloca na solenidade académica de uma vida falsa, de uma máscara que já nem oculta rosto nenhum. Nele, o Saber vive-se como quem respira.

III. DA EXCELÊNCIA

Não acredito que todas as épocas sejam iguais. Estou persuadido que o nosso tempo põe especiais reptos aos que, largando as tentações de ofícios mais prestigiados (hoje o prestígio das Universidades ainda se mantém na Alemanha ou no Japão, mas em muitos países decaiu profundamente, e a culpa é sobretudo exógena, de sociedades sem memória, sem maneiras, sem gratidão, e sem educação – é incrível como pessoas inteligentes e cultas já se habituaram a desvalorizar o ofício e o múnus docente), se decidiram pelo sacerdócio do estudar e ensinar.

Com a massificação do ensino, e em especial do ensino ainda dito universitário (que não é uma verdadeira democratização, que seria desejável, mas uma

banalização argentarista e demagógica), dizem-nos que proliferam professores demagogos, sem conteúdo, muito fracos, medíocres, psitacistas, devedores de textos e *powerpoints* alheios, que leem nas aulas, etc., etc.. Acreditamos, porque muitos alunos parecem ser fruto desse mau ensino que, não ensinando, não exige, não avalia, e indiscriminadamente aprova pessoas muito mal preparadas. Os erros médicos, de engenharia, informáticos, para não falar nos jurídicos, erros de ciência uns, e de ética outros, ou ambos conjugados, são talvez agigantados na comunicação social sensacionalista. Mas não há dúvida que existem, e fica-se com a sensação de que crescem. Algo estará mal na aprovação de clínicos que deixam morrer doentes que se poderiam salvar, de engenheiros cujas pontes ou até edifícios não se aguentam de pé, de computadores que passam a vida a ter problemas, de inocentes condenados e culpados libertos, e clientes mal defendidos ou representados. Há uma sensação de insegurança, já, em pessoas que procuram os melhores especialistas ou o estrangeiro (em cada país se acha que o estrangeiro é melhor – o que é curioso) porque têm medo de ser mal servidas pelo comum dos diplomados nacionais. E se falarmos em (por exemplo) sapateiros, mecânicos, canalizadores, eletricitas, e mil e uma outras profissões, compreendemos que antigos mesteres correm riscos, e alguns têm a sensação de que falta hoje brio profissional em muitos.

Tudo vem de muito antes, de competências básicas: “Um estudo conduzido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, que coordena o PISA, constatou que apenas 9% dos alunos de 15 conseguem diferenciar fatos de opiniões.” – pode ler-se num artigo de Juliana Blume (ed. *online*: <https://hypescience.com/assustador- apenas-9-dos-adolescentes-conseguem-diferenciar-fatos-de-opinioes/>, consultado em 2 de janeiro de 2020).

Há, contudo, milagres. Todos os anos em que lecionei, e foram umas dezenas, quase quatro, tive estudantes brilhantíssimos. Não foram nunca muitos. Mas sempre uns tantos. E sempre tive também (mas fui um professor com sorte) um número razoável de bons ou regulares alunos. O maior problema é que se vão deixando passar, nem que seja pelo tempo (ou por “usucapião”), um conjunto decerto crescente de pessoas sem competências específicas, técnicas, e mesmo (o que é ainda pior) sem competências cognitivas, de expressão, e outras, básicas. Ou seja: *quod natura non dat, Salmantica non prestat*.

Jean Lauand não é só um professor amado pelos seus discípulos diretos, respeitado e considerado pelos seus colegas, é também um ídolo para muitos e muitos daqueles estudantes que, não sendo particularmente vocacionados para a pesquisa, um dia passaram pelas suas aulas. E aí temos um novo curioso paradoxo: não sendo Jean Lauand daquele tipo de professor demagogo, populista, ou galã (que tanto colhem os favores do público discente atento a superficialidades), encontra contudo uma via de comunicação com o público geral das aulas, certamente na sua autenticidade e na forma natural e não pedante ou hermética como transmite o seu sério, rigoroso e enorme saber. Enquanto outros investem na imagem, na sedução difusa, no verbalismo fácil (e muitas vezes politiquero), no marketing pessoal, enfatizando as ilusões do poder, da fama, do prestígio, as promessas de boas relações para os alunos, etc., Jean Lauand consegue uma proeza única que é a excelência da qualidade de ensino e da partilha da pesquisa através de uma forma simples, clara, natural, não pedante. Certamente o aluno que jamais foi valorizado, que sempre achou que a alta cultura era, por definição, algo de que estava excluído, ao ver a forma impecável, rigorosa e ao mesmo tempo despreconceituada e desataviada, da lição de Jean Lauand fica rendido à sua pedagogia.

Mas não se pense que há qualquer vulgarização nessa pedagogia. É precisamente o contrário. O Mestre é, na verdade, um perigo para o *bluff* universitário.

Como para o *bluff* cultural em geral. Ele mostra o que está por detrás da cortina da portentosa máquina do Mágico de Oz. Os mágicos de Oz são apenas manipuladores de uma máquina de prodígio. Em si, são mediocres...

Ao contrário dos mágicos de Oz, Jean Lauand não tem receitas mágicas (de algibeira) para o Leão, o Espantalho, ou o Homem de Aço, ou para a pequena Dorothy. A receita não existe. É claro que num mundo dominado pela indústria da auto-ajuda (a muitos níveis) e pelas celebridades de pacotilha, pode para alguns ser decepcionante não ter um guru que aponte soluções. Jean Lauand aponta a única solução para a cultura, o saber, e, afinal, para a própria vida (porque uma coisa e outra são instrumentos de lidar com ela, de a viver bem): a autenticidade, a procura, a seriedade, o labor jubiloso.

Ninguém está obrigado a ser universitário, intelectual, pesquisador, a fazer teses, artigos, a dar aulas e palestras, etc. Uma coisa é dar a provar dessa árvore de Ciência, outra coisa é fazer alguém participar da própria Ciência. São coisas diferentes que muitos confundem.

Para os que tiveram a sorte de contactar com o Professor Jean Lauand como alunos, ficaram a entrever o mundo maravilhoso de uma vida honesta, decicada jubilosamente ao saber. Para os que tiveram a talvez ainda maior sorte de com ele participarem na grande fábrica do saber, puderam pelas suas mãos beber da água lustral de fontes não inquinadas. Puderam viver a realidade possível e, mais que possível, real, de um Saber intrínseca e verdadeiramente vivido, não uma flor na botoeira para enfeitar vaidades e discursos, mas uma exigência e um desafio constantes: o desafio do honesto estudo.

Jean Lauand escreveu há muito tempo, e repetidamente, sobre o sentido (os sentidos) do agradecimento e respetivas palavras, em várias línguas, sempre inspirado pela lição de Tomás de Aquino. João Caetano, um grande amigo também, que é um admirador incondicional do Mestre, escreveu um artigo “Obrigado, Jean Lauand”. Há um agradecimento maior que nem se agradece. Não sei como o dizer. Há aquele sorriso fraternal de cumplicidade, de quem sabe que se está a remar para o mesmo lado do Bem no Mundo, e que todas as vaidades, perfídias, corrupções, decadências, não são capazes de valer contra a simplicidade de fazermos o nosso dever, e de o fazermos com entusiasmo e sermos felizes nesse labor.

Porto, Epifania, 2020.

Um pensador aberto à comunicação

Alfonso López Quintás

(Catedrático da Universidade de Madri e membro da Real Academia Espanhola de Ciências Morais e Políticas)

Para mim, é uma grande satisfação e uma honra colaborar na homenagem que se presta ao Dr. Jean Lauand.

É uma agradável surpresa ver um pensador bem firmado em doutrinas de tão sólida estirpe como a filosofia medieval se abrir decididamente aos meios de comunicação mais avançados. O papa João Paulo II advertiu aos seus colaboradores, um dia, que o apostolado do século XXI estaria unido, sem a menor dúvida, às possibilidades que a internet abre. Daí nasceu a Rede Internacional de Informação para a América Latina (Riial).

Nessa linha e com espírito semelhante, o professor Jean Lauand está realizando um magnífico trabalho de difusão da melhor cultura, através não apenas de publicações em formato tradicional, mas também pelos meios mais avançados. Essa tarefa, tão discreta quanto eficaz, sabem apreciá-la devidamente todos nós que conhecemos a dificuldade desse tipo de iniciativa.

Se a isso se acrescenta a dedicação diária à formação de estudantes e professores, estamos diante de uma figura de professor de amplo espectro, que dá à sua tarefa docente uma projeção tão profunda quanto vasta. O Dr. Lauand está bem ciente de que a luz não deve ser “posta debaixo do alqueire”, e sim sobre os mais altos telhados, para o bem de muitos. Assim, não apenas os frutos de sua própria pesquisa, mas também os de numerosos colegas alcançam uma difusão que ultrapassa amplamente os recintos acadêmicos. Com isso, o ensino superior alcança áreas de influência até há pouco tempo inimagináveis.

(do livro: “O intérprete do Logos”. Tradução de R. C. G. Castro)

Entre o perene e o temporal

Alexander Fidora

(ICREA, Institució Catalana de Recerca i Estudis Avançats. UAB)

O livro que o leitor tem em mãos presta homenagem a um dos representantes mais destacados da filosofia brasileira de nosso tempo.

Durante mais de 30 anos que Jean Lauand tem se dedicado à pesquisa e à docência, o atual catedrático de Filosofia da Educação da Universidade de São Paulo tem aberto com seus trabalhos novos caminhos para o estudo da filosofia medieval, sobretudo no que se refere à obra de Tomás de Aquino, que têm exercido um grande impacto em sua terra natal.

Pareceu-nos, portanto, quase um imperativo colocar ao alcance do leitor de língua castelhana, tanto ao especialista como ao *amateur* da filosofia (medieval), alguns desses trabalhos de Jean Lauand – todos eles, conferências pronunciadas em diversas universidades da Argentina, Brasil e Espanha –, os quais não somente permitem acompanhar de perto a trajetória intelectual desse pensador ao longo dos anos, mas também, além disso, dão uma viva imagem da própria essência do seu filosofar: um filosofar que, situando-se na linha de pensamento de Josef Pieper, se desenvolve num diálogo permanente entre o passado e o presente, entre a história da filosofia e os problemas sistemáticos que continuam nos ocupando ainda hoje, entre Tomás de Aquino e a linguagem humana de todos os dias.

Daí, a fisionomia tão característica do pensamento de Jean Lauand: uma mescla entre a tradição e a abertura, entre o perene e o temporal, traduzida também em seu estilo, que reúne a precisão da palavra escrita com a vitalidade da expressão oral. É essa mestiçagem, por assim dizer, que faz de seu pensamento um pensamento *sui generis*: não somente humanista, e sim realmente humano, na medida em que nele todo homem, ou seja, cada um de nós, se descobre em sua imanência, ao mesmo tempo em que, a partir dessa mesma limitação, nos é aberta a possibilidade de transcendência.

A filosofia de Jean Lauand, sem dúvida, mostra uma grande erudição, mas não quer ser – e não é – unicamente isso; sua filosofia é, assim como este livro, um convite a participar da sabedoria, a entrar em um diálogo com a sabedoria da linguagem humana e a sabedoria do Verbo.

(Trad. de R. C. G. Castro do Prefácio ao livro “*En diálogo con Tomás de Aquino*”, Ed. del Orto, Madrid, 2005).

Em diálogo com Jean Lauand

Miguel Ángel García Olmo

(Doctor en Antropología y licenciado en Derecho y Filología Clásica. Escritor)

“A linguagem constitui o obstinado substrato da atividade de pesquisa e docência de Jean.” (Pere Villalba Varneda, 2005)

Certa vez, enquanto traduzia para o espanhol um artigo do professor Jean Lauand (as ocasiões que Jean me deu de verter para o castelhano alguns de seus trabalhos sempre têm sido para mim motivo de deleite, porque traduzi-lo, devido ao cuidado que isso exige, é como ler duas vezes), entendi que era tal o valor contido naquele pequeno ensaio que pensei que ele não merecia ficar confinado aos círculos humanísticos ou acadêmicos, mas que devia transcender até âmbitos mais extensos de leitores com amplitude de horizontes. E comuniquei isso ao próprio Jean por e-mail. Imagino que ele deve ter sorrido, pois evitou dar-me uma resposta clara, mas em pouco tempo chegou à minha casa – uma gentileza dele, que ninguém que conheça Jean um pouco pode estranhar – a edição em português de *Em diálogo com Tomás de Aquino*, uma requintada seleção de seus melhores artigos e conferências recentes, dirigida ao público em geral. Ficou claro que não havia sido eu o único que fez a Jean a mesma proposta.

A obra da vida de Jean Lauand é, sem dúvida, muito mais extensa, coerente e profunda do que possa significar um punhado de estudos e conferências da maturidade. E assim, na ocasião oportuna, conquistou a cátedra de Filosofia, de que hoje é titular, na maior *alma mater* da América Latina: a Universidade de São Paulo (USP). O resumo mais sintético de suas publicações que pude ler ocupa já duas páginas inteiras. Além disso, há o seu trabalho como editor e coordenador de produções multidisciplinares e plurilinguistas, em que Jean tem sido capaz de reunir trabalhos e colaborações de autores procedentes de dezenas de prestigiosas universidades e centros de ensino superior, nos dois lados do Atlântico. O elenco de bem elaboradas revistas que soube produzir, de perfil ao mesmo tempo moderno e clássico, digitais e impressos, com conteúdos de ponta e sonoros títulos latinos, impressiona a todos os que acessam o seu portal na internet. Mas minha iniciação pessoal – profano em lides filosóficas como sou – na obra lauandiana ocorreu através de seus ensaios breves e suas conferências. E não só eu: apenas três anos depois da aparição em língua portuguesa da antologia antes mencionada, chegou a desejada edição espanhola, publicada por nada menos que Ediciones Del Orto, editora relacionada com a distintíssima Sociedad Española de Estudios Clásicos, cujas opiniões gozam de amplo eco no mundo educativo e cultural hispânico. Essa edição contém nove conferências recentes, mas já clássicas, de Jean Lauand, adaptadas ao leitor espanhol, algumas das quais haviam causado por si mesmas um considerável

impacto entre o público culto da Espanha. E isso não é exagero nem amável hagiografia: uma delas, “Mother Mary comes to me – La radical inseguridad de la condición humana”, mereceu grandes manchetes e quase uma página inteira de análise num dos jornais madrilenhos mais lidos na Península¹⁰. Encabeça o volume um dos trabalhos lauandianos mais sugestivos, oportunos e férteis que se pode ler: o inesquecível “Deus *ludens*”, do qual não saberia dizer se prefiro na esmerada edição espanhola ou em suas versões originais (enriquecidas) em português. E, como essas, outras sete conferências competem entre si em qualidade.

Como se vê, evito fazer resenhas do conteúdo dos artigos, apesar da poderosa e deliberada atração de seus títulos (com Lennon & McCartney ou o próprio Deus brincando neles) e de outros ainda mais ousados, como “La tontería y los tontos en el análisis de Tomás de Aquino” ou o muito chocante (ainda que só aparentemente) “*iiiOlééé!!!* Dios, la belleza y el arte”. É que eu não gostaria de privar os futuros leitores de Lauand de algo que saboreio muito quando me encontro diante dessa aparente perplexidade inicial que faz parte da marca inconfundível de Jean, e que inclui também sua capacidade de surpreender e de levar-nos por caminhos inesperados e nunca explorados, mas tão certos que nos obrigam a nos deter na leitura para saborear o que estamos a ler. Muito poucos humanistas sabem fazer isso, porque para tal tarefa é preciso ter uma condição que, mais do que livresca, é instinto: um puro libar a vida passada e presente até seus mais secretos aromas; ou seja, mergulhar no de sempre e, ao mesmo tempo, no hoje. Vou explicar isso, insisto, cuidando para não quebrar o delicado fio do mistério.

Entre os objetos preferidos do pensamento de Jean Lauand destaca-se principalmente a linguagem. Talvez outros conhecedores mais qualificados de sua obra pensem que exagero a importância desse seu interesse, ainda que alguns considerem que não. Talvez minha modesta formação filológica me faça mais sensível às análises linguísticas com que – sem dúvida nenhuma – Jean nos deslumbra. Seu afilado cinzel comparativo, lexicológico e gramatical vai muito além de seu comprovado domínio de línguas modernas e clássicas, pois diariamente nos demonstra que esse interesse especial pelo fenômeno universal da linguagem é nele algo viçoso, genuíno e original. Além disso, há Santo Tomás de Aquino. Sobre isso direi poucas palavras, porque quase todo mundo sabe que uma hermenêutica ao mesmo tempo límpida, clara, profunda e vibrante do Doutor Angélico é o cartão de visita que precede Jean Lauand. Apenas gostaria de fazer um comentário pessoal, pois reconheço que meu domínio do pensamento do Aquinate não é tão amplo para me estender muito sem me expor: cada vez que desejo me aproximar das profundidades da imortal ciência tomasiana, não o faço sozinho, mas me deixo acompanhar por dois autores vivos que me fazem as vezes de sibilas virgilianas: no campo jurídico, John Finnis; no filosófico-humanístico, Jean Lauand.

Outro dos objetos diletos do pensamento lauandiano é o mundo oriental, centrado, sobretudo, no legado árabe, tanto clássico como moderno. Isso advém, a meu ver, do grande conhecimento da Idade Média que Lauand adquiriu através do estudo da obra de Santo Tomás e que, por sua vez, se estendeu aos temas orientais. É desnecessário dizer que hoje já ninguém duvida das ricas influências que mutuamente se exerceram os universos cristão e islâmico durante e após o medievo, como testemunha, na Espanha, por exemplo, a obra irrepetível de São João da Cruz. Isso é algo que se depreende com absoluta naturalidade dos trabalhos lauandianos, sem necessidade de muitas explicações prévias, e nessa prodigiosa síntese navega a

¹⁰ Trata-se de *La Razón*. Já anteriormente, o referido esforço editorial de Jean Lauand havia sido recomendado ao leitor espanhol pelas páginas do suplemento “Alfa y Omega”, vendido em toda Espanha encartado no diário *ABC*.

inesgotável e fértil curiosidade do nosso autor. E quem diz Oriente acaba compreendendo, afinal, que não há expressão cultural, linguística ou artística, por distante que pareça, que escape à lupa inquieta e amável de Jean: desde os marmóreos grego e latim até as exóticas línguas bantu e tupi; do sagrado *Alcorão* à depurada Neovulgata; do *Hino a Zeus* a Nat King Cole; do mito ao logos, passando por um vibrante samba matinal de Tom Jobim. Toda a Criação tem um espaço dinâmico na *Weltanschauung* lauandiana e a tudo temos acesso através das luminosas mas surpreendentes veredas que somente Jean sabe abrir. Além disso, há a obra filosófica de seus mestres preferidos, que ele sabe apresentar com discernimento a seus leitores: Josef Pieper, o nosso Julián Mariás, Karol Wojtyła... E, claro, o Brasil, o seu Brasil. A partir da filosofia, da pedagogia e do humanismo em geral, Jean Lauand é o autor que melhor compreende a expressividade e as criações do encantador povo brasileiro. E continuo não exagerando. Somente ele é capaz de juntar, num mesmo artigo, com a imaginação e a audácia de um grande *chef*, Píndaro, Santo Tomás, Cervantes, Heidegger... com a inefável plasticidade do doce balanço de uma morena captada pelo gênio de um bossanovista ou a estranha forma de correr atrás da bola de algum outro excepcional “criador” carioca de pernas tortas. O modo de ser de todo o Brasil, em sua expressão anônima, coletiva, cotidiana e popular ou na formosa versão finamente destilada por artistas como Chico Buarque ou Adélia Prado, tem um lugar de destaque na obra do professor Lauand.

Mas haverá, na realidade de toda a experiência humana, que não possa entrar alegremente nos artigos e conferências do Jean? Não, e é por isso que sua leitura é urgente: porque é urgente redivinizar a vida e agradecer ao Criador pelas maravilhas com que rodeou nosso existir sobre a Terra, em lugar de continuar cobrindo-as e projetando sombras sobre elas, com o fim de parecer sérios, acadêmicos e graves. Não sei se é por causa de sua sabedoria, sua sensibilidade inata, que vê onde poucos chegam, sua habilidade dialética ou sua serena e otimista alma brasileira, mas, ao captar sutis e grandiosas maravilhas, Jean Lauand tem sido, para mim, um mestre e um guia. Pensador de nosso tempo, pensador para todos.

(do livro: “O intérprete do Logos”. Tradução de R. C. G. Castro)

A modo de epigrama

Pere Villalba Varneda

(Catedrático Emérito da Universidade Autônoma de Barcelona)

La naturaleza imparcial tiene sus reglas doradas, que no impone; el espíritu inalterable conlleva las normas vírgenes, que lo mejoran; el hombre bulímico come el fruto del árbol del saber, impone y empeora. Si acertamos a definir el *Lógos*, obtenemos un hombre híbrido que sube por la pendiente del bien para aterrizar en el valle protegido por la naturaleza, no sin patear por el barro del autodesprecio. Destruir y definir, para partir de nuevo de la meta resbaladiza de la ignorancia y llegar vencidos a la meta más resbaladiza, si cabe, de la desesperación: no hay viaje sin destrucción, no hay definición sin dolores en el espíritu de la primera intención, dejando tras sí huellas de conmiseración. Empezar para terminar, y terminar para acurrucarse en la linterna de la luciérnaga o en el agujón de la serpiente que acecha: odio y amor, discordia de la amistad o amistad en la discordia. La naturaleza, sin embargo, es fraterna y clama a los dieciséis vientos: "Todos los que vivís en esta tierra sois hermanos. ¡No tengáis miedo!". Adán impuso los nombres a los seres que habían recibido el sople de la vida de la hermandad; antigua materia inerte y caos inmóvil para pasar a la potencialidad agridulce, a la creatividad inconclusa, a la destrucción humeante, a la no-libertad asesina: había nacido el *Lógos*, signo que distorsiona de las aguas, logaritmo de la locura, jeroglífico sin desentrañar, que clavó las constelaciones amarillentas, que apuntaló las columnas enhiestas del firmamento efímero, que anotó la armonía indómita, que provocó lo divino, diciéndole "¿quién eres tú?", cual un igual a un igual, desafiante en y desde la ignorancia, como un engreído mosquito ante la tromba marina, o como la hormiga de la marabunta ante la rotura terráquea hendida por el terremoto incestuoso. ¿Quién ha contemplado el cosmos de la hoja otoñal? ¡Nadie! ¿Quién ha oído el Do perpetuo y continuo del huracán arrasador? ¡Nadie! ¿Quién ha gustado el sabor del agua recién nacida en el arenal? ¡Nadie! ¿Quién ha olfateado entre los zarzales de la malvarrosa? ¡Nadie! ¿Quién ha tocado lo divino? ¡Nadie! Mortales asquerosos, inmundos, ¿qué sois? Ni tan sólo veis las cosas de las cosas huidizas, la apariencia de las cosas que ni son, la opinión tergiversadora sobre las cosas, el paso de la sombra fétida del sueño de las cosas; al fin, nada, ni tan sólo lo efímero de un día. De lo contrario, no mataríais al *Lógos* de la hermandad cósmica, el sexto sentido que nos insufló el viento de aquel desconocido. Así, cuando el río pasa, algo se lleva, algo perdemos, aunque revenga lo inesperado, lo nuevo, lo desconocido al fin: llega el miedo verdeante de la trotamundos Muerte. Amad la justicia en la simplicidad del corazón, pues perversos son los pensamientos de los que corrompen la virtud: no penetrará en el corazón de los culpables la sabiduría. El espíritu auténtico evita lo ficticio y huye de los sin-intelecto. Pero el espíritu de la sabiduría es benigno, cuando escruta el corazón del hombre y oye el quejido de su lengua: quien habla necedades no pasará al olvido, quien piensa iniquidades será interrogado, sus discursos corregirán su propia iniquidad. Más aún: la murmuración no sirve de nada, el discurso oscuro no cae en el vacío, la boca que miente mata el alma. Hay que evitar

el error palabrero, para evitar la perdición de las acciones. El soplo de aquel desconocido no creó la muerte ni se alegra con la perdición de los vivos. Pero la justicia de la lengua es perpetua, también inmortal, y las manos de los impíos no la alcanzaron, teniéndola por enemiga, a pesar de sus promesas —que eran malintencionadas. Los de corazón tuerto afirman que el tiempo de la vida es exiguu, que no hay refrigerio al final, que nadie ha vuelto del sopor tenebroso, que todo viene de la nada y, al final, como si no hubiese sido, que la palabra es humo que se disuelve por el tenue aire, como nube huidiza de los rayos del Sol, vencida por su calor: así los nombres adámicos caerán en el olvido, pues el tránsito de una sombra es el tiempo de las cosas, y no existe retorno posible, porque así está designado. Y la perversión globalizada dirá: "Gocemos de los bienes, de las criaturas, del vino precioso y de los ungüentos, que no escape la flor de nuestra estación; coronémonos de las rosas de la lujuria, oprimamos al pobre, no respetemos a la viuda ni a los viejos y niños, pues nuestra fortaleza es nuestra ley de justicia, lo débil es inútil, y el hombre justo es inútil y contrario a nuestros deseos". Estas cosas y algunas más han revivido en mi mente al leer los estudios del profesor Jean Lauand, "aquel que viene del Cono Sur con la mochila llena", ¡no vacía! Y es que el lenguaje ha constituido el sustrato empecinado de la actividad investigadora y docente de Jean. No voy a alabar a sabiendas, ni tan sólo voy a alabarle, eso es propio de los estúpidos, y yo no lo soy, a pesar de aquellas palabras bíblicas, "stultorum numerus infinitus est", es decir, "el número de los idiotas es infinito". A más de un profesor universitario, sin lugar a dudas, le va de perilla el dicho bíblico: es tan idiota que no ve más allá de su ombligo, pues ha perdido los otro cuatro sentidos y, por descontado, ni se ha enterado del sexto, el *Lógos*: la mediocridad se ha instalado en las aulas universitarias, pero ¿qué digo 'mediocridad?', "más bien fetidez nauseabunda del estercolero de la ridiculez", me decía, más o menos, un noventa añero del propio Brasil, intelectual él, médico del cuerpo en sus años activos, y ahora médico de las almas en su augusta vejez. La amistad une las fuerzas del cosmos, hace imperturbables los elementos; la discordia impone el sello de la destrucción. Y Jean sabe escuchar la "Sonata núm. 23, en Fa menor, Op. 57 de Ludwig van Beethoven", y sabe cómo habla el "Concierto núm. 2, en Do menor, Op. 18", para piano, de Sergei Rachmaninov. Sin la música de las esferas, sin la música del alma, sin el *Lógos* seríamos halos puramente quejumbrosos. Jean nos lleva al infinito, a los nombres que impuso Adán, acompañado o sin acompañar, pues él solo bien se sabe apañar. Amable lector, si no aceptas a Jean con esa medida que se ajusta al encuentro con el soplo aquel que dio la vida, quema este libro, o mejor regálalo a un amigo que sea "otro igual a Jean". Pues éste no es algo que podamos señalar con nuestro dedo, eso es la ofensa más grave que se le puede hacer, ni es el caparazón dentro del cual se humedece el tejido eterno de la eternidad del alma eterna: no te atrevas a señalarle con tu impune dedo, perderás la vida, y tienes vida, por cuanto tienes alma inmortal, *ergo* "toma y lee", "canta y deambula", que así penetrarás en el entretejido de los escritos lauanianos que tienes entre manos. Jean, pues, no está escondido para protegerse: piensa en Dios, dice cómo son los tontos, habla el lenguaje de los árabes, tiene la sensibilidad del intelectual, que no ha perdido las formas y mucho menos los contenidos: ambas facultades las enriquece al enriquecernos con sus pormenores, puntos de vista agudos, sonidos armónicos, gusto refinado, olfato superior, oído ennoblecedor; y el *Lógos*, ese sexto sentido que le ha entusiasmado desde los mejores años de su juventud: sentido, claro está, físico y, especialmente, sentido del alma, pues escribe sobre los fundamentos de ese filosofar cotidiano, que por ello es tan divino, como Moisés, que con la admiración de lo cotidiano preguntó: "Y tú, ¿quién eres? ¿Quién les digo que eres?". Diles: "Yo soy el que es". Jean corre por esas latitudes filosóficas y teológicas: lo demás está enlazado con ellas. Si alguna etimología puede presentarse mejor es la que el mismo Dios hizo de su mismo

nombre: y quien lo contradiga es un idiota al estilo de los anteriormente citados. "El lenguaje es así un 'laboratorio' para el filósofo", "También la ausencia de palabras en el lenguaje trae consigo una información importante", "La sabiduría del erudito que coincide con la sabiduría del hombre de la calle", "El álgebra como ciencia árabe", "La vida humana es inseguridad... y el corazón humano... acaba por pegarse a pseudo-seguridades", y muchas otras citas más denotan sólo en parte el talante intelectual y humano –y no digamos ya el de investigador y profesor– de Jean Lauand. Y acabaré ya, haciendo una concesión por tratarse de Jean Lauand, "el hombre de lo firme y de lo flexible", escribiendo, mientras escucho a Johann Sebastián Bach –¡Bach sólo para los amigos!– estas ideas pétreas y adamantinas: "el respeto a Dios es fuente de vida", "la mala obra hace al hombre un miserable", "la lengua de los sabios adorna la ciencia", "el lenguaje pacífico es el árbol de la vida", "los labios de los sabios esparcirán la ciencia...; el corazón de los idiotas, todo lo contrario", "el hijo sabio alegra al padre", "la idiotez es el gozo del idiota", "la ley del sabio es fuente de vida", "quien guarda su boca guarda su alma", "un hombre prudente callará", "el principio de la sabiduría es el respeto a Dios". No cito más el Libro de los Proverbios, pero Jean Lauand es algo de todo eso, y algo de todo eso lleva en su mochila.

(do Prefácio ao livro "*En diálogo con Tomás de Aquino*", Ediciones del Orto, Madrid, 2005).

Obrigado, Jean Lauand

João Relvão Caetano

(Pró-Reitor para o Desenvolvimento Institucional e os Assuntos
Jurídicos da Universidade Aberta – Portugal)

Conheci aquele de que vos falo hoje por intermédio de um amigo comum, à época meu orientador de doutoramento, o Prof. Paulo Ferreira da Cunha. Falo-vos de uma pessoa fascinante, cuja obra vale muito a pena conhecer. O seu nome é Jean Lauand.

Jean Lauand e eu nascemos no mesmo dia, a 10 de março, ainda que eu seja mais novo. Atualmente, o meu amigo é professor titular sênior da Universidade de São Paulo, e continua a trabalhar intensa e apaixonadamente. Nele misturam-se, de forma invulgar, a inteligência, a coragem e a generosidade com que se dá a conhecer ao mundo, assim como a ternura (oh, meu Deus, a forma como este homem me escreve um simples email é exemplar!) e a força com que luta pela justiça. As suas palavras tocam o coração da humanidade e, por isso, tocaram o meu, com consequências na minha vida. Fundador da prestigiada revista *Língua Portuguesa*, o meu amigo é um exímio cultor do nosso idioma comum, que liga a todas as circunstâncias da vida, da música à ciência ou ao futebol. É impressionante a forma como cada palavra que usamos ganha sentido na sua boca. É que não são apenas as suas palavras, mas as palavras todas e de todos.

Jean Lauand teve com os estudantes sempre uma excelente relação, que procuro imitar, baseada no respeito e amizade verdadeira. Para ele, impõe-se uma relação personalizada com o estudante, a única que atrai. Foi precisamente em conversa com uma estudante que muito estimo, a Ana Paula Martinho, que tomei a decisão de escrever este artigo. Falava-me a Ana Paula da importância da gratidão na vida e de como as pessoas destroem muitas vezes as relações por não saberem ou querer ser gratas. Não poderia estar mais de acordo e logo me lembrei dos textos magistrais de Jean Lauand sobre a gratidão e, em particular, sobre o significado da palavra obrigado na língua portuguesa, que é diferente das formas de agradecimento em outras línguas. São textos que deveriam ser obrigatórios na escola. Em português não agradecemos da mesma forma que agradece um falante de inglês, alemão, francês ou espanhol. Não que sejamos melhores, mas usamos uma palavra mais rica, que corresponde à forma mais profunda de se agradecer, que implica a obrigação de retribuição. Não se trata do mero reconhecimento do benefício recebido, com no inglês ou no alemão, ou de dar publicamente graças por esse facto, como no castelhano ou francês, mas de nos sentirmos ligados à pessoa que nos faz bem, procurando retribuir esse benefício, não por subserviência, mas por estima ou amizade verdadeira. Quão importante é saber agradecer de forma sincera, dando o que podemos, não importando se é pouco ou muito.

Pois é o que quero fazer hoje falando deste homem simples e extraordinário, para que mais pessoas o leiam e conheçam. Do mesmo modo que quero agradecer aos meus estudantes que ao longo do tempo me deram e dão provas da sua amizade sincera, como é o caso da estudante que referi, embora haja mais. É por estas e por outras que é tão bom viver.

Obrigado!

(Artigo publicado no “Diário de Coimbra”, 24 de setembro de 2019).

Jean Lauand: o mestre, o amigo e a intelectualidade contagiante

Silvia M. Gasparian Colello

(docente da FEUSP)

1981. Estávamos no último ano de Pedagogia da Faculdade de Educação da USP, já com os olhos voltados para a inserção no mercado profissional. Juntas, a ansiedade para colocar em prática a formação universitária e a insegurança para enfrentar a realidade da vida escolar pareciam compatíveis com as expectativas muito objetivas do grupo: como compensar a falta de experiência em um novo (muitas vezes, o primeiro) emprego? Como fazer um bom planejamento de ensino? Como mobilizar a atenção dos alunos em classes tão numerosas? Como lograr uma efetiva aprendizagem com públicos de diferentes idades e segmentos? Qual a melhor forma de alfabetizar ou de ensinar as tabuadas? Nesse cenário de preocupações tão concretas, entra em sala o Prof. Jean Lauand, recém contratado pela Faculdade, para assumir a disciplina de Filosofia de Educação.

A primeira inquietação da turma: “Ora, o que a Filosofia pode fazer por nós em um momento como esse?”. Assim que ele se apresentou, a inquietação virou um grande susto: “um professor com formação em Matemática? Qual é o sentido de fazer mais e mais contas no momento de (supostamente) encerrar a nossa formação pedagógica?” Com base nas experiências (até válidas) que, até então tínhamos tido na Universidade, Filosofia era a história de pensamentos e de pensadores (uma boa disciplina introdutória, mas talvez não como finalização do curso); Matemática, no programa da Faculdade, era estatística, considerações sobre o planejamento da economia escolar ou do financiamento da educação. Definitivamente, a perspectiva de uma “Filosofia com abordagem Matemática” estava muito longe de nossas demandas e necessidades momentâneas!

Apesar do susto, bastaram algumas aulas para perceber o propósito do novo professor. Jean tinha vindo à Faculdade de Educação com o firme objetivo de promover uma compreensão mais ampla do mundo; queria dar sentido à nossa profissionalidade; seu plano era provocar abalos epistemológicos para que pudessemos captar a Filosofia como uma experiência do *mirandum*, do ad-mirar, de um novo olhar de redescoberta da maravilha da realidade cotidiana, principalmente por meio da recuperação da transparência da linguagem. Suas aulas funcionaram, literalmente, como um “desvelar” (tirar o véu) de jovens mentalidades, enriquecendo nossos campos de visão. Nesse contexto, a própria formação e a perspectiva profissional passaram a fazer muito mais sentido. As aulas terminavam e nós continuávamos a discussão sobre os temas trazidos pelo Prof. Jean. Ninguém mais tinha pressa para ir embora. Os alunos corriam à biblioteca ou ao Xerox (muitas vezes, as leituras indicadas eram artigos de jornais ou artigos ainda não publicados escritos

pelo próprio professor) para conseguir os textos das próximas aulas e os conteúdos deles passaram a ocupar espaço privilegiado até mesmo no cafezinho dos intervalos.

Sobre esse impacto, vale perguntar: como aquele professor, tão jovem, conseguia tal movimento reflexivo junto à turma? A resposta é simples (e, ao mesmo tempo, se tornou uma das mais importantes lições da Faculdade de Educação para os formandos daquele ano): contagiando os estudantes pela inquietação de aprender, duvidar e perguntar, vendo o mundo com “novos olhos”, envolvendo os futuros educadores no desafio de conhecer e produzir conhecimento. Jean Lauand, desde aquela época, já revelava a sua “marca registrada” – trabalhar e fazer trabalhar, não pela obrigação, mas pelo entusiasmo. A sua participação em ou organização de aproximadamente 400 eventos acadêmicos, a marca de cerca de 100 livros publicados ou organizados, assim como outra centena de textos em jornais e revistas, os muitos prêmios, e, ainda, o montante de 375 artigos em revistas científicas no Brasil e em muitos outros países são apenas uma amostra desse surpreendente potencial de produção. Uma produção que, para não mencionar os efeitos em uma legião de alunos em diferentes cursos e universidades, multiplicou-se particularmente nos trabalhos de seus 58 orientandos de conclusão de curso, especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Mesmo sem ter sido diretamente sua orientanda, tive o privilégio de, nos últimos 40 anos, participar dessa onda de mobilização intelectual, sendo uma testemunha ativa do mencionado lema Jean – “trabalhar e fazer trabalhar” (com entusiasmo!).

Nos últimos dias da nossa disciplina de Filosofia de Educação, ao dispensar a turma, o jovem professor me pediu para esperar: “temos que conversar”. Sem ter tido a chance de me descartar das preocupações muito objetivas da vida profissional e, no momento, já esperando uma “bronca” do mestre (a suspeita de que, para ter sido chamada, eu deveria ter dito ou feito alguma coisa inadequada), ele me surpreendeu com a argumentação de que eu deveria continuar estudando e optar pela pós-graduação, uma ideia que certamente não tinha passado pela minha cabeça. Essa conversa fez toda a diferença na minha vida, definindo a minha trajetória profissional. Ao longo dela, o Prof. Jean me acompanhou com muita proximidade não só integrando as minhas bancas de mestrado, doutorado, concursos de efetivação (ingresso à carreira docente) e de livre-docência, mas pela convivência amiga e cúmplice nos momentos mais turbulentos.

Na vida acadêmica, o professor se tornou, em menos de um ano (com o meu ingresso como docente da FEUSP), meu colega de trabalho. Entre tantas parcerias, vale lembrar a minha motivação para traduzir uma pequena amostra do “*Manuel pour mon fils*” de Dhouda, um dos primeiros manuais de educação, escrito entre 841 e 843. Esse texto integrou uma das primeiras obras do Prof. Jean, “Educação Teatro e Matemática Medievais” (São Paulo: Perspectiva, 1986). Muitos anos mais tarde, ele também integrou um trabalho meu (“A escola e a produção textual: práticas interativas e tecnológicas”. São Paulo: Summus, 2017), escrevendo um belíssimo prefácio do qual eu muito me orgulho.

Para além dos ricos debates e das parcerias acadêmicas (eu e o Jean chegamos a ministrar disciplinas em conjunto na FEUSP), da convivência no grupo de estudo e pesquisa Cemoroc (Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente do Dep. de Filosofia e Educação da FEUSP), dos trabalhos editoriais e, mais recentemente, da colaboração nas iniciativas de publicação de jovens estudantes (as revistas *Coepta*, das quais muito nos orgulhamos, que se consubstanciaram já em quatro alentados volumes de revistas do nosso Centro: <http://www.hottopos.com/convenit30/index.htm>, <http://www.hottopos.com/convenit31/index.htm> e http://www.hottopos.com/isle34_35/),

a seu lado, tive sempre a voz do equilíbrio e o acesso a um modelo de figura humana exemplar; tive a sorte de poder conviver com esse pesquisador competente e de aprender com a sua seriedade intelectual.



Na vida pessoal, ele soube compreender um momento de fragilidade quando, por conta da doença de meu filho, eu quase desisti da vida acadêmica. Com o seu apoio, eu pude reencontrar o meu rumo. Anos depois, o seu incentivo também foi fundamental para eu assumir o desafio da livre-docência.

A sala 218, que eu compartilhei durante muitos anos com o Jean na Faculdade de Educação, era um verdadeiro oásis na dura realidade da vida acadêmica. Lá, enquanto cada um corrigia suas pilhas de provas no calor de dezembro ou no frio de junho, a gente providenciava um refrigerante gelado ou um chá quente para aliviar o peso do trabalho. Os bons amigos e alunos, de um ou de outro, eram sempre bem recebidos com esses mesmos mimos, mas confesso que também, em alguns momentos, desenvolvemos estratégias para nos livrarmos rapidamente daqueles que só queriam atrapalhar a paz e a alegria do nosso trabalho. Entre as montanhas de arquivos e livros de Filosofia, História, Educação e Psicologia que atulhavam as prateleiras daquela pequena sala, havia um espaço para outras leituras de comum interesse e até mesmo para toda a coleção do Asterix (no original em francês), tabuleiro e peças de xadrez (também para checar as partidas de xadrez medieval, que publicou em seu livro “O xadrez na Idade Média”), gibis em latim etc. Foi lá, na 218, que, as vésperas de depositar a minha tese de doutorado (eu diria: “aos 45 do 2º tempo”), definimos juntos, em meio a uma lista imensa de possibilidades, o título daquele trabalho. Lembro-me também de acompanhar, durante meses, a árdua preparação da sua aula para o concurso de titular “*Logos ludens*, o Deus que brinca em Tomás de Aquino”.

Esse trabalho é, aliás, um exemplo da ousadia do Jean-pensador-pesquisador-docente e da originalidade de seus temas de investigação. Enquanto a psicologia moderna se esforça para situar a brincadeira como uma grande novidade no processo educativo fundamentando essa relação, o professor Jean resgatou com maestria as raízes dessa concepção na história da educação. Por isso, já trazia para suas aulas e publicações temas como os curiosos usos da linguagem, as adivinhas e charadas na Idade Média, os provérbios árabes, o potencial dos jogos no processo educativo, a força das etimologias e alegorias na constituição das culturas e dos princípios pedagógicos. Quando essas abordagens são tomadas nos devidos contextos de época, é possível “aproximar tudo com tudo” como, por exemplo, evidenciar o platonismo no mundo de hoje juntando o grande filósofo grego às canções de Paulinho da Viola (<http://www.hottopos.com/geral/naftalina/poet.htm>), estabelecendo um paralelo entre

a Regra de São Bento e “Se eu quiser falar com Deus” de Gilberto Gil (<https://www.lettras.mus.br/gilberto-gil/16134/>), o sentido da educação e da própria Filosofia aos poemas de José Gilberto Gaspar ou de Adélia Prado, e até o sentido da existência com a arte de Fulvio Pennacchi. Dessa forma, pesquisar ou dar e assistir aulas deixam de ser produzir textos enfadonhos ou dar e assistir aulas no sentido mais estrito do termo “aula”; o que estava em pauta, tanto nas disciplinas como nos escritos do Prof. Jean, sempre foi um convite (quase uma provocação!) aos leitores, estudiosos e alunos para entrar em verdadeiros túneis do tempo e vivenciar os sentidos de uma dada época, o ponto de vista de um grande teórico, as bases de um pensamento e suas implicações até os dias de hoje. Sob a batuta desse mestre, aprende-se com a História, a Filosofia da Educação e da Linguagem sobre culturas constituídas ao longo do tempo por diferentes povos e gerações, mas também, muito mais do que o esperado, sobre as perspectivas do presente e os desafios do futuro na Educação e do filosofar, entendido pieperianamente como a indagação: “*what is it all about?*”. Por essa via, a história deixa de ser passado para ser também um presente vivo; o conhecimento deixa de ser arquivo morto e passa a ser recurso de compreensão, fundamentação de posturas e estratégias de mobilização.



Nesse breve parecer pessoal (certamente parcial e incompleto) como testemunha dos 40 anos de trabalho do Prof. Jean, o que fica é a evidência de um diferencial no âmbito existencial e educativo: a convicção desse nosso mestre de que a magia da vida acadêmica (ensino, pesquisa e extensão) deve incidir sobre um processo de formação efetivamente humano. Esse foi e continua sendo o seu compromisso com todos aqueles que puderam conhecê-lo ou ter acesso a seus ensinamentos. Qualquer agradecimento pessoal a ele configura-se apenas como uma redundância de palavras nunca o suficientemente ditas por todos que tiveram esse privilégio.

Trinta anos aprendendo com o *sensei* Jean Lauand

Chie Hirose

(Doutora e pós doutora pela FEUSP. Alfabetizadora da Prefeitura e Professora das Faculdades Integradas Campos Salles)

Um professor que descortina horizontes

De variados modos, Jean Lauand tem estado presente em minha vida acadêmica desde 1989, quando ingressei na FEUSP. Já no segundo semestre daquele primeiro ano – como todos os alunos que passaram pela FEUSP até 2009 – iria ter aulas de História da Educação na Idade Média com o professor de que as veteranas tanto falavam: erudição fora de série; aulas bem humoradas e deliciosas, que transformavam a visão de educação e até da vida etc. Eu, como as colegas, ficava me perguntando como isto seria possível em um curso de “arqueologia” medieval.

O primeiro impacto, já na primeira aula, foi o de abalar o preconceito e descobrir que uma era – dita tenebrosa – poderia ser revisitada e compreendida de forma até revolucionária. As aulas, repletas de exemplos concretos, instigavam-nos a compreender (também no sentido técnico, sociológico), colocando-nos em contato direto com a condição histórica: como fazer uma simples conta de divisão – por exemplo 4837 / 778 – sem os algarismos arábicos (e sem a chave de divisão): MMMMDCCCXXXVII / DCCLXXVIII? O que dizer sobre a dificuldade de escrever com pena sobre pergaminho (e preparar a tinta...) só com letras maiúsculas (a escrita cursiva só seria inventada bem depois...)?

E a mais surpreendente descoberta, inimaginável para nós: supunhamos que nosso tempo é que estava inovando com o lúdico da educação! E, de repente, éramos lançadas na sala de aula de um mosteiro do século IX, na qual as crianças eram desafiadas com brincadeiras, charadas e pegadinhas. Nossas representações da Idade Média caíam por terra. Na aula, aprendíamos rudimentos de latim para poder entrar nos joguinhos pedagógicos medievais. Por exemplo, descobrimos que o latim tem declinações: o final da palavra mudava se ela exercia a função de sujeito, objeto direto etc. E que em algumas declinações, o acusativo (objeto direto) singular terminava em **M**; e o plural em **S**. JL em suas aulas, praticava o ideal de universidade de seus mestres Pieper e Tomás de Aquino: abertura para o todo da realidade (*Offenheit für das Ganze*); a partir de um ponto qualquer, abriam-se os mais inesperados (sensacionais e inesquecíveis) relacionamentos. No caso, JL explicou-nos que, quando as línguas nacionais suprimiram as declinações do latim, tomaram simplesmente o plural do acusativo: em **S**. O italiano é uma das exceções: o plural foi feito a partir do nominativo (sujeito) das 1ª e 2ª declinações. Por isso, no falar paulistano, estabeleceu-se uma média: plural em **S** nos artigos e sem **S** nos substantivos. Foi a partir do curso de medieval que entendi o “dialeto” de meu bairro, o Bixiga: “*Na festa da Achiropita, os moço viéro e tiraro as moça pra dançar, enquanto os velho comia as polenta*”.

Para explicar-nos o objeto direto em **M**, JL recorria às charadinhas de Alcuíno, o maior pedagogo do século IX:

Se me lês na ordem certa, comes-me; se me lês de trás para diante, cavalgas-me. Quem sou eu?

— — — — —

[quem lembrasse do **M** em verbos transitivos diretos já começaria a acertar:]

M — — — **M**

Resposta: *Malum* (maçã) e *Mulam* (mula)

Outra charada de Mestre Alcuíno, esta para testar vocabulário

Seis letras tenho e não sou pequeno. Se me tiras a 1ª letra, viro banquete pascal. Se me tiras a 4ª sou um dos que presenteou o menino Jesus. Se me tiras a 2ª, a 3ª e a 4ª, viro um ladrãozinho. Quem sou eu?

Resposta: **M A G N U S** (grande)

Sem a 1ª letra, **A G N U S** (cordeiro)

Sem a 4ª, **M A G U S** (mago)

E finalmente, **M U S** (rato)

E aí, mais relações. Uma forma de diminutivo em latim é *-culus*, cubículo é um pequeno cubo; corpúsculo, um pequeno corpo e músculo um ratinho (quem malha adquire um “ratinho” no bíceps). E mostrava-nos um gibi em latim do Mickey (*Michael Musculus*)... Para falar da dualidade (bárbaro-romana), com que Hegel caracterizou a Idade Média, o gibi era o “Combate dos Chefes” do Asterix.

JL tinha acabado de lançar seu livro “O xadrez na Idade Média” e, a partir desse jogo (e de suas regras na época), abria-nos horizontes insuspeitados: que a peça Dama (Rainha) ganhou enorme poder de mobilidade e força, tornando-se a super-peça do xadrez moderno, a partir da figura da Rainha Isabel de Castela etc. JL, quando ninguém falava de “empoderamento feminino”, mostrava-nos também o destacado papel da mulher medieval, apresentando para suas alunas, figuras incríveis, como Rosvita de Gandersheim – a quem simplesmente devemos a re-invenção do teatro no Ocidente – ou a grande educadora Dhuoda etc.

Pedagogia da Admiração

A mesma incrível capacidade de JL de relacionar qualquer tema com a vida cotidiana dos alunos, experimentamos no 4º ano, quando tivemos com ele Filosofia da Educação.

Caíam como uma luva para as teses desenvolvidas em aula, as canções de Paulinho da Viola, Milton Nascimento e tantas outras (inglesas, francesas e italianas). Na época, era muito famosa a sentença de Marshall McLuhan “O meio é a mensagem”, que se aplicava perfeitamente às aulas de JL: aprendemos que nosso ensino deve ser intrinsecamente unido à realidade de nossos alunos. A admiração (a

genuína, que se exerce sobre a realidade do dia-a-dia) foi a lente que eu também adotei para meu magistério e que tenho, até hoje, buscado aprimorar.

Nesse sentido, um dos impactos mais profundos foram as aulas (com aqueles projetores de slides da época...) sobre o pintor Fulvio Pennacchi, que tornou o pensamento de Pieper, literalmente, concreto: na brasileiríssima realidade do povo simples, das paisagens, dos cães e dos pássaros, tudo transbordante de *mirandum* (aquilo que causa admiração), suscitando reverência e amor. Eu, na época, era responsável por uma sala de crianças com deficiência intelectual e, sob o influxo do curso de Filosofia, chamei as crianças para a janela, para contemplarem a beleza das borboletas no jardim da escola (em Cotia, na primavera). Elas debruçaram-se e começaram – cada uma – a “ampliar” a “proposta”: “- Olha aquela flor!”, “- Aquela borboleta está dançando!”, “- Olha uma joaninha ali!”... E de repente eles se entreolharam e a experiência acabou em outro plano, a espontânea descoberta da maravilha que é o ser humano: cada coleguinha e a professora, envolvidos por uma torrente de ternura: “- Como você é bonito(a)!”), abraços e beijos! Foi essa experiência que me fez compreender que a Pedagogia da Admiração transcendia os limites da “normalidade” da razão! E que também era Pedagogia da Inclusão, pois todos eram acolhidos nessa dimensão fundamental do ser humano. Foi um marco definitivo em minha formação de educadora.

A filosofia da arte de Tomás de Aquino fascinou-me a tal ponto que, por minha conta, fui visitar a Igreja de Nossa Senhora da Paz, no Glicério, toda ela obra de Fulvio Pennacchi. Ante as pinturas, esculturas e afrescos, sentada em um daqueles bancos rústicos de madeira, contemplava a figura de Maria, representada como uma humilde mulher do campo, aconchegando o filho em seu regaço, a gente simples do povo no céu com os anjos, o São Francisco com os pássaros..., entrava pelos poros a mensagem fundamental: o segredo do conhecimento não estava nas intrincadas elucubrações de rebuscadas teorias, mas na manifestação do Simples. E me enchi de orgulho de que esta verdade estava amparada pela filosofia que eu tinha aprendido na mais importante faculdade da América Latina.

Acho importante uma citação mais longa (do livro “Revelando a Linguagem”), porque ilustra tanto o valor do simples como também uma constante em todas as aulas de JL: as análises etimológicas que deslumbravam os alunos. Nossa turma teve o privilégio de analisar detidamente essa etimologia de *simplex*:

Simplex, simples era, para os antigos, um grande valor. Ser simples era uma importante qualidade: o próprio núcleo da virtude cardinal da *prudentia*, classicamente a capacidade de tomar decisões acertadas, com base na límpida visão da realidade (*simplicitas*). Hoje, temos dificuldade de apreciar esses valores; para nós, simples tem acepções pejorativas: “aquele que só possui conhecimentos rudimentares”, “aquele que é pobre, que não possui recursos materiais”, “crédulo” (Houaiss); “vulgar, comum, ordinário”, “papalvo, tolo, crédulo, simplório, simplacheirão”, “sem instrução; ignorante” (Aurélio).

Simplex era a visão límpida, não comprometida, do real. O original grego do famoso versículo do Evangelho não fala em puro, bom etc. mas em simples (*haplous*) Mt 6,22: "Se teu olho for *simples*, todo teu corpo será luz". Na análise etimológica de Tomás de Aquino, interpretando esse versículo, encontramos: "*simplex, idest sine plica duplicitatis*": “simples, ou seja, sem a *plica* da duplicidade”.

Plica em latim é dobra, face, *prega* (como as pregas da saia ou da cortina). Quando algo está envolto em dobras é com-plicado. “Para

fora” em latim é *ex-* (ex-portar, ex-pelir, ex-onerar etc.). Tirar para fora das plicas, das dobras é *ex-plicar*. E quem está envolvido nas plicas é *cúm-plice*; já um filme cru (sem dobras que escondam), traz cenas *ex-plicitas*. *Su-plicar* é pedir de joelho dobrado.

A etimologia de *simples* (do latim: *simplus* ou *simplex*) remete, na primeira parte da palavra (*sem*) a *semel*: um só; daí: uma só face (como em alemão: *Einfach*), sem dobras.

Também parece razoável que o nosso “chegar” (pl=ch) seja simplesmente “plicar”. Pois, tal como ocorre em outras línguas, o chegar é náutico, atingir margens (*ar-river*). Ora, quando o navio atinge o destino, a ordem é “plicar”, dobrar as velas porque chegamos. Daí, aplicar uma prova (ou uma injeção etc.) é *fazê-la chegar* ao aluno (ou ao braço) etc. Implicado é algo ou alguém que está nas dobras do caso – e é o mesmo que o *empregado*, enrolado nas plicas da empresa... Já replicar é a volta, que mostra outra face da questão.

Após termos multiplicado um pouco os casos em que aparecem as plicas, voltamos à simplicidade, como característica da visão intelectual do homem reto: visão límpida, insubornável, “que não se acumplicia jamais” (como no discurso da presidenta Dilma) nem se deixa implicar nas distorções da duplicidade, inveja, ciúmes, preconceito, interesses escusos, egoísmos etc.

Estas recordações não são a idealização romantizada dos “bons tempos de estudante”: são a memória fiel de um passado realmente significativa. Tão real que as recordações das aulas de JL são, até hoje – passados mais de 30 anos – pauta “obrigatória” nos encontros (quase) anuais da turma, que leva o nome “Jean Lauand” (algumas recordando que tirávamos até nota 11,0!, o que afastava inseguranças e dava uma duradoura auto confiança). Nas formaturas, em geral, escolhe-se como Patrono algum grande nome da área: Niemeyer para arquitetura, Bernardinho para Educação física etc. Em nosso caso, por unanimidade, nosso Patrono era da casa: JL. E naquele ano, 1991, a reitoria da USP estabeleceu um prêmio “Professor do Ano”, indicado, em cada Faculdade, por sua Congregação. No caso da FEUSP, a Congregação teve que homologar nossa escolha...



Abro aqui um parêntese para falar da introversão de JL, já proverbial naquela época. Tendo sido distinguido 20 vezes em formaturas da FEUSP, soube muito depois (em fofocas dos intervalos dos Seminários do Cemoroc), que ele ia na véspera da Cerimônia, visitar o auditório para estudar rotas de fuga no dia seguinte. Eu, que queria muito uma foto daquele dia, e já intuindo essas estratégias, deixei meus parentes avisados para que esperassem e consegui interceptá-lo a tempo: guardo com carinho a foto com meu Patrono.

Sobre a introversão, JL publicou em 2004 um delicioso artigo, “A ditadura da extroversão”: <http://www.hottopos.com/videtur26/jean.htm>. Hoje, buscando no Google, vejo que a expressão já se tornou lugar-comum e muitos nem citam quem a cunhou (a propósito, em 2014, publiquei uma entrevista com JL sobre plágios que seus escritos sofreram <http://www.hottopos.com/convenit14/19-26ChieElie.pdf>).

Um espaço para o pensamento oriental: o concreto e o corpo

De tão arraigada que está, muitos nem reparam que nossa educação escolar é feita em um viés, digamos, ocidental. Para facilitar a percepção deste fato, tão onipresente e, portanto, quase invisível, apresento um exemplo de uma vivência que tive quando aluna do 7º ano. Meu professor de português (que também era advogado) propôs uma redação sobre o significado das cores de nossa bandeira. Para minha surpresa, ao entregar os trabalhos, chamou-me para dizer que meu texto estava fora de foco. “– Por que, professor?”. “– A cor branca não estava em pauta, pois branco não é cor!”. Tivemos uma discussão porque, para mim, o branco era parte importante do conjunto. Do (meu) ponto de vista oriental, o que não é visível era indissociável das “cores” nacionais. Por mais que eu insistisse, ele simplesmente não entendeu nada do meu ponto de vista e me advertiu para sempre manter o foco de uma redação e não “fugir do tema”. Com meus 14 anos, não podia competir com a retórica do experimentado jurista e amarguei o único C da minha vida escolar.

Se o ocidental – sempre tipicamente falando – fala de uma tristeza que vivenciou, falando de suas causas e efeitos, a sensibilidade oriental prefere indicá-la em elementos concretos que a circundam, como nos versos em que Tom Jobim fala de sua própria angústia: “é o vento ventando, é a chuva chovendo, é um resto de toco...”.

JL, ao resgatar as raízes da cultura antiga em suas aulas, aproximou-se dessa forma de ver o mundo e, anos depois – com seus estudos de árabe e dos Orientes –, aí já plenamente oferecia-nos um enorme espaço de conforto intelectual para quem quisesse romper os limites do viés ocidental: seus inovadores estudos sobre o sistema língua/pensamento (Lohmann), o pensamento “confundente”, a voz média etc. foram importantes contribuições para essa autêntica libertação intelectual. Acho que não foi por acaso que orientou dissertações e teses de professores de chinês (da USP e fora dela), de mestrados em cultura árabe etc. Depois dessas aulas e textos de JL, eu já teria alguma coisa a dizer ao Prof. Denis (acabo de me lembrar do nome dele!).

O concreto – não as montagens abstratas nem as elucubrações teóricas – é a chave do ensino dos Orientes. Em um exemplo do próprio JL, enquanto o ocidental diz, em nível maximamente abstrato (o feio, o bonito) “Quem o feio ama, bonito lhe parece”, o provérbio árabe mergulha no concreto: “O macaco, aos olhos da mãe, é uma gazela”. Em vez de “o feio”, “o bonito”, “o amar”, temos macaco, gazela, olho de mãe. Quando digo que a educação escolar brasileira instala-se em um viés ocidental – o que foi para mim particularmente desconfortável (pois estava na contra mão da formação oriental que recebi em casa desde o berço), quero dizer, entre outras coisas, que ela se pauta mais por adjetivos substantivados e não por macacos e gazelas.

Hoje, como alfabetizadora de escola da prefeitura, tenho reparado que as crianças com dificuldades de aprendizagem e que são filhos de pais analfabetos sentem, de modo particularmente acentuado, o incômodo de ter que lidar com enunciados de rebuscada elaboração redacional dos livros. E percebi que sua cultura “de casa”, a oral, está muito próxima do modo de ensinar dos Orientes. Felizmente, já em minha formação como pedagoga, tive um professor que me preparou para os valores da cultura popular – os orientais *amthal* (provérbios, parábolas, anedotas, teatro saltimbanco etc.) da Idade Média e dos Orientes. Tendo em minhas salas, refugiados da África, emigrantes bolivianos, chineses, nordestinos etc, essa interface (Oriente/Ocidente) é de inestimável valor para meu trabalho docente. E devo isto ao Jean e a seu Cemoroc – Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente do EDF-FEUSP.

E quase morremos de rir quando lhe “propus” mudarmos o nome para **Cemorox** – Oriente, Ocidente e Oxente!

Outro momento memorável do Cemorox foi quando em 2018 dois professores titulares da USP – Aida Hanania, o maior nome dos estudos árabes em nosso meio acadêmico, e JL – foram dar uma série de conferências sobre língua árabe para nossos alunos surdos (minha escola é polo de referência nessa inclusão). Houve profunda emoção e até euforia por parte desses alunos e de seus professores quando constataram que a língua árabe é imensamente mais concreta do que nossas línguas ocidentais: igualzinho a Libras! Isto porque tiveram a mesma sensação de libertação que eu também experimentara (com as aulas de JL): saber que meu modo de situar-me no mundo e de perceber a realidade não era, na verdade, errado ou bizarro, mas simplesmente diferente e portador de seus valores próprios e específicos. E mais: ter este fato homologado por intelectuais do porte de uma Aida e de um JL.



Alunos surdos da EMEFM Vereador A. Sampaio. Entre professores Jean e Aida (Cemoroc), Prof. Eduardo (professor surdo de Libras) e a seu lado Profa. Renata (de Libras)

Os Orientes ensinam com o corpo. O Ocidente, aprisionado na divisão cartesiana mente/corpo, encaminhou sua educação para a mente. Quando quis fazer o doutorado na FEUSP com JL, escolhi o tema do *Chado*, o potencial educativo da cerimônia do chá. A sintonia foi imediata: neste ponto os Orientes se identificam. Em vez de longos discursos teóricos sobre a humildade e o respeito ao outro como base da convivência e da paz, os requintados atos corpóreos do *Chanoyu*: desde a porta baixa

de entrada (que, pelo corpo, sutilmente conduz à humildade de abaixar-se, até o modo de oferecer o chá – de baixo para cima, por reverência ao outro – passando por mil outros detalhes cerimoniais envolvendo o corpo).

É o que JL sempre nos ensinava e que se resume na genial sentença de Guimarães Rosa: “Tudo se finge primeiro; germina autêntico é só depois”.

O papel humano do educador

Ter JL como orientador (é o testemunho unânime de seus orientandos) é, certamente, antes de mais nada, ter um sólido referencial de segurança acadêmica: de rigor metodológico, de pertinência bibliográfica etc. Mas o que quero destacar aqui é algo igualmente importante: as qualidades humanas do orientador.

Primeiramente, um otimismo incorrigível. Por mais principiante (ou naturalmente pessimista...) que seja o orientando, ele sempre se contagia pelo entusiasmo e alegria com que JL acompanha seu trabalho. Nosso esforço é reconhecido, aplaudido e recompensado: as sessões de orientação costumam ser conversas (por vezes longas...) no (antigo) Clube dos Professores da USP, no Estância, no Senzala etc. e – *noblesse oblige* – a conta é por sua conta (não é para abusarem, viu?). “O Jean não indica bibliografia, ele dá os livros” é o que diz Gabriel Perissé, em um vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=LoyZzevGzu8>, minuto 8) no qual conta como foi o seu contato com a obra de Alfonso López Quintás, tema de doutorado na FEUSP que lhe foi sugerido por JL: “Ele abriu o porta-malas do carro dele e estavam lá 30 livros do ALQ: ‘Eu trouxe para você da Espanha!’”. Hoje, Perissé é o representante do Instituto ALQ no Brasil e o editor de suas obras. Além de (co)fundador de nosso “Instituto Jean Lauand”.

Quando fui fazer o pós doutorado em Keirse y e perguntei sobre a bibliografia, ocorreu algo parecido: “Chie, eu vou ter que orientar trabalhos sobre Keirse y e, como importar livros é sempre problemático e demora, eu já comprei por atacado e este kit aqui é para você...”. Definitivamente, nosso orientador não é deste planeta.

Por falar em Keirse y, JL é basicamente um tipo ISFP, para os não iniciados: generoso ao extremo, otimista, tem pouca tolerância para esperas e “mete as caras e resolve”. E, ainda segundo Keirse y, “has to be the kindest of all the types with no near competitors”. Imaginem isto potenciado pela tradição árabe... Daí que, por exemplo, na contra mão da “praxe”, nos artigos em parceria, JL põe a mão na massa, em vez de apropriar-se do trabalho do orientando, muito pelo contrário... Em seu trabalho de orientador, acontece o mesmo que quando JL passa a integrar alguma instituição: de repente, antes de que os demais reparem (atorreados pela velocidade...), começam a surgir mil iniciativas, publicações, eventos etc.

Isto, a que os orientandos de JL podemos nos acostumar e até achar normal, é algo raríssimo no meio acadêmico (que se proclama democrático, mas que, por vezes, mantém ciosamente suas arrogâncias, hierarquias, poderes e distâncias). Minha experiência no mestrado e doutorado no Japão foi de um autêntico feudalismo, onde presenciei orientadores (locais ou formados nas melhores universidades americanas e europeias...) humilhando publicamente seus vassalos.

Sob sua orientação, somos também levados pela mão (quase literalmente...) ao encontro de grandes personalidades do meio acadêmico nacional e internacional, como se fosse a coisa mais natural do mundo: são amigos do Jean... e, portanto, amigos nossos. Produz-se, naturalmente, um ambiente de alegre confiança mútua (e respeito), de *ilusión*, sem barreiras “hierárquicas” e de autêntico intercâmbio e crescimento, (insuspeitado, ou nem tanto...) fruto da admiração que todos temos pelo

mestre. Cria-se, assim, um maravilhoso “círculo” de convivência, que é – para além dos conteúdos científicos – um estilo, um legado que nos marca por toda a vida.

Educação como missão: Boécio

Um encontro inesquecível e indelével foi com “o educador” da Idade Média, Boécio.

As aulas de medieval do Jean eram centradas em temas ligados a figuras históricas. Cada semana era um “filme” novo, com personagens que o JL parecia conhecer pessoalmente. Logo nas primeiras semanas, Agostinho e seu inflamado amor e arrebatadora retórica. Contagiavam-nos seus sermões (instância altamente educativa na época), alguns dos quais JL estava traduzindo e publicando naquele mesmo semestre. Participávamos, por exemplo, de sua dor de cidadão romano (e de um Império cristão) no sermão sobre o saque de Roma pelos bárbaros em 410. Alguns voluntários da classe arriscavam “encenar” trechos de sua pregação em latim, com as devidas pausas e ênfases:

Horrenda nobis nuntiata sunt; strages factae, incendia, rapinae, interfectiones, excruciationes hominum. Verum est, multa audivimus, omnia genuimus, saepe flevimus, vix consolati sumus; non abnuo, non nego multa nos audisse, multa in illa urbe esse commissa.

(Ouvimos falar de coisas terríveis: ruínas, incêndios, roubos, matanças, de pessoas submetidas a toda a sorte de violência. É verdade, ouvimos muitas coisas, por todas elas nos lamentamos, muitas vezes choramos, dificilmente poderemos ser consolados; não contesto, não nego que ouvimos falar de todas as atrocidades que naquela cidade foram cometidas.)

Depois, Isidoro de Sevilha e suas etimologias, adaptando para nós o “jogo das diferenças”, que Isidoro usava com seus alunos. Tratava-se de diferenciar palavras “sinônimas” ou quase, como “importante” e “urgente” (“ter uma boa conversa com você é muito importante, mas urgente mesmo é que eu vá ao toilette”). De vez em quando, proponho a meus alunos do Fundamental I o velho jogo das diferenças: “qual é a diferença entre casa e lar?”

E assim por diante, tudo muito vivo e interessante. Mas o raio fulminante veio quando chegou a vez de Boécio (morreu em 525), que mudou minha vida.

Boécio era um romano nobre e cultíssimo que aceitou o papel de educador na corte do rei Teodorico, para educar os bárbaros, não só analfabetos mas ágrafos! Em vez de ficar lamentando o fim do Império Romano no Ocidente ou de viver plenamente sua vocação intelectual no Oriente, optou pelo martírio (que viria a ser literal) de tentar ensinar algo aos bárbaros, agora a nova realidade na Europa. Como dizia JL, era como se o maior *scholar* do mundo aceitasse largar tudo e ir ensinar rudimentos na Vila Nhocunhé.

Boécio sabia que para preservar a cultura greco-romana nesses novos e sombrios tempos, a única maneira seria sacrificá-la, reduzindo-a a uma compilação de resumos traduzidos das artes liberais, que ele expressava em um desabafo: “Ainda que resumida e precariamente, ao menos aí está um material básico”. Apostilinhas elementaríssimas – de geometria, aritmética, música etc. – somente para manter acesa uma chama, que só viria a ativar-se mais de 500 anos depois. Sem Boécio, não teríamos talvez Euclides, Aristóteles etc.

Só de lembrar isto aqui nesta narrativa, emocionou-me. Na aula, JL nos contava como Boécio acabou executado, o que era previsível: um católico numa corte de arianos, um romano numa corte de ostrogodos, um expoente da cultura grega em um reino ágrafo... Seu livro na prisão, esperando a terrível morte é o “Consolação da Filosofia”.

Por ser esta, uma ocasião especial de homenagem a JL, permitir-me-ei uma confiança, que não me atrevera a fazer em situações normais, porque alguns (tolamente) poderiam tomar-me por presunçosa.

Nesse dia da aula sobre Boécio, voltei para casa cheia de gratidão a esse sábio e com orgulho de ter recebido a cultura que ele preservou para nós. Para a classe, era evidente que, guardadas as devidas distâncias, o professor era o nosso Boécio, empregando a mesma metodologia do “último romano”... E eu, na limitação de minhas modestas possibilidades, resolvi também – guardadas as infinitas distâncias... – empenhar-me em seguir aquele grande educador.

Quando me perguntam por que, sendo “minha praia” a de alfabetizar crianças na escola pública (já há mais de vinte anos), insisto em continuar aprimorando – no Brasil e no exterior –, minha carreira acadêmica (por exemplo com dois pós doutorados), um de meus botões sussurra: “Boécio está sorrindo...”.

Designei meu mestre JL como *sensei* pois, mais do que um mero professor (as conhecidas pesquisas apontam o Brasil tristemente no último lugar mundial de respeito aos professores), é na tradição oriental (infelizmente, hoje, também em declínio) que a apreciação, a reverência e a gratidão melhor se expressam. Meu pai, aos seus 78 anos (e há 50 anos no Brasil), em uma de suas últimas viagens ao Japão, agendou uma visita de gratidão e de veneração, junto com seus colegas da época, à sua anciã *sensei* de 1ª série primária. Imagino a alegria da professora e dos seus antigos alunos! É com essa gratidão e com um profundo gesto de reverência que encerro estas lembranças.

Arigatô, sensei.